



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS I
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE LINGUAGENS

**O CAMPO LÉXICO DO TRABALHO EM CARTAS DE
VAQUEIROS E NEGOCIANTES AO BARÃO DE JEREMOABO**

ELIANE SANTOS LEITE DA SILVA

SALVADOR

2011

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS I
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE LINGUAGENS

**O CAMPO LÉXICO DO TRABALHO EM CARTAS DE
VAQUEIROS E NEGOCIANTES AO BARÃO DE JEREMOABO**

ELIANE SANTOS LEITE DA SILVA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, Departamento de Ciências Humanas – Campus I, Universidade do Estado da Bahia – UNEB, sob orientação da Professora Doutora Celina Márcia de Souza Abbade, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos de Linguagens.

SALVADOR

2011

FICHA CATALOGRÁFICA
Sistema de Bibliotecas da UNEB

Silva, Eliane Santos Leite da

O campo léxico do trabalho em cartas de vaqueiros e negociantes ao Barão de Jeremoabo /
Eliane Santos Leite da Silva . – Salvador, 2011.
133 f.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Celina Márcia de Souza Abbade
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências
Humanas. Campus I. 2011.

Contém referências.

1. Jeremoabo, Cícero Dantas Martins, Barão de, 1838-1903. 2. Cartas. 3. Lexicologia. 4.
Vaqueiros - Bahia. I. Abbade, Celina Márcia de Souza. II. Universidade do Estado da Bahia,
Departamento de Ciências Humanas.

CDD: 809.6

RESUMO

Pretende-se através dessa dissertação apresentar uma análise lexicológica feita em documentos pessoais do final do século XIX. O *corpus* da pesquisa consta de 24 cartas datadas entre 1890 e 1903, enviadas ao barão de Jeremoabo, o Dr. Cícero Dantas Martins - importante figura política e um dos maiores latifundiários do Nordeste, em especial do Sertão e Recôncavo baianos do século XIX - por vaqueiros e negociantes, que estabeleciam relações trabalhistas com o Barão. O conteúdo das cartas é bastante variado, desde assuntos pessoais como pedidos de favores, questões familiares, notícias de parentes distantes, nascimentos e falecimentos, informações relacionadas à política local, até questões sociais, como notícias das condições climáticas (seca, chuvas, etc), e o andamento das produções e negociações nas lavouras e a situação do gado e de outros negócios. O levantamento do vocabulário utilizado nas cartas foi realizado a partir dos fundamentos teórico-metodológicos da Lexicologia, considerando principalmente a proposta da teoria dos campos lexicais, fundamentada na Semântica Diacrônica Estrutural de Eugênio Coseriu (1977). A fim de subsidiar os estudos da pesquisa, recorreu-se também a autores como: Biderman (2001), Vilela (1995), Geckeler (1976), dentre outros. No âmbito da pesquisa geral, foi estruturado o campo léxico do *trabalho* com seus respectivos microcampos (a saber, trabalhadores, animais, males dos animais, elementos da natureza, espaços geográficos, instrumentos e qualificadores) seguidos do levantamento dos significados das lexias e as respectivas ocorrências no texto, ao todo foram registradas 62 (sessenta e duas) lexias. Acredita-se, nesse sentido, ser possível proceder à identificação dos usos lexicais enquanto caracterizadores de uma comunidade, no que diz respeito às suas crenças, valores e costumes, partindo do pressuposto de que há, em toda e qualquer sociedade, uma intensa relação entre as manifestações linguísticas e as manifestações culturais.

PALAVRAS-CHAVE:

Lexicologia, campos léxicos, cartas pessoais, Sertão baiano, vaqueiros, negociantes, Barão de Jeremoabo.

RÉSUMEN

Se pretende a través de este trabajo final presentar un análisis lexicológico hecho en documentos personales del final del siglo XIX. El *corpus* de la investigación es compuesto por 24 cartas con fechas entre 1890 y 1903, enviadas al barón de Jeremoabo, el Dr. Cícero Dantas Martins – importante político y uno de los mayores latifundarios del Nordeste, en especial del Sertão y Recôncavo baianos del siglo XIX – por vaqueros y negociantes que establecían relaciones laborales con el barón. El contenido de las cartas es muy variado, desde temas personales, cuestiones familiares, noticias de familiares lejos, nacimientos y muertes, informaciones respecto la política local, hasta cuestiones sociales, como noticias de las condiciones climáticas (seca, lluvias, etcétera), y el curso de las producciones y negociaciones en las haciendas y la situación del gado y de otros negocios. El levantamiento del vocabulario utilizado en las cartas fue hecho a partir de los fundamentos teórico-metodológicos de la Lexicología, considerando principalmente la propuesta de la teoría de los campos lexicales, fundamentada en la Semántica Diacrónica Estructural de Eugenio Coseriu (1977). Con fines de subsidiar los estudios de la investigación, se buscó incluso a autores como: Biderman (2001), Vilela (1995), Geckeler (1976), y otros. En el ámbito de la pesquisa general, fue estructurado el campo léxico del **trabajo** con sus respectivos microcampos (que sea, trabajadores, animales, males de los animales, elementos de la naturaleza, espacios geográficos, instrumentos y calificadores) seguidos del levantamiento de los significados de las lexías y las respectivas ocurrencias en el texto, en total fueron registradas 62 (sesenta y dos) lexías. Se cree, en este sentido, ser posible hacer la identificación de los usos lexicales en cuanto caracterizadores de una comunidad, respecto sus creencias, valores y costumbres, desde el presupuesto de que hay, en toda y cualquiera sociedad, una intensa relación entre las manifestaciones lingüísticas e las manifestaciones culturales.

PALABRAS-CLAVE:

Lexicología, campos léxicos, cartas personales, Sertão baiano, vaqueros, negociantes, Barón de Jeremoabo.

No princípio criou Deus os céus e a terra.
*Pela fé entendemos que os mundos pela **palavra** de Deus foram criados [...].*
(Gênesis, 1.1; Carta aos Hebreus, 11.3)

AGRADECIMENTOS

Ao Deus Todo-Poderoso, Criador, Sustentador e Provedor de tudo em todos, louvo, adoro e agradeço por ter me conduzido em todos os momentos de minha vida acadêmica, e por me permitir concluir mais essa etapa, estando ainda mais perto dEle, do que estava no início de minha caminhada. Tu és fiel Senhor!

Aos meus pais, José Leite e Creusa Leite, o alicerce de tudo de melhor que hoje sou, e à minha família pela torcida!

Ao meu esposo Salatiel Almeida, por sempre me apoiar para que continuasse o percurso apesar das dificuldades, mostrando seu amor ao entender as distâncias, o *stress* e o cansaço cotidianos. Te amo Sales!!

Aos meus amigos e irmãos em Cristo que torceram por mim, e me acompanharam em oração por essa vitória.

À minha querida orientadora, Professora Celina Abbade, por ter sido resposta às minhas orações em momentos de “turbção” acadêmica, me trazendo calma através de seu excelente trabalho de orientação e acompanhamento. Obrigada por tudo minha pró!

À Professora Conceição Reis, por ter acreditado desde o início em meu potencial, e ter atuado sempre como uma gentil e sincera conselheira. Obrigada Conce!

À Professora Ieda Maria Alves, por ter aceitado tão prontamente o convite para compor minha banca avaliadora, dando-me o privilégio de ouvir suas valiosas sugestões.

À Professora Zenaide Carneiro por ter disponibilizado gentilmente a edição, por ela realizada, dos documentos aqui utilizados como *corpus*.

Aos colegas do Mestrado, especialmente os da linha 2, por tornarem interessantes os encontros das aulas, descontraindo as tensões.

Deus abençoe ricamente a todos vocês.

LISTA DE ABREVIATURAS

adj. – adjetivo

exp. – expressão

s.f. – substantivo feminino

s.m. – substantivo masculino

v. – verbo

v.i.- verbo intransitivo

v.t. – verbo transitivo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 AS CARTAS COMO REVELADORAS DE HISTÓRIAS: RELAÇÃO SOCIEDADE, TRABALHO E LÉXICO	12
1.1 O SISTEMA TRABALHISTA DO SERTÃO BAIANO EM FINS DO SÉCULO XIX	14
1.2 RELAÇÃO TRABALHO E LÉXICO NAS CARTAS DOS TRABALHADORES	17
1.2.1 PROPRIETÁRIO- DESTINATÁRIO: O BARÃO DE JEREMOABO	20
1.2.2 TRABALHADORES- REMETENTES: OS NEGOCIANTES E OS VAQUEIROS	22
1.3 CONSIDERAÇÕES SOBRE A CARTA ENQUANTO GÊNERO TEXTUAL	26
2 CONSIDERAÇÕES SOBRE LINGUAGEM E LÉXICO	31
2.1 BREVE LEVANTAMENTO HISTÓRICO DOS ESTUDOS LINGÜÍSTICOS	31
2.2 ABORDAGENS SEMÂNTICAS DAS QUESTÕES LINGÜÍSTICAS	37
2.3 POSSIBILIDADES DE ESTUDO DO LÉXICO	43
2.3.1 A PROPOSTA TEÓRICA DE EUGENIO COSERIU: SEMÂNTICA DIACRÔNICA ESTRUTURAL	49
3 O CAMPO LEXICAL DO <i>TRABALHO</i> NA ESCRITA DO SERTANEJO	62
3.1 CLASSIFICAÇÃO DAS LEXIAS EM MICROCAMPOS	63
3.1.1 TRABALHADORES	63
3.1.2 ANIMAIS	65
3.1.3 MALES DOS ANIMAIS	71
3.1.4 ELEMENTOS DA NATUREZA	72
3.1.5 ESPAÇO GEOGRÁFICO	74
3.1.6 INSTRUMENTOS	76
3.1.7 QUALIFICADORES	76
CONSIDERAÇÕES FINAIS	80
REFERÊNCIAS	82
ANEXO: TRANSCRIÇÃO DAS CARTAS	87

INTRODUÇÃO

Ao introduzir este trabalho de pesquisa, algumas considerações em relação ao interesse da autora pelo tema vêm à tona, possibilitando uma retomada dos primeiros envolvimento da mesma com a pesquisa científica, no âmbito da Pós-Graduação *Lato Sensu* (Especialização em Estudos Linguísticos - UEFS), concluída em 2006, na qual foi desenvolvida uma investigação linguística, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Zenaide de Oliveira Novais Carneiro, tendo também como *corpus* cartas inéditas destinadas ao barão de Jeremoabo, porém datadas do século XX. Os resultados obtidos levantaram algumas questões, como, por exemplo: que outras abordagens seriam possíveis a um tão rico *corpus*? O que revelariam os demais arquivos já editados desse *corpora*? Por que não intentar realizar outras leituras das cartas?

Assim, foi o envolvimento preliminar com outra parte do material aqui escolhido como fonte que estimulou significativamente o desejo de vislumbrar outros horizontes possíveis para a análise dos textos. Nesse contexto, surgiu o projeto de pesquisa que originou essa dissertação, cujo objetivo maior foi ampliar o olhar investigativo, agora a partir de uma perspectiva lexical, sobre vinte e quatro (24) cartas pessoais, datadas entre 1890 e 1903, enviadas ao barão de Jeremoabo, o Dr. Cícero Dantas Martins, por sertanejos que desenvolviam atividades relacionadas ao gado, e estabeleciam relações profissionais com o Barão, mais especificamente, eram negociantes ou vaqueiros. A pretensão da pesquisa foi realizar o levantamento do vocabulário utilizado nas cartas, a partir dos fundamentos teórico-metodológicos da Lexicologia, principalmente no que tange a proposta da teoria dos campos lexicais, de Eugênio Coseriu (1967, 1977, 1978 e 1979).

Os documentos que compõem o *corpus* foram editados pela Prof^a Zenaide Carneiro (2005) quando da sua tese de doutoramento intitulada “*Cartas Brasileiras (1808-1904): um estudo linguístico-filológico*”. A pesquisadora editou três conjuntos de cartas, que organizou a partir dos destinatários: “Cartas avulsas para vários destinatários”, “Cartas para Severino Vieira” e “Cartas para o barão de Jeremoabo”. As cartas que compõem o presente *corpus* correspondem à “terceira parte”, e totalizam aproximadamente 13% do total, a saber, 24 cartas de um total de 190 da terceira parte. As cartas já editadas foram gentilmente disponibilizadas para ser objeto desse estudo, a partir do contato estabelecido com a pesquisadora, quando da Pós-Graduação. Os

originais dos documentos compõem o Fundo Barão de Jeremoabo e estão acondicionados na Fundação Clemente Mariani (SSA-BA), em regime de comodato.

A fim de apresentar o percurso da pesquisa, o presente trabalho encontra-se assim organizado:

Na primeira seção, intitulada *As cartas como reveladoras de histórias: relação sociedade, trabalho e léxico*, realiza-se a contextualização histórica tanto da época retratada quanto dos documentos que compõem o *corpus*. O texto inicia-se com uma breve reflexão sobre a relevância dos documentos escritos enquanto fontes de informações que configuram a memória coletiva, além da importância dos arquivos enquanto guardiões de história e cultura. No subtópico 1.1, *O sistema trabalhista do Sertão baiano em fins do século XIX*, apresenta-se um breve panorama a respeito do sistema de trabalho comumente desenvolvidos no Sertão, focalizando as profissões do vaqueiro e dos negociantes, e sua relação de dependência para com o barão; considera-se em especial as discussões de Medrado (2008) e Dantas (2007) nesse aspecto. No subtópico 1.2, *Relação trabalho e léxico nas cartas dos trabalhadores*, delimita-se ainda mais a discussão sobre o trabalho dos remetentes a partir, principalmente, do que pode ser lido e percebido em suas próprias escritas, levantando em seguida (subtópicos 1.2.1 e 1.2.2) as principais características biográficas tanto dos remetentes quanto do destinatário. Para compor tal levantamento recorre-se, dentre outros, a Carvalho Júnior (2001), Dantas (2007), Galvão (2001), Medrado (2008) e Carneiro (2005). No último subtópico, *Considerações sobre a carta enquanto gênero textual*, apresentam-se algumas especificidades estruturais da carta enquanto gênero através da exemplificação de tais características em uma das cartas, a fim de observar como a carta conduz o remetente a uma seleção de todos os recursos linguísticos de que necessita para tecer o seu texto, inclusive o léxico; nesse subtópico as contribuições de Bakhtin (1992), Orlandi (2009) e Soto (2007).

Na segunda seção, intitulada *Considerações sobre linguagem e léxico*, objetivou-se expor o referencial teórico-metodológico adotado para a realização da pesquisa, partindo de considerações gerais sobre os estudos linguísticos até focalizar a abordagem dos estudos do léxico (2.3 *Possibilidades de estudo do Léxico*), levantando conceitos e posicionamentos teóricos que conduziram até os estudos lexicais de cunho estrutural propostos principalmente por Coseriu, a respeito da teoria dos campos léxicos. A fim de subsidiar os estudos lexicológicos, foram consideradas as abordagens de Ullmann

(1987), Biderman (2001), Alves (2001), Geckeler (1976), Bechara (2011), Marques (2003), Vilela (1995), Baldinger (1970), Abbade (2009).

Após esta contextualização da pesquisa, propôs-se a terceira seção: *O campo lexical do trabalho na escrita do sertanejo*, na qual foram explicitados os resultados da pesquisa, através da organização do vocabulário das cartas em campos léxicos, já apresentando as lexias seguidas de suas significações e ocorrências no texto. A partir do macrocampo do *trabalho* foram identificados sete microcampos: *trabalhadores, animais, males dos animais, elementos da natureza, espaços geográficos, instrumentos e qualificadores*, sendo que o total de lexias encontradas foi de 62 (sessenta e duas). A proposta de organização em campos, conforme já explicitado, baseou-se em Coseriu (1967, 1977, 1978 e 1979); a fim de estabelecer os significados das lexias foram consultadas as seguintes obras lexicográficas: o *Dicionário da Língua Portuguesa de Cândido de Figueiredo* (1949), o *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* (1986), o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2001) e o *Dicionário zoológico* (1954).

Após as considerações finais e as referências, apresenta-se enquanto anexo, a transcrição das vinte e quatro (24) cartas analisadas. O critério utilizado para a escolha das vinte e quatro cartas que compõem o presente *corpus* foi a atividade laboral desenvolvida pelos remetentes. Assim, foram selecionadas apenas as cartas cujos remetentes eram vaqueiros ou negociantes.

Vale lembrar que a edição considerada e mantida nessa pesquisa foi a proposta por Carneiro (2005), que adotou a edição conservadora. As únicas intervenções efetuadas nos textos foram: a opção em formatá-los de tal forma que as linhas correspondessem ao original dos autores (e não da editora) conforme o fac-símile apresentado por Carneiro (2005); além disso, propôs-se a numeração das cartas a partir de outra classificação: a ordem alfabética dos nomes dos remetentes.¹

A partir das informações compartilhadas ao longo deste trabalho, compreende-se a relevância de preservar os traços deixados pelo homem no passado, a fim que este reconstrua e transforme sua história. Entendam-se esses traços como os testemunhos orais, os registros escritos, as esculturas, as pinturas, enfim, tudo o que envolva o vasto

¹ Como a pesquisa de Carneiro contemplou aproximadamente quinhentas (500) cartas, também com outros destinatários (sendo que as que foram destinadas ao barão de Jeremoabo totalizam 190), a manutenção de sua numeração para este trabalho não faria sentido. No anexo tal correspondência será melhor explicitada.

campo dos sinais, imagens e símbolos. Assim, percebe-se a importância da preservação desses testemunhos históricos, já que o homem somente tecerá a sua história tomando os fios do passado que estiverem a sua disposição, seja no plano físico ou testemunhal. No caso aqui discutido, os registros escritos adequadamente conservados - e por isso mesmo socializados - dão à posteridade possibilidades diversas de estudo e compreensão a respeito da época a que se referem.

Acredita-se, nesse sentido, ter sido possível realizar a identificação dos usos lexicais enquanto caracterizadores de uma comunidade, no que diz respeito às suas crenças, valores e costumes, partindo do pressuposto de que há, em toda e qualquer sociedade, uma intensa relação entre as manifestações linguísticas e culturais. Pretensiosamente se deu voz aos que, pelo tempo e pela morte foram silenciados, mas que, felizmente, pela escrita ainda nos falam. E muito!

1 AS CARTAS COMO REVELADORAS DE HISTÓRIAS: RELAÇÃO SOCIEDADE, TRABALHO E LÉXICO

A relação do homem com o seu meio, objetivando a apreensão da realidade e a sua posterior ação sobre ela, implica em desenvolver uma consciência crítica, a fim de construir sua própria história; ao fazê-lo, o homem estabelece-se na sociedade enquanto agente transformador, não permanecendo passivo, à mercê dos acontecimentos, antes, busca preservar o que seja significativo para si ao longo da História. A partir dessa perspectiva, a cultura humana pode ser relacionada às suas tradições, visto que o homem busca reter tais conhecimentos, saberes e valores com os quais se identifica, através das gerações. Nesse sentido, pode-se associar intimamente a cultura aos processos de transmissão com ela envolvidos, sugerindo que uma cultura não tem sentido de ser, caso não seja perpetuada.

Partindo desse pressuposto, a cultura é entendida como um constructo, através do qual a coletividade se mostra, e, por sua representatividade, configura, e re-configura os fatos históricos. Dessa forma, *cultura* é uma palavra aplicável a quaisquer comunidades, não estando relacionada, em nenhuma hipótese, à presença ou ausência de desenvolvimento, já que quaisquer delas, ainda que inconscientemente, desenvolvem sua cultura simplesmente por preservarem aspectos de sua história que nortearão suas relações sociais:

[...] A cultura é antes de tudo o conjunto de valores e de conhecimentos constituídos em virtude dos quais os humanos interpretam e organizam sua existência.[...] É o depósito de conhecimento e de valores que permeiam a totalidade dos fenômenos humanos e configuram o espaço constituinte do espaço de vida. A cultura, em sentido amplo, constitui o poço de saberes e valores em função dos quais os seres humanos articulam sua consciência coletiva. (SANTOS, 2007, p.35-6)

Nesse sentido, compreende-se a necessidade humana de preservar sua cultura, de modo intrínseco ao próprio processo de desenvolvimento social, através da operacionalização da memória coletiva. Entendendo que o ato de preservar algo está intimamente ligado ao valor a ele atribuído no âmbito social, o que se compreende por cultura implica diretamente sobre a preservação de determinadas fontes, em detrimento

de outras, o que não pode ser visto de modo inocente, antes, levanta outras prováveis leituras e interpretações a seu respeito, re-significando inclusive aspectos da cultura.

Já que essa pesquisa tem como *corpus* um rico conjunto de textos cujos originais estão acondicionados em arquivo público, conforme já explicitado na introdução, cabe uma rápida reflexão sobre a relevância dos arquivos também enquanto parte do processo de preservação da memória.

Sem pretender um aprofundamento no tema da arquivologia, pode-se dizer que é também através dessa ciência que os arquivos permitem ao homem a leitura do mundo, sendo sua mais interessante tarefa a de aguçar a consciência crítica, de modo a facilitar sua ação sobre a história. Daí que a arquivologia preocupa-se com a *informação* trazida pelos documentos que condiciona, em termos de testemunhalidade e fidelidade. A testemunhalidade pressupõe “testemunho”, cujo original (*testimonium*) significa atestar, testificar algo de alguém, fato ou coisa. Da mesma maneira que o documento, o *testemunho* testifica algo de alguém a *outrem*. Quem testemunha afirma o que sabe, o que presenciou, ou seja, o testemunho tem o sentido de presença, de “estar ali” por ocasião do ato, ou fato a ser contado. A fidelidade não pressupõe necessariamente autenticidade em seu sentido estrito, mas sim a veracidade, a fidedignidade do documento ou testemunho. Nesse sentido, os documentos de arquivo desempenham um significativo papel na preservação da memória social e na construção da identidade de um povo. O compartilhar dessa memória, que nas sociedades tradicionais estava incorporada ao cotidiano através da transmissão oral dos costumes, no mundo moderno, precisa ser incorporado a lugares socialmente instituídos para ser produzida e reproduzida. Dentre esses está o arquivo, como lugar legitimado para preservação dos materiais da memória, como assinala Cook (1998):

O controle do passado, e o controle sobre a criação e a preservação do passado pelos arquivos, reflete as lutas de poder do presente, na verdade, sempre as refletiram. Isso tem implicações relevantes para os arquivistas, tanto de arquivos pessoais quanto de arquivos institucionais, e para a profissão arquivística. (COOK, 1998, p. 143)

Resulta daí a importante tarefa de garimpar os textos escritos, a fim de obter deles o maior número de informações relevantes e /ou inéditas possíveis. Quando essas informações referem-se a épocas pretéritas, esse “garimpo” torna-se ainda mais excitante, visto que elas podem oferecer uma perspectiva ainda não cogitada ou uma

informação nova a respeito de determinado fato histórico, atribuindo, em consequência, novos sentidos às leituras até ali construídas. Geralmente, tais informações têm como suporte concreto o papel, material esse sujeito a diversos fatores externos corruptíveis como: umidade do ambiente, ação de animais como roedores, traças, dentre outros, o acondicionamento e manuseio inadequado do material, além da própria ação desgastante do tempo, os quais podem comprometer a integridade física de tais documentos, o que acarretaria na perda de valiosos dados históricos.

Com o objetivo de resgatar esses “tesouros” históricos e linguísticos, o trabalho filológico torna-se imprescindível, visto ser a edição do material textual escrito uma forma de garantir a preservação de dados indispensáveis a diversos campos do saber, como História, Linguística, Direito, Filosofia, Teologia, dentre outros (QUEIROZ, 2006). Como afirma Bosi (1983, p.16): “Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho.” A partir dessa perspectiva, segundo a qual se pode estabelecer relações imediatas entre memória – cultura com trabalho, é que torna-se inevitável uma breve discussão a respeito do sistema trabalhista do Sertão baiano em fins do século XIX, especialmente no que tange à pecuária, já que essa se constituiu como uma das mais importantes atividades lucrativas do Sertão nesse período, para então refletir a respeito do que se mostra nas escritas das cartas.

1.1 O SISTEMA TRABALHISTA DO SERTÃO BAIANO EM FINS DO SÉCULO XIX

Dentre as atividades sócio-econômicas que mais se destacaram no Nordeste da Bahia no século XIX estão a produção açucareira no Recôncavo e a pecuária, em especial a criação de gado, no Sertão. Aqui será focalizada a atividade pecuária a fim de melhor compreender as relações sociais e trabalhistas que ali se configuravam.

Os fazendeiros, enquanto proprietários de grandes extensões de terras, comumente as utilizavam como moeda de troca, já que seus empregados, trabalhadores das fazendas (leia-se as diversas alcunhas: os vaqueiros, roceiros, o trabalhador

regional, o sertanejo), ali desenvolviam suas atividades em troca de viver naquela terra, que mesmo não sendo sua, lhe poderia fornecer abrigo e sustento para sua família.

A respeito dessa forte concentração de poder nas mãos dos fazendeiros, Brandão (2007, p.65) comenta que o “sistema de doações foi ampliado aos senhores de terras, aos potentados rurais, até se chegar aos latifundiários, pois a terra era o principal meio de produção e maior demonstração de poder da época.”. O autor defende ainda que tal forma de produção assemelha-se muito ao modo de produção feudal, diferindo do capitalismo então nascente, já que a produção visava originalmente o fornecimento de carne, couro e bois de serviço às atividades açucareiras do Recôncavo:

Pela condição dos fazendeiros como donos dos meios de produção, a força de trabalho exercida (quando não era escrava, que perdurou até a primeira metade do século XIX) evidenciava-se através da troca da mais-valia do trabalhador sertanejo pelos produtos que eram gerados na fazenda chegando a configurar um paradoxo do sistema capitalista, isto é, relações de produção não-capitalistas dentro do capitalismo. (BRANDÃO, 2007, p.65)

Durante esse período, o gado tornou-se a principal forma de produção no Sertão tanto para a comercialização e exportação, quanto para a subsistência do próprio sertanejo, de modo que

[...] o pouco acúmulo de capital que havia com a venda do gado para os mercados centrais, ficava na mão do fazendeiro e grande coronel de terras [...], estes proprietários que detinham o capital da venda faziam o dinheiro circular em mercados mais prósperos da época. (BRANDÃO, 2007, p.74).

Em sua dissertação, Medrado (2008) discute a configuração sócio-econômica do Sertão baiano, especificamente da região que aqui nos interessa- Jeremoabo (por ter sido ali o local de nascimento do Barão) -, a partir de uma releitura da visão, segundo ela, “romântica” de alguns autores sobre a relação pacífica, extremamente amistosa, dependente e passiva dos vaqueiros para com os fazendeiros. Em contraposição, apresenta as correntes sociológicas que desmitificam tal visão, considerando o vaqueiro enquanto agente em suas relações trabalhistas. Sua proposta foi justamente “[...]”

entender os mecanismos de controle social praticados pelos fazendeiros locais e como os vaqueiros se contrapunham a tal dominação da elite” (MEDRADO, 2008, p.13)².

Com o aumento considerável das posses de terras do Barão, surgiu a necessidade de contar com administradores fieis nas diversas fazendas (e muitas vezes longínquas, em relação a sua residência), que conhecessem suficientemente a região e suas peculiaridades para a criação do gado, a fim de que o seu lucrativo negócio – a pecuária – não viesse a sofrer prejuízos. É, nesse contexto, que surgem algumas figuras que lidavam diretamente com a administração das fazendas: o administrador, o procurador e o vaqueiro.

Medrado (2008) estabelece algumas distinções principais entre eles, a saber, o **vaqueiro comum** era quem lidava diretamente com o gado, organizando os rebanhos e deslocando-os quando necessário, realizando todo o serviço relacionado à criação; o **procurador** era quem resolvia questões mais burocráticas, representando o proprietário por meio de uma procuração, como um administrador de assuntos externos; já **administrador** era quem mediava as negociações, compra e venda, contratação de empregados, além de ser responsável pelo pagamento dos funcionários, das partilhas a as ferras dos animais, etc, o que não os impedia de também lidar com os animais, porém não de forma exclusiva.³

Através de pesquisa às fontes supracitadas, em especial dos inventários, Medrado chegou a resultados numéricos que confirmam as colocações de Brandão (2007) sobre a relevância do cultivo de gado no final do século XIX; especificamente todos os inventários datados entre os anos 1880 e 1888. Os dados apontam que o *gado vacuum* correspondia a 33% dos bens declarados na comarca de Jeremoabo, seguido de bens de raiz (28%), escravos (18%), outros bens (11%) e outros animais (10%). Tais dados conduziram a autora a resumir o perfil sócio-econômico da Jeremoabo da época aqui pesquisada, do seguinte modo:

² Para tal empreitada, a autora buscou fontes até então não consideradas no âmbito da ciência social, como pano de fundo para tais discussões, a saber, os inventários *post mortem*, os processos criminais, parte da correspondência pessoal do barão de Jeremoabo (mais especificamente as escritas por vaqueiros, assim coincidindo com a seleção aqui realizada) e os textos e entrevistas que aludem ao folclore do boi encantado.

³ Medrado (2008) salienta que na correspondência destinada ao Barão de Jeremoabo tanto o administrador quanto o vaqueiro assumem essa mesma denominação. O que também foi percebido nas leituras a tais documentos, que tal distinção (ao menos designativa) não é explícita.

Portanto, a Geremoabo⁴ que encontramos em finais do século XIX era essa: uma região sob domínio de algumas grandes famílias onde a ascensão ou a simples segurança social dependiam do investimento nas relações pessoais de dependência, fossem elas baseadas na parentela, ou nas alianças sociais interessadas (...). Também era uma comarca assolada por secas e guerras políticas, com esparsa identidade econômica, na qual seus habitantes tinham de lidar com a necessidade e o prestígio de ter sua própria criação de animais ao mesmo tempo em que intentavam firmar sua autonomia laboral. Era, ainda mais, um lugar no qual os “mal-aventurados” estavam esperançosos com os “conselhos” sobre os novos tempos, a libertação dos homens e o “mistério da anunciação”. (MEDRADO, 2008, p.50. sic)

É somente após a percepção da importância social e pessoal da criação de gado e das conseqüentes negociações com o mesmo, para e na cultura e vida do Sertão em fins do século XIX, que se passa com mais clareza à exposição sobre a intrínseca relação entre o trabalho e a escrita do homem. Entre o trabalho e o que esses homens-trabalhadores contam em suas cartas.

1.2 RELAÇÃO TRABALHO E LÉXICO NAS CARTAS DOS TRABALHADORES

O trabalho é um dos meios definidores da cultura e das relações humanas, através da análise do mesmo é possível realizar uma incursão nos interesses que motivam toda uma comunidade, visto que, geralmente, o trabalho ocupa grande parte do tempo e das atividades humanas, no que diz respeito a seus anseios pessoais de inserção social enquanto cidadão produtivo.

Ao falar sobre suas atividades laborais o homem articula mais do que palavras ou informações técnicas: ele articula sentidos. A busca pela percepção de tais sentidos imbricados na linguagem do trabalhador tem sido motivação para diversas pesquisas, em especial no trato com o léxico, já que tais sentidos emergem de forma bastante peculiar nas palavras específicas de cada área de atuação.

⁴ Em nota, a autora explica que optou por usar em sua pesquisa a grafia antiga da palavra Jeremoabo. Pela leitura das cartas aqui analisadas, ambas as formas coexistem. A opção feita nessa pesquisa foi pela grafia atual (Jeremoabo).

Nesse sentido, cabe aqui apresentar um conceito bastante rico de léxico⁵, que supera a visão superficial do mesmo enquanto o elencar desconexo das palavras de uma língua, antes o percebe enquanto articulação profunda entre os falantes, seus contextos extralinguísticos e suas vivências:

[...] um conjunto de saberes sociolingüísticos e culturais compartilhados pelos integrantes de uma comunidade. Além disso, o léxico revela o modo como este mesmo grupo interpreta e representa a sua realidade e de como modifica essa mesma realidade, relacionando-se, assim, estreitamente com o percurso histórico dos grupos humanos que o empregam. (SANTOS, 2003, p. 14)

Alves (1997, p.163) também defende um conceito de léxico bastante relevante nesse aspecto, ao afirmar que este é “o nível de análise linguística que mais reflete o universo extralingüístico”. Sob esse aspecto, quando imersas nos contextos particulares, as palavras que adquirem sentido específico (agora enquanto lexias), configuram os falares e passam a servir como representantes linguísticas de determinados falantes, que ocupam determinada função no mundo laboral. É nesse caso particular que irão emergir os vocabulários como representação de uma comunidade, os quais Alves distingue dos usos lexicais gerais:

Na realidade cada indivíduo somente se serve de uma parte restrita do léxico. Neste nível, o termo vocabulário designa convencionalmente um domínio do léxico que se submete a um inventário e a uma descrição. (ALVES, 1997, p.163, em nota).

Daí a relevância da delimitação das amostras de língua a serem analisadas, vinculadas a situação extralinguística em que foram elaboradas, no caso aqui em específico a relação do homem com seu trabalho.

Uma das pesquisadoras que tem se debruçado sobre o tema da relação léxico e trabalho é Dias (2009). A mesma, em sua tese de doutoramento, investigou os falares dos carpinteiros navais do Baixo Sul da Bahia, em uma perspectiva etnolingüística, a fim de perceber como tais imbricações linguísticas se davam na construção da

⁵ No âmbito da presente pesquisa, concorda-se que o léxico pode revelar muito mais a respeito de uma comunidade linguística, daí a proposta de sistematização do mesmo ser diferenciada no que tange, por exemplo, a apresentação das lexias: busca-se, ao invés de uma organização por ordem alfabética, uma ordenação hierárquica dos conteúdos a partir dos significados e das dependências semânticas que estabelecem entre si. Tal leitura dos significados somente será possível a partir de uma compreensão a respeito do falante/escritor e do contexto em que a mostra de língua fora elaborada.

identidade daqueles trabalhadores. Em texto anterior à publicação de sua tese, já amadurecia tal proposta e defendia que “[...] a fala dos trabalhadores sobre sua própria atividade pode ser um recurso valioso para que os mesmos trabalhadores revelem aspectos sobre essa atividade e sobre os fatores que a determinam.” (SANTOS, 2003, p. 10). De modo semelhante, acredita-se que a escrita dos trabalhadores seja tão rica quanto a fala por justamente possibilitar outras e tantas leituras a respeito dos autores não apenas enquanto – aqui no caso em específico- remetentes de documentos pessoais, mas enquanto representantes sociais de um grupo, com o qual se identificava profundamente.

A pesquisa desenvolvida por Isquerdo (2001) também se volta para o estudo relacional entre léxico e trabalho, por sua vez, investigando o vocabulário do seringueiro do Estado do Acre, também com *corpus* oral, propondo que:

[...] no exame de um léxico regional analisa-se e caracteriza-se não apenas a língua, mas também o fato cultural que nela se deixa transparecer. Essa perspectiva de análise favorece uma melhor compreensão do homem e de sua maneira de ver e representar o mundo. (ISQUERDO, 2001, p. 91)

Outra proposta de análise lexical sobre o trabalho, desta vez contando com dados de língua escrita, é apresentada por Abbade (2010), a respeito da produção do sisal, na região de Conceição do Coité- BA. As etapas de sua investigação envolvem a seleção de documentos cartoriais e o levantamento lexical do vocabulário dos mesmos. A proposta teórica é a mesma desenvolvida na presente pesquisa, que segue os princípios teórico-metodológicos da Lexemática coseriana, organizando o vocabulário em campos léxicos. Além dos objetivos linguísticos, Abbade aponta como um dos objetivos da pesquisa a preservação da memória local, já que “Uma língua é a expressão completa de um povo, e fazer a história da língua, é fazer a história da civilização que a utiliza.” (ABBADE, 2010, p. 1760).

O conteúdo das cartas que compõem o *corpus* da pesquisa é bastante variado, desde assuntos pessoais como pedidos de favores, questões familiares, notícias de parentes distantes, nascimentos e falecimentos, até trocas de informações relacionadas à política local e promessas de fidelidade partidária, e também questões sociais, como notícias das condições climáticas (seca, chuvas, etc), e o andamento das produções nas

lavouras e a situação do gado, já que o barão de Jeremoabo (destinatário das mesmas) tinha posses de terra e gados em muitas localidades do Sertão e Recôncavo baianos.

A fim de contextualizar historicamente a escrita dos documentos, além de apresentar dados sobre os remetentes das cartas, o que será feito em tópico posterior, foi interessante também refletir sobre o destinatário dos mesmos: a figura do barão de Jeremoabo, o conhecido Dr. Cícero Dantas Martins (1838-1903). A fim de melhor situar o seu nome na história da Bahia, propõe-se uma breve incursão na sua história familiar, visto que o Dr. Dantas representou, em seu tempo, a continuidade de uma história de influências já estabelecidas no Estado, que possibilitará a compreensão da força das relações mantidas por ele, notadamente percebidas na documentação em análise.

1.2.1 PROPRIETÁRIO- DESTINATÁRIO: O BARÃO DE JEREMOABO

Ao pensar na história do Nordeste da Bahia, século XIX, é necessário que sejam retomados dados específicos a respeito da influência social das autoridades locais, que detinham não só o poderio político, como também econômico. Dentre tais figuras, têm-se os barões, que além do respeito que gozavam na sociedade, podiam apropriar-se das formas de controle social, especialmente pelo alto poder aquisitivo que detinham então.

De acordo com Medrado (2008, p.17), “Geremoabo era uma antiga região de pecuária do extremo Nordeste baiano, que envolvia o povoado de Tapera, e as vilas de Geremoabo e Bom Conselho.”, sendo que toda a região pertencia aos Garcia d’Ávila, a *poderosa Casa das Torres*, durante o período colonial:

A retração dos Ávila, já em meados do século XVII, esteve associada ao anti-lusitanismo que se intensificou no período da Independência política do Brasil e ensejou doações, vendas e abandono de terras. Foi nesse processo que a família Dantas tornou-se importante proprietária na região, comprando terras dos Ávila, anexando-as a outros territórios, **consolidando a criação de gado** e estabelecendo forte vínculo com a política local. [...]

Tudo começou com Baltazar dos Reis Porto, lusitano do Porto, que veio para o Brasil com sesmarias concedidas e confirmadas num tal sertão do Tiuiu. [...] Baltazar foi procurador da Casa da Torre nessa região quando esta família agonizava politicamente. Aproveitando-se ou não disso, em 1754 comprou nas mãos da viúva da quinta geração dos Ávila

um sítio em Itapicuru, na comarca da qual a então freguesia de Geremoabo fazia parte, e fundou aí o Engenho de Santo Antônio do Camuciata, onde iniciou a moagem de cana e fixou residência. Casou-se com Leandra Sancha Leite, filha de imigrantes portugueses que também recebeu sesmarias em Tiuiu. Essa união foi a célula inicial da família Dantas. (MEDRADO, 2008: p. 19. *grifo nosso*)

Administrando as terras da Casa da Torre, os Dantas acumularam grandes extensões rurais, de modo que não foi difícil para Cícero Dantas Martins, já “nascido em berço de ouro”, tornar-se o maior fazendeiro de toda a região do Nordeste. Nascido em 28 de junho de 1838 na fazenda Caritá, município de Jeremoabo, filho do comendador e comandante superior da Guarda Nacional, João Dantas dos Reis, e de D. Mariana Francisca da Silveira Dantas, foi diplomado Bacharel pela Faculdade de Direito de Recife e iniciou-se nas atividades políticas enquanto estudante, além de desenvolver atividades diversas como, por exemplo, as de fazendeiro e industrial.

Dono de 61 fazendas (59 na Bahia e 2 em Sergipe) foi um dos maiores proprietários rurais dos sertões. Na Bahia, suas fazendas se estendiam pelos municípios de Itapicuru, Soure, Bom Conselho, Jeremoabo, Coité (Paripiranga), Tucano, Cumbe (Euclides da Cunha), Monte Santo, Raso (Araci), Curaçá e Santo Amaro. O engenho Camuciata, situado no município de Itapicuru, foi um importante centro de referência no que tange a sua influência política; ali, o barão construiu um novo sobrado para sua residência em 1894. Em 1868, Dr. Dantas, aos seus 30 anos de idade, foi o primeiro e único barão da então cidade de São João Batista de Jeremoabo, posteriormente denominada, a partir de 1903, Bom Conselho. (CARVALHO JUNIOR, 2001).

De fato, sua atuação mais relevante foi na vida política. Com o advento da República, o barão foi eleito senador estadual e participou da Assembleia Constituinte baiana de 1891. Para governador da Bahia, a Assembleia elegeu seu grande amigo e correligionário José Gonçalves; dissolvidos os partidos imperiais, ambos passariam a militar no novo Partido Republicano Federalista. Quando começaram os conflitos que levariam à Guerra de Canudos, o governador da Bahia era Rodrigues Lima (1892-1896); em 1893 o partido se dividiu, dando origem a outros dois: o Partido Republicano Federal (comandado pelo governador Luis Viana) e o Partido Republicano Constitucional (presidido por José Gonçalves e o barão de Jeremoabo) (GALVÃO, 2001).

Uma marca peculiar de Cícero Dantas Martins era a escrita de cartas. Entre os anos de 1873 e 1903, remeteu 44.411 cartas, em uma média de 1.432 ao ano – meticoloso, tomava notas em seu caderno de todas as correspondências enviadas, de mortes, nascimentos, e muitas outras informações com que se confrontasse. Infelizmente, muitas das cartas enviadas por Cícero Dantas Martins não foram recuperadas⁶. Restaram, no entanto, as correspondências recebidas, incluindo, além das cartas, fotografias de personagens importantes da história do Brasil como José de Alencar, Barão de Rio Branco, Barão de Cotejipe, Visconde de Niterói, além de familiares, amigos e outros proprietários rurais.⁷

1.2.2 TRABALHADORES-REMETENTES: OS NEGOCIANTES E OS VAQUEIROS⁸

A fim de situar melhor a escrita dos documentos, propõe-se uma sucinta contextualização histórica a respeito das atividades dos remetentes, a saber, os negociantes e os vaqueiros, a partir de dados que tenham relevância para compreensão da função social determinada por suas ocupações.

A respeito da figura dos negociantes, não se encontraram registros tão significativos seja na historiografia ou na literatura. O que pode ser inferido a esse respeito pauta-se quase exclusivamente no estudo do contexto social da época, no que tange às relações econômicas, conforme já explicitadas no tópico 1.1.

Os negociantes realizavam atividades de comercialização, especialmente do couro, para as cidades do Recôncavo. O couro era utilizado em profusão pelos sertanejos de uma forma geral, para suprir desde atividades cotidianas e elementares até para movimentar fortemente o comércio local. Como aponta Furtado:

⁶ Vide maiores detalhes no endereço: <http://www.fcmariani.org.br>

⁷ As cartas guardadas são uma recém-descoberta e rica fonte de informação sobre períodos da história brasileira, como a Guerra de Canudos. Dando seguimento a este legado familiar, o seu neto, que lhe era homônimo, o deputado Cícero Dantas Martins Junior, destaca-se no cenário baiano, exercendo forte influência política e social, mantendo a rede de contatos estabelecida por seu avô, e perpetuando sua prática de corresponder-se através de cartas.

⁸ A maioria das informações aqui citadas foi disponibilizada por Carneiro (2005) ao apresentar a edição fac-símile dos documentos, antecedida de várias informações de cunho pessoal sobre os remetentes e os destinatários em forma de fichas individuais.

O couro substitui quase todas as matérias-primas evidenciando o enorme encarecimento relativo de tudo que não fosse produzido localmente. Esse atrofiamento da economia monetária se acentua na medida em que aumentam as distâncias do litoral, pois dado o custo do transporte do gado, em condições de estancamento do mercado de animais, os criadores mais distantes se tornavam submarginais. Os couros passaram a ser a única fonte de renda monetária destes últimos criadores. (FURTADO, 2007, p.79)

Também enquanto proprietários de terras vale destacar que os negociantes não competiam com o barão, mas ofereciam aos rendeiros as suas terras (em troca de pagamento), além de comercializarem outros gêneros alimentícios e administrarem casas de farinha, etc. Nesse sentido compreende-se a importância social que gozavam no contexto sertanejo, já que facilitava o acesso da população a determinados produtos. Sobre essa movimentação econômica do Sertão motivada grandemente pela pecuária, em fins do século XIX, de um modo geral, aponta Dantas:

Alguns poucos vaqueiros aventuravam-se terra afora a conseguir pastos e águas para as boiadas; a ocupação das áreas de pecuária equivalia a pequenas manchas distantes léguas e léguas umas das outras. Juntamente com o vaqueiro podiam ser encontrados também uns poucos **rendeiros** que, alijados da terra por não participarem dos círculos do poder, viam-se impelidos a criar seu gado nas propriedades de outrem. (DANTAS, 2007, p.38. Grifo nosso)

A figura do vaqueiro é, geralmente, inserida na historiografia como, desde um forte e valente representante do Sertão, até um submisso empregado que dependia em tudo de seu empregador. A leitura dos documentos aqui escolhidos tem alimentado ambas as perspectivas: ao mesmo tempo em que enfrenta seu cotidiano árduo de trabalho, submete-se às ordens de seus superiores, chamando-os de seu “Amo”.

Nesse sentido, considera-se aqui a visão de Euclides da Cunha sobre o vaqueiro como uma figura emblemática do Sertão, e fortemente atrelado a ele como o *seu* lugar, por justamente ser o “típico” representante sertanejo com as durezas e agruras da rotina laboral. É interessante notar que essa visão ainda permeia o imaginário coletivo, e em especial do nordestino:

Atravessa a vida entre ciladas, surpresas repentinas de uma natureza incompreensível, e não perde um minuto de tréguas. É o batalhador

perenemente combalido e exausto, perenemente audacioso e forte; preparando-se sempre para um reencontro que não vence e em que se não deixa vencer; passando da máxima quietude à máxima agitação; da rede preguiçosa e cômoda para o lombilho duro, que o arrebatava, como um raio, pelos *arrastadores* estreitos, em busca das malhadas. Reflete, nestas aparências que se contrabatem, a própria natureza que o rodeia — passiva ante o jogo dos elementos e passando, sem transição sensível, de uma estação à outra, da maior exuberância à penúria dos desertos incendiados, sob o reverberar dos estios abrasantes. É inconstante como ela. É natural que o seja. Viver é adaptar-se. Ela o talhou à sua imagem: bárbaro, impetuoso, abrupto [...]. (CUNHA, 1985, p. 50. Grifo do autor)

Em um contexto de relações trabalhistas se nota um vaqueiro submisso às atividades que lhes eram delegadas. Além de dedicar-se aos afazeres da fazenda cotidianamente, este servia ao barão como fiel informante e mantenedor dos seus negócios, desenvolvendo uma relação quase sempre amistosa, além de ser, em alguns casos, o representante legítimo do barão em certas fazendas. Nesse sentido, aponta Medrado:

Era, portanto, o vaqueiro quem lidava diretamente com os trabalhadores e negociava eventuais reivindicações, [...] já que representava o dono da fazenda não apenas na sua ausência. Esse fato confirma a idéia de que o vaqueiro era tanto braço direito do fazendeiro quanto porta voz dos interesses dos demais trabalhadores. Sendo assim, o fazendeiro dependia em mais um aspecto do vaqueiro: da boa imagem propagada por ele frente aos outros trabalhadores. (MEDRADO, 2008, p. 94)

A maioria dos correspondentes do barão dependia dele em algum sentido: seja por vínculos familiares, seja por interesses partidários, ou pessoais. No que tange aos vaqueiros, percebe-se tanto essa relação de dependência quanto uma relação extremamente profissional, visto que os mesmos atuavam nas terras do barão como seus administradores, e eram responsáveis por uma importante tarefa econômica.

Os vaqueiros atuavam em propriedades do barão em diversas localidades, como a “Fazenda da Barra” (Cícero Dantas), “Fazenda da Baixa Grande” (Itapicuru), “Fazenda Lagoa do Braz” (Tucano). Os negociantes, além de em sua maioria serem proprietários de terras, desenvolviam outras atividades como: negociante de couro e bode, secretário na eleição do colégio de Jeremoabo para Deputado Geral, político; alguns dos vaqueiros também se envolviam em outras atividades: Conselheiro municipal da vila de Jeremoabo e eleitor de Itapicuru.

O número de cartas analisadas foi de vinte e quatro (24), e o número de remetentes foi de dezesseis (16). Não há uma correspondência direta entre esses números, pois dentre eles, doze enviaram apenas uma carta, enquanto os demais enviaram duas (2), três (3) e cinco (5). Todos eram baianos, oriundos e residentes (à época da escrita) na região do Sertão da Bahia, mais especificamente nos municípios de: Jeremoabo (cinco deles), Itapicuru (dois deles), Monte Alegre (um deles), Serrinha (um deles), Fazenda São José (um deles), Fazenda Cortiço (um deles), Ribeira do Pombal (um deles), Abobreira (um deles), Tucano (um deles), Cícero Dantas (um deles), Vila do Conde (um deles).

De acordo com os dados disponibilizados por Carneiro (2005) todos os remetentes eram alfabetizados; a escolaridade de quase todos os remetentes é indicada como “Escola de Primeiras Letras/ Nível Primário”, exceto de um deles, que era negociante e que apresentava “Aulas Maiores/ Latim”. Quase todos os remetentes mantinham o hábito de escrever sempre ao barão, o que se pode concluir pelo próprio teor informal de algumas das correspondências. Tal informação torna-se importante para o presente estudo, pois a escrita de próprio punho, especialmente de cartas, já revela características mais particulares de seus escritores, que não se sentiam constrangidos ao ter que ditar a outrem suas cartas, revelando-lhe seus assuntos particulares.

1.3 CONSIDERAÇÕES SOBRE A CARTA ENQUANTO GÊNERO TEXTUAL

(...) as cartas privadas não somente transportam palavras transcritas através do tempo e do espaço, mas recriam as circunstâncias do momento de sua enunciação. Desde a saudação inicial, se recria um esquema classificatório que reconstrói a vida social e afetiva dos sujeitos envolvidos no ato epistolar. (SOTO, 2007, p.110)

A fim de melhor compreender a questão dos usos linguísticos relacionados ao léxico, é viável uma breve exposição sobre a composição estrutural das fontes aqui escolhidas, o que possibilitará uma melhor compreensão textual das mesmas.

Segundo Bakhtin (1992), a escrita sempre estará condicionada às intencionalidades, tanto do emissor quanto do receptor. Em se tratando da escrita de cartas, por exemplo, é sob uma maior ou menor influência do destinatário e da sua presumida resposta que o autor seleciona os recursos linguísticos de que necessita (como a seleção do léxico, por exemplo) para tecer o texto com mais cautela, a partir de sua intencionalidade, ainda que o faça de forma inconsciente. Assim, considera imprescindível que, ao analisar questões de língua, se esteja pronto para discutir questões de gênero discursivo, já que os mesmos são a materialidade do discurso:

Os enunciados e o tipo a que pertencem, ou seja, os gêneros do discurso são as correias de transmissão que levam da história da sociedade à história da língua. Nenhum fenômeno novo (fonético, lexical, gramatical) pode entrar no sistema da língua sem ter sido longamente testado e ter passado pelo acabamento estilo-gênero. (BAKHTIN, 1992, p. 285)

Desse modo, a língua reflete mais do que questões estilísticas particulares, mas nos informa muito acerca dos falantes enquanto verdadeiros representantes de uma sociedade, já que os textos que circulam socialmente são testemunhos de que aquele tipo de texto é ou era aceito e legitimado socialmente, sendo que tal legitimação é refletida na e por meio da língua, e perpetuada através dos gêneros. Seguidor das ideias bakhtinianas, Marcuschi (2003) discute os gêneros textuais enquanto “entidades empíricas” que, em situações comunicativas específicas, constituindo-se em formas textuais escritas ou orais estáveis, histórica e “socialmente situadas”, assim, os define como os textos “[...] que encontramos em nossa vida diária com padrões sócio-comunicativos característicos definidos por sua composição, objetivos enunciativos e estilo, concretamente realizados por forças históricas, sociais, institucionais e tecnológicas”. (MARCUSCHI, 2003, p.4)

Em livro intitulado *Cartas através do tempo: o lugar do outro na correspondência brasileira*, Soto (2007) apresenta os resultados de sua tese de doutoramento sobre as formas de tratamento e suas implicações nas mudanças linguísticas, cujo *corpus* de pesquisa foi composto por cartas escritas em diversos estilos e épocas; sua pesquisa, assim como a proposta nesse trabalho, se concentrou em cartas de tipo privadas. Soto discute que a carta inicialmente visa reproduzir uma situação de

diálogo, apesar da ausência física do interlocutor. Levanta inclusive outras características, como:

Há uma certa natureza convencional – de gênero – que associa à idéia de carta a expressão dos sentimentos e da intimidade, enquanto tema, e a uma determinada forma: local e data identificados na parte superior do papel, saudação inicial, corpo do texto, despedida na parte inferior, assinatura e possíveis “PSs”. O texto epistolar parece estar tão claramente definido que **o que seja uma carta se nos apresenta como evidente**. (SOTO, 2007, p.94. sic. Grifo nosso)

Assim que, concordando com Soto, optou-se aqui por traçar suas peculiaridades em linhas gerais, evitando uma densa (e talvez desnecessária) descrição da carta enquanto gênero, antes, demonstrando através de exemplos de trechos das cartas que compõem o *corpus*, como tais características foram materializadas. Escolheu-se para este fim a carta escrita por José Lins Barreto, radicado em Jeremoabo-BA, que atuava como vaqueiro na Fazenda Barra, na região de Bom Conselho⁹, atual Cícero Dantas-BA; seu nível de escolaridade era o antigo primário, e não se tem informações a respeito de sua data de nascimento ou falecimento (CARNEIRO, 2005).

José Lins Barreto inicia sua carta reclamando por não ter sido respondido pela segunda carta já enviada. Indica José Moreno como o portador da carta, e condutor de um cavalo do qual comenta o estado físico para efeito de troca por outro animal de carga, para realização dos trabalhos na fazenda, mais especificamente relacionado aos animais que fogem da manada. Pede um empréstimo em dinheiro ao barão e lamenta sua necessidade financeira, apresentando como justificativa a confiança que goza para com ele. Noticia o barão a respeito da situação do gado, da fazenda em geral, e se queixa a respeito de uma situação específica de negociação de algumas “cabeças de gado”.

A relação de confiança anteriormente citada pode ser percebida já na própria forma de saudação da carta: “Excelentíssimo Sr. Meu Amo” (sic), referindo-se ao barão. Pode-se perceber a recorrência dessa postura submissa (e por outro lado conveniente) em outras cartas de outros vaqueiros, que aqui se apresenta a título de ilustração: “Excelentíssimo Sr. meu Amo”, “Excelentíssimo Senhor Barão de Geremoabo”, “Meu

⁹ A própria indicação do local na carta refere-se “Barras”, antes da datação.

Ammo e amigo”¹⁰. Assim, pode-se perceber como uma ideologia de “submissão necessária” ao barão era perpetuada entre esses trabalhadores, e encarada como algo extremamente normal, visto que dependiam dele financeiramente e socialmente: se fossem dispensados, que outro empregador lhes aceitaria, visto que o grande nome do barão não mais os referendaria? Nesse sentido, o caminho da submissão confundia-se com o do zelo e da extrema fidelidade devotada ao “chefe”. Soto discute essa “marcação do lugar do outro no diálogo” quando aponta que:

[...] as formas de tratamento em nossa cultura [...] revelam algumas das circunstâncias em que nossas crenças e valores com relação à figura do outro aparecem intrinsecamente ligadas à complexidade da vida social e à imagem que fazemos de nós mesmos e de nosso mundo. Sujeitos, constituímos-nos não só no ato em que o **eu** toma a palavra e se autodesigna **eu**, mas quando, nesse mesmo momento, se dá a constituição da figura do outro, do **tu** interlocutor do **eu** na enunciação [...]. (SOTO, 2007, p.29. grifos da autora.)

Também na despedida da carta, pode-se ler: “Sempre as ordens como sabe Con estima Seo vaqueiro obrigado e grato.” (sic). Assim, tem-se uma figura sempre disponível, que de certa forma dispõe sua própria vida em função das ordens e obrigações determinadas pelo barão, (“sempre as ordens”); além de se perceber como *posse* do barão (“seo vaqueiro”), o que se justificaria pela relação trabalhista e a consequente dependência financeira. O trecho “vaqueiro obrigado” já denota a relação de obrigatoriedade e de constante sensação de dívida que se perpetuava para com o barão.

Destaca-se também o seguinte trecho: “Outro sim, **sei do meo compromisso que já tenho comsigo**, tenho percurado meus recurços daqui, daculá, e que hoje estou rezolvido imcomodado, não tenho geito, para ver siassim posso trevessar oresto destacruz(...)” (sic; grifo nosso) Percebe-se que além de ressaltar o “compromisso” já estabelecido com o barão, José Lins expõe as dificuldades que tem enfrentado na lida com o gado, visto que até então não contava com as condições de trabalho mais favoráveis. Aproveitando esse mesmo momento de lembrança do vínculo que havia entre eles, José Lins pede um valor em dinheiro emprestado ao barão, justificando-se antecipadamente com as seguintes palavras: “[...] sei que Vossa Excelentissima (pois

¹⁰ As cartas têm como remetentes, respectivamente, João Vieira de Andrade, João Vitorino de Carvalho, Tiburtino Pereira de Mattos.

assim me disse) não adianta mais dinheiro avaqueiro quem todavia ainda mesmo assim miatrevo, e comfio em sua generozidade que há de miauxiliar no seguinte sentido.” (sic). O que permitia e possibilitava ao vaqueiro assim se dirigir ao barão, com tamanha ousadia e confiança, além das relações cotidianas, era também o prestígio social que gozava, respaldada pelo imaginário coletivo, de que não seria “mais um” vaqueiro, mas “o vaqueiro” que conseguiria transpor os limites antes impostos pelo próprio barão que já havia lhe informado a esse respeito: “pois assim me disse”.

O teor das cartas escritas pelos vaqueiros, de uma forma geral, permite ratificar a imagem sustentada pelo imaginário coletivo em relação a essa figura, como salienta Medrado (2008), visto que a fala dos mesmos deixa transparecer o próprio valor positivo que lhes era conferido pela comunidade. Assim, situam seu lugar de fala, e apropriam-se desse lugar a fim de “justificar” algumas atitudes, que, se não fossem autorizados pelo imaginário social, certamente não tomariam. Percebe-se que essa apropriação não é explícita, mas velada pela própria forma como o discurso se delineia.

Orlandi (2009, p.30) afirma que “[...] os dizeres não são apenas mensagens a serem codificadas. São efeitos de sentidos que são produzidos em condições determinadas e que estão de alguma forma presentes no modo como se diz [...]”. Pode ser percebida essa apropriação no seguinte trecho da carta: “[...] Quero 100\$ de emprestimo, **não adimito que mi os impreste para o futuro**, sim pode crer que tenho grande nescidade, e não deixará de me os mandar [...]”. (sic; grifo nosso). A ousadia com que defende seu pedido é um demonstrativo de que o imaginário coletivo só reforçava sua auto-imagem também como uma “autoridade”, e portanto digno de respeito e apreço. Daí, a segurança no uso da expressão *não adimito*, como se uma resposta negativa do barão referente ao seu pedido, fosse, de certa forma, frustrar o ideal que construía sobre si mesmo.

De acordo com Orlandi, a construção de imaginários não é necessariamente fruto de um único autor/falante, mas decorre de um trabalho coletivo: “O dizer não é propriedade particular. As palavras não são só nossas. Elas significam pela história e pela língua.” (ORLANDI, 2008, p.32). Essa intrínseca relação da história com a língua pode ser percebida de forma incisiva nas cartas, visto que quem escrevia e para quem se escrevia era determinante sobre o quê era escrito.

As relações trabalhistas e pessoais desenvolvidas entre o barão de Jeremoabo e seus empregados delinearam a formação ideológica de dependência dos vaqueiros para

com o barão, o que, conseqüentemente, configurou o discurso de submissão dos vaqueiros, que tentavam engendrar seus textos utilizando-se de elogios, e investindo na confiança de que gozavam, até de forma inevitável, por parte do barão. Assim, percebe-se a forte relação entre o contexto sócio-histórico (determinante da ideologia), a atividade laboral (determinante do discurso, situado a partir de seu lugar de fala específico) e a sua produção textual (perpetuação da prática missiva). Foi justamente a análise dessa prática que proporcionou uma percepção mais ampla do processo comunicativo de então.

2 CONSIDERAÇÕES SOBRE LINGUAGEM E LÉXICO

Aqui, cabe um sucinto levantamento histórico dos estudos da linguagem, no que tange às formas de análise teórica sobre a atividade linguística, mais especificamente as propostas de abordagens mais centradas na palavra e sua relação inevitável com as atribuições de sentido, além das formas de organização e sistematização dos mesmos, objetivando uma melhor contextualização a respeito da perspectiva lexicológica escolhida para esse estudo, através de um recorte epistemológico sobre a linguagem, que melhor situe a reflexão proposta em torno dos estudos sobre o léxico, discutindo-se a relação homem-linguagem.

2.1 BREVE LEVANTAMENTO HISTÓRICO DOS ESTUDOS LINGUÍSTICOS

Um dos primeiros povos – pelo menos é o que se tem registrado - a iniciar reflexões sobre a linguagem foi o povo indiano, aproximadamente desde 800 a 150 a.C. (FISCHER, 2009). Pesquisadores indianos como Panini (aprox. séc. IV a.C.) foram pioneiros na organização e elaboração de tratados sobre a língua considerada sagrada para os hindus, a saber, o sânscrito. As motivações de Panini, ao propor tais escritos, foram em grande escala religiosas, já que o sânscrito era a língua utilizada oralmente nos rituais hinduístas, e apenas um grupo seleta fazia uso da mesma. Houve assim a preocupação em preservar a tradição religiosa e o uso de expressões sagradas, que estavam ameaçadas a cair em desuso. Além da motivação específica, os indianos dedicavam-se às questões linguísticas de forma bastante intensa, organizando e amadurecendo de forma primorosa algumas teorias ainda hoje debatidas, como exemplifica Fischer (2009, p.178):

Comparado com a investigação literária e a especulação filosófica, os primeiros linguistas indianos chegaram à conclusão irrevogável de que a relação linguística entre a forma e o sentido se deve mais a uma convenção arbitrária (costumes da sociedade) do que a uma mimesis natural (cópia dos sons da natureza). Seus estudos semânticos também enxergavam os significados das palavras como criações observacionais, assim como heranças. Os primeiros linguistas hindus assumiram a visão

notavelmente moderna de que sentenças inteiras poderiam compreender unidades linguísticas autônomas (os linguistas ocidentais, que se concentraram durante muito tempo na palavra como a partícula primária da língua, chegaram a essa conclusão pela primeira vez no século vinte).

Assim, iniciou-se o levantamento do funcionamento da língua e seu concomitante registro, de caráter descritivo. Tais registros foram descobertos pelo Ocidente no final do séc. XVIII (PETTER, 2003).

Em seguida, têm-se as contribuições dos gregos, especialmente no que diz respeito a uma abordagem mais filosófica, tendo por figura principal Platão, que buscava identificar se existia e como se dava a relação entre língua e pensamento; e para tal empreitada, buscava relacionar, de forma aplicada, a palavra e seu significado, a fim de perceber se o mesmo era intrínseco à palavra e se havia ou não motivações nas denominações das coisas do mundo; em outros termos, se as palavras eram onomatopaicas /perspectiva naturalista (com o som sugerindo seu significado) ou arbitrariamente mutáveis / perspectiva convencionalista (qualquer mudança linguística seria mera convenção).

Outra abordagem do fenômeno de linguagem foi adotada por Aristóteles, que já focalizava um estudo sobre a estrutura linguística, acreditava que “a língua é convenção, uma vez que os nomes não aparecem naturalmente. Seu entendimento sobre a linguagem era inequívoco: a fala é a representação das experiências da mente.” (FISCHER, 2009, p.182). Buscou representar a palavra como a menor unidade significativa da língua, distinguindo-a a partir da possibilidade ou não de manutenção do significado quando isolada, em detrimento das palavras que funcionam como instrumentos gramaticais (ULLMANN, 1964). Aristóteles deixou forte influência no Ocidente, no que tange aos estudos das partes do discurso, da ordem dos constituintes da frase e das categorias (ou classes) gramaticais, propostas ainda assumidas por muitos estudiosos da língua.

Em continuidade aos gregos, têm-se os gramáticos latinos, como Varrão, que ademais de dedicar-se aos estudos gramaticais numa perspectiva filosófica (como a questão da anomalia X analogia na linguística; a classificação morfológica das palavras, etc) objetivava também atribuir um caráter artístico e científico à língua. (PETTER, 2003). Apesar da expansão do Império Romano, a língua grega não sucumbiu ao latim, ao contrário, muito da cultura e conhecimento gregos foi absorvido pelos romanos,

assim como as propostas de estudos linguísticos, seguindo praticamente os mesmos princípios filosóficos. Nesse sentido, muitas das especulações aventadas pelos gregos e latinos, no que diz respeito aos problemas das mudanças de significado, ainda hoje promovem muitos debates teóricos¹¹.

Durante a Idade Média, a orientação dos estudos linguísticos foi basicamente pedagógica e submetida à teologia, em função dos objetivos catequéticos da Igreja Católica. A partir do século XVI, com o advento da Reforma Protestante, a tradução das Sagradas Escrituras do latim para diversos idiomas, houve a consequente promoção da leitura e da imprensa, além de um contato mais profundo com outras línguas (até então desconhecidas) através do trabalho missionário. Assim, tal contato linguístico foi significativo para induzir uma nova abordagem nos estudos linguísticos: a proposta comparativa, tanto entre línguas latinas, quanto entre essas e as línguas originais em que foi escrita a Bíblia: o hebraico e o grego. Durante os séculos XVII e XVIII tal perspectiva se manteve no auge, já que se defendia que a língua seria produto do pensamento e, portanto, racional, sendo, assim passível de estudos particularizados, já que a estrutura mental do homem, apesar de suas distinções individuais, é uma e só uma. Os estudos das línguas começaram a ser mais particularizados em sua abordagem metodológica (descritiva), ainda que norteados pelo fim comum da comparação:

As novas gramáticas de línguas vernáculas se concentravam na ortografia para alcançar o máximo de compreensão entre povos ainda não unidos em nações. Particularmente entre as relacionadas línguas românicas: italiano, provençal, francês, catalão, espanhol e português, ficou claro que elas não eram simples corrupções do latim clássico, mas sim línguas autônomas que se diferenciavam de modos sistematicamente descritíveis. As línguas vernáculas estavam se libertando do latim ao mesmo tempo e sendo estudadas por seu próprio mérito, como línguas separadas cujas gramáticas eram igualmente dignas de consideração para os estudiosos. (FISCHER, 2009, 194)

No século XVIII, os estudos linguísticos assumiram de fato um viés mais histórico e menos filosófico. Foi a descoberta de antigos textos sânscritos, revelando as abordagens linguísticas pelos indianos, que motivou grandemente estudiosos como

¹¹ A título de ilustração sobre essa questão, Ullmann (1964) afirma que Demócrito distinguia duas espécies de significado das palavras, a saber, quando uma mesma palavra tem mais de um sentido, ou quando um mesmo sentido pode ser expresso através de várias palavras; discussão não muito distante das que são propostas atualmente pela Semasiologia e pela Onomasiologia.

William Jones¹² a buscar a origem comum entre as línguas gregas, latinas, góticas, célticas e persas antigas. Jones propõe duas questões até então não formalizadas como teorias: que as “línguas poderiam estar relacionadas historicamente (ao invés de serem meramente desenvolvidas umas das outras) e que existia uma língua ancestral, a chamada protolíngua” (FISCHER, 2009, p.198).

Segundo Abbade (2006), outras duas perspectivas de abordagem do léxico predominaram até o séc. XVIII: a elaboração de dicionários e o estudo da palavra com um viés mais filosófico. Assim, a preocupação com o registro das línguas não poderia se furtar ao registro das palavras, suas significações e usos, em uma perspectiva mais lexicográfica¹³. Assim, longos e densos glossários, listas de palavras de línguas próximas eram cuidadosamente confeccionados por linguistas preocupados em estabelecer estudos comparatistas.

O século XIX avança com tal proposta, amadurecendo-a ao propor enfaticamente a tese da monogenia, que defende a origem comum de todas as línguas, sendo assim, todos os grupos linguísticos apresentam entre si semelhanças profundas, estruturais, que só seriam percebidas além das particularidades de cada uma, como a fonologia, morfologia ou sintaxe. É o tempo dos estudos comparatistas das línguas, a fim de se chegar ao chamado “tronco comum”, obedecendo a uma lógica mais abstrata de observação: é o florescimento da chamada Linguística Histórica e das gramáticas comparadas (PETTER, 2003).

Vale lembrar que a ênfase nos estudos comparatistas também se justifica pela influência dos estudos científicos desenvolvidos no âmbito da biologia e da física, que, com a eclosão da teoria da evolução, objetivavam freneticamente “provar” as origens comuns dos homens e animais, além de apresentar uma cadeia evolutiva, de modo a mapear tal processo de forma mais clara possível. Nesse sentido, compreende-se que os linguistas tenham se preocupado com a mesma abordagem metodológica notadamente biológica, a fim de atribuir um *status* de ciência aos estudos sobre a língua, que até então, eram considerados como literários e intuitivos, e não gozavam de prestígio no âmbito acadêmico. Assim, termos como “parentesco” entre as “famílias” de línguas, “truncos linguísticos”, “evolução linguística”, foram emprestados das ciências naturais.

¹² Jurista que desenvolvia atividades administrativas – notoriais em Calcutá, e portanto, estabelecia um contato forte com o idioma em sua modalidade culta.

¹³ Adiante serão explicitadas distinções entre as ciências linguísticas que tomam por objeto de análise o léxico.

Dentre os teóricos que se destacaram nesse período tem-se Franz Bopp, que apresentou seu extenso trabalho de pesquisa, em que levantou comparações entre as línguas grega, latina, persa e a germânica. A preocupação de estudos como esses era demonstrar, a partir dos dados de língua disponíveis¹⁴, que tais línguas obedeciam a uma mesma lógica de funcionamento interno e que evoluíam ao longo do tempo, formando uma só família linguística, a indoeuropeia. Assim, se estabelecia o método histórico-comparativo.

Outro nome relevante relacionado aos estudos histórico-comparativos foi o de Jacob Grimm. O mesmo “interpretou a existência de correspondências fonéticas sistemáticas entre as línguas como resultado de mutações regulares no tempo.” (FARACO, 2009, p.32). Assim, enquanto Bopp concentrou-se na comparação inter-línguas buscando estabelecer seu parentesco, Grimm focalizou sua pesquisa em dados de catorze séculos diferentes, apenas com o grupo germânico, a fim de estabelecer a sucessão histórica dos fatos. A partir disso, “[...] ficou claro que a sistematicidade das correspondências entre as línguas tinha a ver com o fluxo histórico e, mais especificamente, com a regularidade dos processos de mudança linguística.” (FARACO, 2009, p.33)

Faraco (2009) aponta ainda a ampliação dos estudos comparatistas nas décadas subsequentes, a partir da criação de áreas especializadas de estudos dos subgrupos específicos das línguas indoeuropeias, especialmente as oriundas do latim, o que proporcionou o desenvolvimento da filologia (ou linguística) românica, tendo como fundador nos estudos sistemáticos o nome de Friedrich Diez (1794-1876), que foi o primeiro a publicar a *Gramática das línguas românicas* (1836- 1843), e o *Dicionário etimológico das línguas românicas*, em 1853.

É a partir do século XX, ainda no auge dos estudos comparatistas, mais propriamente no ano 1916, que dois ex-alunos de Ferdinand de Saussure, publicam postumamente, as anotações de suas aulas, o conhecido *Curso de Linguística Geral* (doravante CLG)¹⁵, amplamente aceito como o “divisor de águas” dos estudos da Linguística, visto que a partir de então se estabeleceria a Linguística chamada Moderna.

¹⁴ No método histórico-comparativo os dados observados eram os textos escritos, a fim de realizar os levantamentos das estruturas de língua.

¹⁵ Aqui cabe uma breve exposição dos conceitos saussurianos relacionados à língua, a partir dos quais se poderá ampliar a exposição do referencial teórico-metodológico aqui adotado, já que sua proposta ainda pode ser percebida como fundamento das teorias que dizem respeito à abordagem lexical.

Em sua proposta teórica, Saussure estabelece como objeto de análise da Linguística enquanto ciência, as manifestações da linguagem humana, mais especificamente a língua enquanto sistema. Suas ideias são sempre apresentadas no Curso a partir de oposições entre conceitos, chamadas comumente de “dicotomias”. É nesse sentido que o CLG apresenta a linguagem como **heterogênea**, (SAUSSURE [1916]: 2006) enquanto a língua como um sistema de signos **homogêneo**. Assim, o caráter mais aberto da linguagem seria o que possibilita outras formas de interação, não necessariamente limitadas às línguas organizadas enquanto sistemas. Tal defesa saussuriana, ainda que com ressalvas, já é consensual no âmbito dos estudos linguísticos, de que as línguas são uma entre muitas possíveis manifestações de um fenômeno mais geral, que é a linguagem.¹⁶

Mas o que é a língua? Para nós ela não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. Tomada em seu todo, a linguagem é multiforme e heteróclita [...] ela pertence além disso ao domínio individual e ao domínio social, não se deixa classificar em nenhuma categoria dos fatos humanos, pois não se sabe como inferir sua unidade.

A língua ao contrário, é um todo por si e um princípio de classificação. Desde que lhe demos o primeiro lugar entre os fatos da linguagem, introduzimos uma ordem natural num conjunto que não se presta a nenhuma outra classificação. (SAUSSURE [1916]: 2006, p.17)

Quando se refere ao “conjunto”, no qual a língua se insere, Saussure sugere o estabelecimento da Semiologia enquanto ciência dos signos, mais generalizante, por abarcar todas as possibilidades de formas de linguagem, enquanto que a Linguística estaria nela inserida, como um de seus ramos, por apenas tratar dos fatos de língua.

Além da dualidade linguagem X língua, e a fim de caracterizar mais profundamente a língua – já que a mesma será o foco dos seus estudos – o CLG apresenta outra dicotomia amplamente debatida: a distinção entre língua (*langue*) e fala (*parole*). Assim, distingue a mera fonação (das palavras) dos sistemas de signos, já que estes seriam significativos no sistema, e em consequência deveriam ser estudados –

¹⁶ Daí ter-se dito no início desse capítulo que a linguagem sempre esteve historicamente relacionada à necessidade humana de comunicar-se, o que explica sua busca por formas mais elaboradas de fazê-lo, especialmente a partir da utilização da língua enquanto sistema organizado, independentemente de contar ou não com o código escrito.

nesse caso, os fenômenos fonéticos- visando destacar sua relação com a língua, apresenta ainda como distinção, o caráter essencial e social da língua em detrimento do secundário e individual da fala.¹⁷ Desse modo, Saussure defendia que o objeto de estudo da Linguística Moderna deveria ser a *langue* em uma perspectiva **sincrônica** (já que trataria da realidade da língua, assim considerada pela própria massa falante), enquanto sistema (portanto, fenômeno social) composto por elementos lexicais, gramaticais e fonológicos, todos mantendo entre si uma relação de interdependência, portanto, formando uma estrutura.

A abordagem saussuriana da língua como sistema, e a perspectiva de análise dos dados como componentes de uma estrutura foram esboçando o que seria perpetuado como Linguística Estruturalista. O que conduzirá a abordagens mais aprofundadas e a determinação de métodos mais rígidos e bem definidos dos dados de língua, especialmente no que diga respeito ao tratamento do significado, considerado como um entrave nas investigações linguísticas devido a sua amplitude. Assim surgiam perguntas do tipo: como determinar o sentido de uma palavra? Como acompanhar o célere processo de atribuição de sentidos pelos usuários da própria língua? Que outras abordagens podem ser conferidas às significações que ultrapassem as já conhecidas técnicas dicionarísticas? Foi intentando encontrar respostas a questionamentos como esses que os linguistas estruturalistas do século XX passaram a repensar as antigas percepções limitadoras a respeito das significações e atribuíram um caráter mais “científico” ao tratamento dos dados de língua.

2.2 ABORDAGENS SEMÂNTICAS DAS QUESTÕES LINGUÍSTICAS

Ainda no século XIX, mais propriamente a partir de 1883, Michel Bréal propõe o termo “Semântica” como o campo do saber que abordava prioritariamente as leis que determinam mudanças de significado, a escolha de novas expressões, a morte e o

¹⁷ Outras dicotomias propostas procuram distinguir significado X significante linguísticos; elementos externos X internos da língua; fala- essência da língua X escrita-representação da língua; sincronia X diacronia, porém, como o presente estudo não é de ordem histórico-filosófica não serão abordadas profundamente todas as dicotomias saussurianas. Aqui, é interessante apresentar mais pontualmente as questões teóricas apresentadas no *Curso* que influenciaram diretamente nos métodos de investigação dos fatos de língua no século XX, como por exemplo, a relação sincronia-diacronia, justamente por se propor uma investigação fundamentada na teoria de Eugênio Coseriu, que questionou, nesse aspecto, a proposta saussuriana.

nascimento de palavras. Guiraud (1972), em sua obra *A Semântica*, buscando elencar os conceitos para a nova ciência, apresenta as suas relações com outros campos do saber¹⁸, a fim de elucidar os múltiplos sentidos a ela relacionados ao longo do tempo, e absorvidos por outras ciências:

Semântica, palavra formada do grego *sêmainô* (significar), este, por sua vez derivado de *sema* (sinal), é, em sua origem, o adjetivo correspondente a “sentido”: uma mutação semântica é uma mutação de sentido, o valor semântico de uma palavra é o seu sentido; após ser aplicado à palavra, o termo é aplicado a qualquer sinal [...] (GUIRAUD, 1972, p. 8)

O autor apresenta três principais ciências preocupadas diretamente com questões semânticas, o que chama de “as três semânticas”, o que implica em abordagens distintas para o problema do significado, como o enfoque da Psicologia, que envolve o emissor e receptor no ato comunicativo; o enfoque da Lógica, por relacionar o signo à realidade e o enfoque da Linguística que foca as regras específicas de cada sistema de signos. Após Guiraud (1972, p.12, 15) apresentar os limites da semântica linguística, distingue os conceitos de significação e de sentido, ainda que comumente sejam entendidos como sinônimos perfeitos. Enquanto o primeiro seria um “processo psicológico”, denotando atividade, “que associa um objeto, um ser, uma noção ou um acontecimento a um signo¹⁹ capaz de os evocar [...] (sic)”; o segundo expressa um “valor estático como imagem mental resultante do processo” de significação. Por isso, especifica que a preocupação da Semântica é justamente com o sentido, por ser este mais concreto. Assim se compreende que o processo de significação, por envolver outras estruturas que não apenas a linguagem enquanto expressão, não deve ser discutido exclusivamente por uma única ciência, mas conta com leituras e interpretações de diversas outras áreas do saber, devido à sua importância e seu caráter universal, ultrapassando as línguas particulares.

¹⁸ Ramanzine (1990) também apresenta, de forma bastante didática, tais relações da Semântica com outras ciências.

¹⁹ Entenda-se signo como um estímulo associado, que proporciona a significação como uma espécie de suporte representativo. O autor discute que socialmente são os signos que possibilitam a efetividade da comunicação, visto que envolvem relações de experiência humana, sendo eles naturais ou artificiais, proposta que retoma a saussuriana, a partir da qual o signo invoca significações arbitrariamente, a depender de seu significante. (Cf. Guiraud, 1972, subtópico “Arbitrário e motivação”, no qual discute a questão da arbitrariedade do signo e/ou a convencionalidade dos sentidos que evoca.)

Na mesma obra, Guiraud (1972) faz ainda um levantamento histórico das diversas abordagens da Semântica numa perspectiva estruturalista, especialmente às correntes europeias, já que a Semântica americana se desenvolveu de forma muito tímida. Nesse sentido, inicia sua abordagem retomando conceito saussuriano da língua enquanto sistema estruturado. Por conta de tal estruturação é que sugere uma abordagem das palavras de forma a considerar sua articulação com os demais componentes da língua, já que “o todo compõe estruturas coerentes” (GUIRAUD, 1972, p.83).

Utilizando a metáfora do funcionamento do corpo humano em suas interdependências sistêmicas, defende que quaisquer tipos de criações morfológicas ou semânticas perpassam pela “existência de estruturas formais e conceituais no interior do léxico” (GUIRAUD, 1972, p.84), obedecendo a uma relação entre as palavras. Apresenta a ideia inicial ventilada por Saussure de “rede associativa” segundo a qual se perceberia de forma esquemática e estruturada as referidas relações entre as palavras; ideia amadurecida justamente pelos semanticistas que lhe sucederam.²⁰ Tal perspectiva atribuíria um sentido estrutural aos signos, que seria o lugar que ocupam no sistema, sempre estando relacionados a outros signos, no caso, as palavras do vocabulário.

Trier (1931)²¹ propôs um estudo diacrônico do vocabulário alemão dos séculos XIII e XIV, no que tange à conceituação de “conhecimento”. Constatou que o mesmo se organizava inicialmente a partir de três signos distintos: sabedoria, arte e artifício. Percebeu que um século depois já havia ocorrido uma significativa alteração de sentido, ocasionada pelas modificações socioculturais ocorridas na Alemanha, e em consequência, houve a substituição dos termos anteriores, o que acarretou em novas delimitações dos conceitos; assim, “[...] é que as palavras formam um ‘campo linguístico’, recobrando um campo conceitual e exprimindo uma visão do mundo cuja reconstituição elas possibilitam” (GUIRAUD, 1972, p.90.). Assim, o campo conceitual ocupa todo o campo do real, sem deixar frestas por preencher, à semelhança de um

²⁰ Weisgerber (desenvolveu sua teoria entre 1924-1933) foi um dos que ampliaram tal discussão sobre a interdependência entre os conceitos e as palavras, propondo que cada povo teria sua própria forma de organização dos conhecimentos, a exemplo da gradação das cores, que poderia ser reestruturado a partir da visão que os antigos propuseram; desse modo, foi precursor de Trier nos estudos dos campos linguísticos, ou campo de palavras.

²¹ Guiraud (1972) aponta a obra *Der Deutsch Wortschatz im Sinnbezirk des Verstandes*, de 1931, na qual J. Trier publicou sua pesquisa.

quebra-cabeças, no qual cada peça ocupa sua posição específica, a partir de suas particularidades.

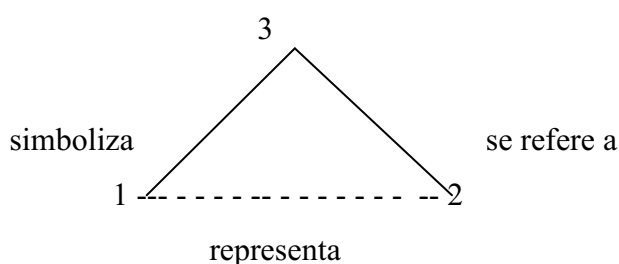
Desse modo, o surgimento de uma nova palavra no léxico da língua não alteraria o sentido geral do mesmo, pois será absorvida pelo próprio sistema, compondo algum campo semântico afim. Tal campo semântico se organizaria internamente com coerência a partir dos sentidos evocados pelas palavras, porém não se levou em conta como os campos se articulam entre si, compondo o todo lexical. Foi essa lacuna que levou Bally (década de 40) a propor a ideia de campos associativos, sugerindo a existência de um campo que permearia os outros, a partir das similitudes significativas que evoca, o que difere da busca puramente sinonímica do sentido das palavras, dando lugar a uma relação de equivalências. Marques (2003) e Guiraud (1972) apresentam a clássica ilustração proposta por Bally transcrita a seguir:

O campo associativo é um halo que circunda o signo e cujas franjas exteriores se confundem com a sua ambiência [...]. A palavra *boi* faz pensar: (1) em vaca, touro, vitelo, chifres, ruminar, mugir, etc.; (2) em lavoura, charrua, jugo, etc.; (3) ele pode suscitar e suscita, em francês, idéias de força, resistência, trabalho paciente e também de lentidão, peso, passividade. (BALLY, 1940, p.195; apud MARQUES, 2003, p.49. sic)

A linguagem figurada (comparações, metáforas, provérbios, construções estereotipadas) intervém como reativo: considerem-se expressões tais como: ‘ruminar uma idéia’, ‘colocar o carro adiante dos bois’, ‘um pé-de-boi’, ‘êle trabalha como um boi’, ‘forte como um boi’ etc. (BALLY, 1940, p.195 apud GUIRAUD, 1972, p.91)

Em obra relevante e de leitura obrigatória sobre os estudos semânticos, *Semântica* (1964), Stephen Ullmann, já no prefácio, deixa claro que as pesquisas de cunho semântico ganharam fôlego somente a partir da nova visão de língua enquanto estrutura organizada e composta por elementos interdependentes, além considerar o papel das palavras na própria organização do pensamento. Assim, Ullmann delimita sua abordagem semântica à significação das palavras, o que, a partir da densidade de sua obra, já pode ser considerado um campo de pesquisa bastante amplo. Ullmann estabeleceu suas doutrinas de cunho sincrônico a partir do triângulo de Ogden & Richards (discussões da década de 20, aproximadamente em 1923) propondo-se a abordar o domínio do conteúdo com métodos mais precisos, tanto no nível pragmático quanto no sintagmático, e revela influência de Saussure ao defender o recorte sincrônico.

Assim, Baldinger (1970)²² apresenta a relevância de conceitos saussurianos como significado e significante para a compreensão da proposta do esquema triangular de Ullmann (1964), numa versão mais simplificada do triângulo de Ogden & Richards, enfatizando o caráter “bipolar” do fenômeno linguístico, sendo intermediado pela própria realidade extralinguística, daí a linha que representa a base do triângulo ser pontilhada, visto que as representações possíveis da realidade a partir dos significantes percebidos/utilizados pelo falante não serem únicas ou inflexíveis, especialmente por serem, de acordo com Saussure, arbitrárias.



Sendo:

1= significante, imagem acústica ou nome

2= realidade, coisa

3= significado, conceito (objeto mental), sentido

Baldinger (1970) discute ainda mais profundamente as diversas possibilidades de relação entre significante, significado e realidade. Defende a não motivação das atribuições de sentido aos objetos (e sua não relação com a realidade), ao apresentar os possíveis contra-argumentos como a questão das onomatopeias, da etimologia popular e a motivação indireta, como manifestações também dotadas de certo nível de abstração, sujeitas a modificações fonéticas e semânticas, e que, portanto, não seriam necessariamente relacionados, apresentando como exemplo os diversos nomes existentes em línguas diferentes, para os mesmos objetos²³:

Pero a estos dos elementos, la imagen acústica y la representación esquemática evocada por ella se une aún en tercer lugar un fenómeno extralingüístico, la realidad misma. La imagen acústica *mesa* sólo evoca

²² Baldinger também se fundamenta em Saussure a fim de melhor amadurecer sua proposta de uma semântica estrutural, no que dialoga com as discussões então contemporâneas a Coseriu.

²³ Essa questão sobre a nomeação será melhor explicitada nesse trabalho na apresentação das lexias em campos.

una representación esquemática de la cosa, [...] la categoría [...] (BALDINGER, 1970, p.26)²⁴

Levanta ainda a questão da polissemia enquanto outra possibilidade das atribuições dos sentidos, já que “la misma imagen acústica puede ser símbolo de distintas realidades, es decir, puede tener distintos contenidos o significaciones”, deste modo, “toda una serie de acepciones conduce a toda una serie de representaciones u objetos mentales” (BALDINGER, 1970, 35)²⁵. A partir dessa multiplicidade de possibilidades de conceitos que uma palavra pode assumir, conclui que o falante somente poderá decidir por qual deles optar caso leve em conta o contexto, que será o responsável pela referida “fijación del significado en una situación lingüística concreta” (BALDINGER, 1970, 36)²⁶. Nessa pesquisa, é a partir dessa perspectiva que se buscará a fixação das significações, já que a proposta dos dicionários baseia-se nas definições apenas das palavras a partir das diversas situações textuais e não, necessariamente, contextuais.

Baldinger discute ainda sobre a dificuldade linguística de nomeação, já que normalmente se associa o objeto mental a ser nomeado à realidade extralinguística: os limites entre ambas é muito impreciso e tênue, já que a realidade não pode ser experimentada ou mensurada de uma única forma por todos os seres, antes, questões culturais, sociais, etc, estão implicadas nesse processo de estabelecimento de sentidos; assim, “[...] las nomenclaturas vuelven a ser arrastradas por el lenguaje hacia la elasticidad de lo impreciso” (BALDINGER, 1970, p.50)²⁷. A este respeito, cita Coseriu²⁸ que também discorda da ideia de que é a realidade que determina as nomeações, defendendo que as mesmas são motivadas (se é que assim possam ser consideradas) a partir da própria língua:

²⁴ Mas a estes dois elementos, a imagem acústica e a representação esquemática evocada por ela, se une ainda em terceiro lugar por um fenómeno extralinguístico, a própria realidade. A imagem acústica *mesa* somente evoca uma representação esquemática da coisa, [...] a categoria [...]. (Tradução livre)

²⁵ A mesma imagem acústica pode ser símbolo de distintas realidades, quer dizer, pode ter distintos conteúdos ou significações, deste modo, toda uma série de aceções conduzem a toda uma série de representações ou objetos mentais. (Tradução livre)

²⁶ Fixação do significado em uma situação linguística concreta. (Tradução livre)

²⁷ [...] as nomenclaturas voltam a ser arrastadas pela linguagem até a elasticidade do impreciso. (Tradução livre)

²⁸ COSERIU, Eugenio. Das Phänomen der Sprache und das Daseinsverständnis des heutigen Menschen [El fenómeno de lenguaje y la comprensión de la existencia del hombre actual], sep. de **Die Pädagogische Provinz**, núm. 21, 1967, p. 11-28 (traducción de L. LÓPEZ MOLINA).

La significación es creación de la experiencia humana. Pero esta creación no se ajusta a delimitaciones o líneas divisorias dadas *con anterioridad* al lenguaje. En principio, esta creación podría ser completamente distinta, y, de hecho, diversas lenguas representan diversas creaciones de significación, así, las lenguas particulares no son sólo nomenclaturas distintas, desde un punto de vista puramente material, para interpretar cosas ya dadas, sino más bien redes de significación que organizan de diferentes maneras el mundo experimentado. O, dicho de otro modo: el lenguaje no es *constatación*, sino *delimitación* de fronteras dentro de lo experimentado [...] en realidad, la creación lingüística *puede* pero no *tiene que* corresponder a delimitaciones objetivas [...]. (COSERIU, 1967, apud BALDINGER, 1970, 50-51. Grifos do autor)²⁹

A ideia coseriana de entender a língua como “redes de significação” aproxima-se muito da proposta saussuriana da língua enquanto sistema: seus elementos não podem ser analisados isoladamente, mas oriundos e ao mesmo tempo coexistentes em um contexto específico de uso.

Buscar-se-á doravante especificar a implicação de tal abordagem para o tratamento dos dados de língua no que tange aos estudos do léxico, apresentando suas possibilidades e, posteriormente, esboçar a perspectiva teórica e metodológica de Eugenio Coseriu.

2.3 POSSIBILIDADES DE ESTUDO DO LÉXICO

Antes de apresentar os pormenores da proposta teórica da vertente estruturalista aqui escolhida como norteadora deste trabalho, cabe definir o que se entende por léxico, já que esse foi o recorte escolhido na abordagem do *corpus*, e quais as possibilidades dos estudos especificamente lexicais.

A priori, pode-se compreender o léxico como a totalidade das palavras de uma língua. Assim, qualquer pesquisa que se debruce sobre o estudo da palavra estará, de

²⁹ A significação é criação da experiência humana. Mas a criação não se ajusta a delimitações ou linhas divisorias dadas *com anterioridade* à linguagem. A princípio, esta criação poderia ser completamente distinta, e, de fato, diversas línguas representam diversas criações de significação, assim, as línguas particulares não são somente nomenclaturas distintas, desde um ponto de vista puramente material, para interpretar coisas já dadas, mas também redes de significação que organizam de diferentes maneiras o mundo experimentado. Ou, dito de outra maneira: a linguagem não é *constatação*, mas *delimitação* de fronteiras dentro do experimentado [...] na realidade, a criação lingüística *pode* mas não *tem que* corresponder a delimitações objetivas. (Tradução livre)

algum modo, focalizando o aspecto lexical da língua. São as especialidades de abordagem da palavra que possibilitam definições mais precisas de léxico. Assim, como a abordagem deste trabalho concentra-se nas palavras e em seus significados a partir de contextos específicos, e não, por exemplo, se detém no aspecto formal da palavra, o conceito de léxico aqui adotado tenderá a uma concepção mais próxima de uma concepção semântica. Muitos pesquisadores já definiram e ainda discutem as possibilidades de ampliação de suas definições para o léxico. Eis alguns deles.

De forma mais específica, Biderman (2001b:13) conceitua o léxico como “uma forma de registrar o conhecimento do universo”, e defende que “[...] a geração do léxico se processa através de atos sucessivos de cognição da realidade e de categorização da experiência cristalizada em signos lingüísticos: as palavras.” (sic). Assim, entende-se que qualquer proposta de análise numa perspectiva lexical precisa ter sua metodologia delimitada de modo explícito, pelo fato de este ser um sistema aberto e em contínua evolução (através dos estrangeirismos, neologismos, etc).

Segundo Henriques (2011), é possível perceber uma espécie de nivelamento ou categorização no uso do léxico pelos usuários da língua, a partir de suas necessidades comunicativas:

[...] podemos dizer que há dois tipos de léxico: um deles se refere a um determinado estado de língua, composto pelas palavras que são compartilhadas por todos os usuários, parecendo uma espécie interseção dos usos individuais cotidianos (é o LÉXICO COMUM); o outro comporta todas as palavras empregadas pelos usuários de determinada língua, independentemente de serem compartilhadas entre elas (é o LÉXICO TOTAL). (HENRIQUES, 2011, p.12-13. Grifos do autor)

Vilela (1995) define léxico a partir de distintas perspectivas, buscando o que as mesmas têm em comum:

O léxico é numa perspectiva cognitivo-representativa, a codificação da realidade extralinguística interiorizada no saber de uma dada comunidade linguística. Ou, numa perspectiva comunicativa, é o conjunto das palavras por meio das quais os membros de uma comunidade linguística comunicam entre si. Tanto na perspectiva da cognição-representação como na perspectiva comunicativa, trata-se sempre da codificação de um saber partilhado. (VILELA, 1995, p.13)

As possibilidades de estudo do léxico são múltiplas, assim como o mesmo se apresenta na língua. Diversas ciências tem tido o léxico como centro de suas investigações, com especial destaque para a Lexicologia.

Segundo Biderman (2001), a Lexicologia objetiva estudar a palavra considerando diversas possibilidades, como a problemática da formação de palavras (fazendo uma ponte com a Morfologia), as criações lexicais (neologismos), os vocabulários de especialidades, o ensino de vocabulário, as relações de sentido, e ainda as possibilidades de estruturação do léxico. Essa última proposta (aqui adotada) fundamenta-se nas teorias Estruturalistas, inspiradas em Saussure, segundo as quais uma língua é compreendida como um sistema organizado, composto por outros subsistemas, cabendo ao linguista perceber tais especificidades em cada língua particularmente, seja a partir da diacronia ou da sincronia. Desse modo, segundo a autora, a Lexicologia objetiva o estudo e análise da palavra, a categorização lexical e a estruturação do léxico, pretendendo estabelecer definições a respeito dos processos e limites do léxico.

A partir do viés da estruturação léxica, cabem algumas distinções entre conceitos-chave referentes à Lexicologia, de acordo com Biderman (2001a: p.151, 169), Bechara (2009, p.387), Vilela (1995, p.13ss) e Abbade (2006, p.219) entre palavra, vocábulo, termo, lexema e lexia; léxico, vocabulário, dicionário e glossário, já que tais conceitos estão intimamente implicados mutuamente, e a falta de compreensão de um deles pode gerar uma atribuição de sentido diferente daquela proposta nesse trabalho.³⁰

Palavra- unidade semântica mínima do discurso³¹;

Lexia- forma como os lexemas aparecem nos discursos; diferentemente da palavra, é a unidade significativa do léxico de uma língua, é a palavra com significação social;

Vocábulo- seria a ocorrência da palavra na frase;

Termo- é a palavra própria numa disciplina;

³⁰ Reconhece-se a complexidade de tais conceitos, porém como foge à proposta dessa pesquisa uma discussão densa dos mesmos, optou-se por apresentá-los de forma didática, a partir da perspectiva de teóricos e estudiosos que o fizeram de forma clara e mais objetiva.

³¹ Após um denso levantamento sobre as possibilidades de conceituação da palavra, Biderman (2001a, p.134ss) apresenta o critério semântico de análise proposto por Ullmann (1962) como um dos que devem ser considerados pela proposta lexicológica. Os demais critérios são o fonológico e o gramatical (morfossintático).

Lexema- unidade de conteúdo léxico expresso no sistema linguístico; a ainda estabelecendo uma relação sinonímica com *palavra* Vilela define como “a palavra que aparece como entrada no dicionário”;

Léxico- conforme já discutido, é o acervo dos lexemas (ou palavras) de uma língua; retomando a metáfora do mosaico, o léxico seria a peça em mosaico, por sua vez, já montada e completa, que permite ao expectador compreender o todo, apesar de composto por partes;

Vocabulário- o conjunto de lexias/palavras usadas por um determinado grupo e/ou registradas em uma obra ou texto (por exemplo: as cartas aqui pesquisadas), funcionando não isoladamente na língua, mas sendo um subconjunto que se encontra em uso efetivo por falantes em situações linguísticas específicas ou por uma área do saber; metaforicamente seria uma parte de um mosaico, e que por sua individualidade possibilita ao todo ter a configuração que tem;

Dicionário- recolha ordenada dos vocábulos de uma língua de uma forma geral, não considerando relações de semelhança entre eles, e sim, a questão alfabética;

Glossário- é também uma recolha de vocábulos, porém detém-se em um vocabulário bastante específico de um autor, uma época, uma escola ou obra.

São as diferentes “especialidades” do uso linguístico que tornam possíveis abordagens do léxico também diferenciadas. Abbade (2006, p. 219) aponta as diversas subdivisões da ciência da Lexicologia, já que esta “estuda o léxico em suas diversas relações: as linguísticas, pragmáticas, discursivas, históricas e culturais”. Daí tem-se: a Semântica, a Lexicografia, a Terminologia, a Terminografia, a Onomasiologia, a Semasiologia³², dentre outras, todas com foco no uso lexical, com propostas de descrição e análise lexical diferentes, já que é praticamente impossível que uma só e mesma proposta teórica consiga abarcar todo o universo do léxico, ainda que seja de uma mesma língua, devido, especialmente, à sua dinamicidade de expansão.

Teixeira (2009) apresenta outras interessantes relações que podem ser estabelecidas a partir dos estudos lexicológicos, destacando a sua relação com a Semântica, a partir do que, pode-se voltar para o estudo mais aprofundado das palavras entre si causando os efeitos de sentido no texto:

³² Para maiores especificações sobre tais ciências cf. KRIEGER, Maria da Graça; FINATTO, Maria José. *Introdução à terminologia: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2004.

A Lexicologia, em função de ocupar-se do léxico e da palavra considerando sua dimensão significativa, faz fronteira com a Semântica, ciência que estuda as significações linguísticas. [...] Como as palavras são definidas uma em relação às outras, estabelecem diferentes tipos de relações entre si. A sinonímia, a antonímia, a hiperonímia/hiponímia, a homonímia, a polissemia, são algumas das relações estabelecidas entre as palavras na estruturação do sistema lexical que podem ser estudadas pela Lexicologia, por exemplo. (TEIXEIRA, 2009, p.135)

Em relação a tal diversidade de abordagem do léxico, Alves (2001) discute as possibilidades de investigação focalizadas na neologia, mais relacionada à Terminologia, e aos vocabulários de especialidades. Desse modo, busca-se compreender o processo de ampliação do léxico através da criação de novas palavras, a partir das necessidades linguísticas emergentes no sistema. Referindo-se a alguns relevantes trabalhos na área dos estudos neológicos, Alves aponta que, nos mesmos:

São estudados processos de formação que constituem novas unidades lexicais e também as relações semânticas [...] que essas unidades neológicas estabelecem. Nesses estudos a atividade neológica reflete, pois, as duas vertentes vinculadas à Lexicologia, disciplina de caráter estrutural: Morfologia e Semântica Lexical. (ALVES, 2001, p.26)

Uma das possibilidades de abordagem do léxico que apresenta esse “caráter estrutural”, apontado por Alves (2001), é, justamente, a sua estruturação, ou seja, a forma de organização do léxico, tomando um *corpus* específico, de modo a apresentar as lexias como partes de um todo, e hierarquizá-las de modo que se perceba não um caráter aleatório no estabelecimento dos sentidos, mas sim, como propõe Biderman (2001a), uma expressão da cognição dos falantes da língua. Por que uma palavra é escolhida em determinada frase em detrimento de outra? Por que a mesma palavra será preterida em outra situação, ainda que semelhante? O que determina uma escolha criteriosa para o uso das expressões em português brasileiro: **defunto**, **falecido**, **cadáver**, **morto**, **presunto**, já que todas têm o mesmo referente (corpo sem vida)? É justamente as diversas possibilidades de significado das palavras acima que caracterizam as chamadas **línguas funcionais**³³. Ao contrário das línguas chamadas históricas, as línguas funcionais seriam uma espécie de subsistema em funcionamento concomitante com outros que coexistem na mesma língua.

³³ Mais adiante será estabelecida a distinção coseriana entre língua funcional e língua histórica.

Por exemplo, a lexia “bola” pode ter várias acepções em português brasileiro, a depender do contexto específico em que seja usada: “Maria é gorda como uma **bola**”; “A discussão virou uma **bola** de neve”; “João está com a **bola** toda”, “Não dou **bola** pra você”, “A **bola** de couro é a mias cara da loja”, sem contar com suas derivadas: “São Paulo joga uma **bolaça**”, “Mariano está **bolado** com você”, “Joana **embolou** o meio de campo quando foi explicar o assunto”, “O jogador recebeu uma **bolada** no rosto”, dentre tantas outras possibilidades. Outro exemplo claro nesse aspecto é a lexia “vaca”. No *corpus* em análise, a acepção é de “fêmea do boi”, literalmente: “... pode fugir uma rez, como defato tenho uma **vacca** que já fui vëlla no jacurisci...” (CV5, F.1r, L18-19). Já em outras línguas funcionais os sentidos são bastante diferenciados, como em usos com sentido pejorativo: “Fulana é uma **vaca**!” (mulher sem valor ou prestígio); usos em ditados populares: “A **vaca** foi para o brejo!” (“a situação ficou complicada”), “Tempos de **vacas** gordas!” (tempo próspero), além dos derivados: “A situação ficou **avacalhada**” (sem controle, sem ordem), dentre outras.

Nesse sentido, são esses sentidos diferentes para as lexias que Eugenio Coseriu chama de “fatos de estrutura” (oposições lexemáticas), visto que se tratam de **oposições** de uma palavra em mais de uma variedade, dentro de uma mesma língua (oposições funcionais). Daí Coseriu sugerir a análise de cada sistema separadamente, nunca concomitantemente a outros, já que cada lexia equivalerá a sentidos diferentes em situações de uso diferentes.

Assim, ele estabelece a chamada semântica diacrônica estrutural ou lexemática diacrônica, buscando distingui-la da semântica em geral (estudo da significação), propõe a lexemática (estudo da estrutura do conteúdo-significado), ou seja, o estudo ultrapassa a palavra e se concentra no significado; é esse novo foco que permitirá uma abordagem hierarquizadora dos significados linguísticos, e as palavras aí entrarão como a estrutura para o léxico.

Antes de um aprofundamento na lexemática coseriana serão apresentados brevemente os fundamentos epistemológicos gerais sobre os quais organizou sua teoria.

2.3.1 A PROPOSTA TEÓRICA DE EUGENIO COSERIU: SEMÂNTICA DIACRÔNICA ESTRUTURAL

Cabe aqui uma maior explanação da abordagem teórica do romeno Eugênio Coseriu, já que este, em especial, fundamenta a abordagem teórica desse trabalho, a fim de melhor elucidar a metodologia que propôs em relação à estruturação do léxico

Em seu trabalho *Teoría del lenguaje y lingüística general*, Coseriu (1967) reúne cinco artigos nos quais expõe seu posicionamento teórico sobre a abordagem da língua e da gramática. Como o próprio autor anuncia na introdução: “[...] estos escritos configuran mis esfuerzos por aclarar ciertos problemas básicos de la lingüística actual y por estructurar una teoría lingüística coherente [...]” (COSERIU, 1967, p. 7).³⁴

No primeiro capítulo da referida obra, *Sistema, norma y habla*, apresenta suas restrições quanto a aceitação do sistema de oposições dicotômicas de Saussure, justificando sua escolha por uma perspectiva tripartida, na qual acrescentaria a “norma estabelecida” para efeitos de reflexão sobre a linguagem, não mais admitindo a língua como sistema essencialmente abstrato, mas sim como fenômeno concreto, que pode ser estudado justamente por essa movimentação entre as observações empíricas e as abstrações sobre seu funcionamento, visto que

Concretamente, existen sólo actos lingüísticos, existe sólo el hablar, la actividad lingüística; una actividad que **es al mismo tiempo individual y social** [...] dentro de la cual la distinción de un sistema más o menos estable no significa comprobación de otra realidad, distinta de los actos lingüísticos, sino que constituye sólo una necesaria abstracción científica, en vista de un estudio de lenguaje que **vaya más allá del registro y análisis de los actos de hablar y pueda constituir historia**. (COSERIU, 1967, 17. grifos nossos)³⁵

Na proposta coseriana haveria então a inclusão da norma enquanto reguladora das possibilidades linguísticas na perspectiva do sistema, o que permitiria uma

³⁴ [...] estes escritos configuram meus esforços para esclarecer certos problemas básicos da linguística atual e para estruturar uma teoria linguística coerente [...]. (Tradução livre)

³⁵ Concretamente, existem somente atos linguísticos, existe somente o falar, a atividade linguística; uma atividade que **é ao mesmo tempo individual e social** [...] dentro da qual a distinção de um sistema mais ou menos estável não significa comprovação de outra realidade, distinta dos atos linguísticos, mas que constitui somente uma necessária abstração científica, mediante um estudo de linguagem que **vá além do registro e análise dos atos de fala e possa constituir história**. (Tradução livre)

organização hierárquica nas realizações linguísticas que obedece à ordem: FALA – NORMA – SISTEMA.³⁶ Desse modo, a condução de um estudo linguístico com tal perspectiva, que considere os “atos de fala”, necessita delimitar claramente o objeto de análise, a fim de não ser demasiado heterogêneo e livre; é nesse sentido que a norma linguística será o diferencial na teoria coseriana.

No mesmo capítulo, o autor expõe, de forma densa, o conceito de língua de diversos teóricos como: O. Jespersen, H. Palmer, C. Bally, W. Porzig, A. Gardiner, Bühler, W. Wartburg, e opina acerca das insuficiências por ele percebidas em tais pontos de vista, apresentando em seguida a sua epistemologia a respeito das distinções linguísticas, fundamentada nos seguintes princípios:

1- as distinções e oposições na língua devem se estabelecer na realidade concreta da língua, ou seja, na fala;

2- os termos *língua* e *fala* não designam seções autônomas ou oposições de realidades distintas, mas são complementares, por representarem pontos de vista diferentes ao abordar o fenômeno linguístico enquanto graus distintos de formalização da mesma realidade objetiva;

3- é imprescindível reconhecer e nomear as diferenças que se destaquem ao observar os distintos graus das abstrações, evitando reduzi-las às dicotomias;

4- o plano em que se farão as distinções linguísticas será o plano da *conformação* da linguagem, o qual considera como se manifesta esse fenômeno, e não no plano de sua essência, de sua realidade intrínseca, que é um plano de unificação e síntese, e não de diferenciação e análise; o ponto de vista das determinações externas se considerará em segundo momento, como caracterização ulterior do estabelecido no plano anterior: se considerará particularmente a determinação indivíduo-coletividade, e não as determinações físicas e psíquicas.³⁷

Coseriu apresenta ainda suas preocupações no que tange a uma abordagem mais concreta dos dados linguísticos na (ou a partir da) materialidade do uso, considerando não o desempenho do falante individual, mas sim as motivações sociais que o impelem na realização da língua, e, conseqüentemente, modelam seus usos, ou seja, considerando o ato verbal. Assim, defende que:

³⁶ Cf. o esquema proposto por Coseriu no qual apresenta tal hierarquia e explica detalhadamente o processo das escolhas linguísticas a partir da logicidade do sistema, pela regulação da norma. (COSERIU, 1967, p.95 ss)

³⁷ Vide Coseriu (1967, p. 42). Tradução livre.

[...] en el campo del fenómeno lingüístico independientemente del sujeto (producto lingüístico + forma lingüística), hay elementos que no son *únicos* u *ocasionales*, sino *sociales*, es decir, *normales* y *repetidos* en el hablar de una comunidad, y que, sin embargo, no pertenecen al sistema funcional de las formas lingüísticas, o sea, que ya sobre la base del llamado ‘producto lingüístico’ puede establecerse un *sistema normal*, distinto del *sistema funcional* que se establece en el plano superior de abstracción, el de las ‘formas lingüísticas’. (COSERIU, 1967, 55- 56, grifos do autor)³⁸

Após uma abordagem mais detalhada sobre sua teoria tripartida, Coseriu apresenta vários exemplos de aplicabilidade de tal proposta, devido às dificuldades de diferenciação entre os conceitos de sistema e de norma (COSERIU, 1967). Destacando as abordagens do léxico, ao considerar a abordagem lexicográfica como insuficiente por, de certo modo, isolar as palavras ao organizá-las (por exemplo, em ordem alfabética), privando-lhes de uma perspectiva sistemática, como componentes de um todo orgânico, propõe a abordagem do léxico associando-o ao **sistema**, como responsável por uma classificação conceitual do mundo (função representativa), à forma, como tal classificação ocorre em cada idioma particularmente (função associativa), e também associado à **norma**, entendida como realização normal do sistema seja no que tange ao significado ou à questão formal, assim que “[...] entre las variantes admitidas por el sistema, una suele ser normal, mientras que las demás, o resultan anormales, o tienen un valor estilístico” (COSERIU, 1967, p. 86)³⁹. A perspectiva de linguagem que assume é, portanto, desta enquanto atividade criadora, não podendo excluir os aspectos individual e social, já que estão mutuamente relacionados.

Assim, estabelece distinção entre significado nuclear, ou principal, das palavras e significado lateral, ou seja, outros conceitos que coexistam em relação à palavra, sendo determinados pelos diferentes contextos. A partir dessa diferenciação, defende a não existência de sinônimos perfeitos na língua, já que o estabelecimento de sentidos se

³⁸ [...] no campo do fenômeno linguístico, independentemente do sujeito (produto linguístico + forma linguística), existem elementos que não são *únicos* ou *ocasionais*, mas *sociais*, quer dizer, *normais* e *repetidos* no falar de uma comunidade, e que, no entanto, não pertencem ao sistema funcional das formas linguísticas, ou seja, que já sobre a base do chamado “produto linguístico” se pode estabelecer um *sistema normal* distinto do *sistema funcional* que se estabelece no plano superior de abstração, o das “formas linguísticas”. (Tradução livre)

³⁹ [...] entre as variantes admitidas pelo sistema, uma costuma ser normal, enquanto que as demais, ou resultam anormais, ou têm um valor estilístico. (Tradução livre)

daria através de uma relação de oposição, na qual o significado de uma palavra ocupa na norma um lugar não ocupável por outro significado; pois ainda que os sentidos nucleares sejam idênticos, os laterais não o serão, o que, justamente, determinará tal distinção na norma. Assim os sentidos seriam sinônimos no que diz respeito ao sistema, e não à norma; já as mudanças de sentidos são advindas justamente dos “significados laterais” (fixados na norma) por possibilitarem um diálogo mais intenso entre os signos. Esse aspecto de sua teoria fica aqui bem resumido: “[...] al lado del *sistema formal*, hay que distinguir la *realización normal* [...]” (COSERIU, 1967, p.89. grifos do autor)⁴⁰.

Explicitada a perspectiva tripartida coseriana, pode-se melhor compreender sua proposta de língua enquanto sistema estruturado, em especial no que diz respeito ao léxico, já que, segundo ele, é onde mais se pode perceber tais nuances criativas e, portanto, carecia de metodologia própria para sistematização.

Em uma das obras mais importantes em relação à exposição da sua teoria, datada de 1977, *Principios de semántica estructural*, Coseriu reúne cinco estudos sobre a nova proposta de organização semântica das línguas, e especifica que abordará sincronicamente mudanças estruturais dos significados, e não necessariamente dos significantes. Especificamente no capítulo II, intitulado *Introducción al estudio estructural del léxico*, Coseriu explicita mais pontualmente sua proposta metodológica de abordagem lexical em uma perspectiva funcional. Inicialmente, cita os trabalhos de cunho lexical já desenvolvidos por Ullmann, Pottier, Trier, Weisgerber, para enfim apresentar seu conceito sobre função léxica, começando por uma densa exposição de problemas referentes à estrutura lexical, a fim de definir seu objeto de estudo, a saber, as **palavras lexemáticas** e faz em seguida o levantamento das questões léxicas que não serão focalizadas em sua abordagem, como as palavras não lexemáticas (sem função lexical, ou seja, sem significação independente) os nomes próprios e os numerais.

Apesar de reconhecer as limitações de um trabalho de pesquisa com o léxico⁴¹, Coseriu (1977) defende que a subjetividade, por exemplo, não pode ser um entrave à estruturação funcional ao trazer a comparação com outras perspectivas de análise que também estão submetidos a tais intervenções, como os estudos discursivos, por exemplo. Assim, o autor traça minuciosamente sua proposta estruturalista especificando

⁴⁰ [...] ao lado do *sistema formal*, se tem que distinguir a *realização normal* [...].(Tradução livre)

⁴¹ Para isso, expõe sua defesa aos contra-argumentos levantados no âmbito científico sobre o estudo estrutural do léxico, de que este seria uma categoria muito ampla e que permite a intervenção da subjetividade tanto no processo de significação quanto da nomeação.

as particularidades de sua abordagem, em especial as que dizem respeito às necessárias definições teóricas que têm implicações diretas na própria escolha do material linguístico / lexical a ser escolhido em uma análise de cunho estrutural-funcional: “Admitida la complejidad de las relaciones léxicas es preciso comenzar por [...] distinguir tipos de relaciones y establecer una jerarquía de estos tipos” (COSERIU, 1977, 92)⁴², o que pode ser lido como as delimitações teórico-metodológicas de sua proposta, a fim de determinar claramente o que seja ou não funcional.

Para estabelecer tais distinções, apresenta alguns princípios, a saber, partir de uma busca pelos conceitos que seriam essenciais nas palavras, ao invés de ampliar demasiadamente as possibilidades de sentido e estabelecer distinções claras entre o que é de domínio linguístico e/ou extralinguístico na descrição do léxico, a fim de não ampliar a abordagem para o aspecto extralinguístico especialmente nas associações de significados (COSERIU, 1977). Assim, o autor elenca em subtópico bastante denso denominado *Ámbito, plano y sentido propio de las estructuras léxicas. Distinciones previas a todo estudio estructural*, sete distinções teóricas com o objetivo de melhor delinear sua proposta funcional.⁴³ Para melhor elucidar algumas decisões metodológicas tomadas nesse trabalho é que aqui se discutirão apenas três das distinções levantadas por Coseiru, a saber, entre as “coisas” e a linguagem, entre língua histórica e língua funcional e entre relações de significação e designação.

Ao buscar estabelecer **distinções entre as coisas e linguagem** o autor apresenta a dificuldade que sente em desvincular o conceito de função léxica e a realidade designada pelos lexemas. (COSERIU, 1977, 95) Desse modo, como desassociar, por exemplo, o lexema “vaqueiro” da realidade da atividade por ele desenvolvida que automaticamente lhe atribui tal nomeação? Esse é um ponto chave para se determinar o que é linguístico e o que é realidade concreta. A resposta para entender ou perceber tais limites estaria no próprio objeto. Apresenta como uma situação de análise as terminologias⁴⁴: na medida em que nomeiam com outros signos, realidades específicas

⁴² Admitida a complexidade das relações léxicas é preciso começar por [...] distinguir tipos de relações e estabelecer uma hierarquia desses tipos. (Tradução livre)

⁴³ Tais distinções são: entre coisas e linguagem, entre linguagem primária e metalinguagem, entre sincronia e diacronia, entre técnica do discurso e discurso repetido, entre arquitetura e estrutura da língua, entre sistema e norma da língua e entre as relações de significação e de designação. (COSERIU, 1977, 95. Trad. livre)

⁴⁴ O autor explica que aqui englobam também as nomenclaturas populares, terminologias agrícolas, botânicas, etc, que envolvem um sentido tradicional e não especificamente linguístico, e que dependem de um contexto específico para serem compreendidas. (COSERIU, 1977, p.99)

já existentes ou já nomeadas diferentemente anteriormente, não as considera como passíveis de estruturação, mas sim de classificação, pois suas oposições são exclusivas do ponto de vista do uso, enquanto as oposições linguísticas seriam inclusivas, por sempre poder abarcar outros sentidos, e é uma das justificativas para a necessidade de abordar os lexemas em suas ocorrências contextuais particulares e ao mesmo tempo ancorados ao que anteriormente chamou de sentido essencial.

Outro aspecto que também põe em relevo nesse sentido é a interpretação sobre **as “coisas”**. Segundo ele, trata-se de associações com a cultura e que não afetam a linguagem, mas que demonstram como a cultura pode ser expressa na e através da linguagem. Aqui já é possível levantar mais uma questão, que é a interferência (ou o papel) da subjetividade na determinação dos sentidos, e defende que não é impossível estabelecer uma relação de coexistência entre ambas:

Es inútil, por consiguiente, querer interpretar las estructuraciones lingüísticas desde el punto de vista de las pretendidas estructuras “objetivas” de la realidad: es preciso comenzar por establecer que no se trata de estructuras *de la realidad*, sino de estructuraciones *impuestas a la realidad* por la interpretación humana. (COSERIU, 1977, p.103. Grifos do autor)⁴⁵

Assim, por exemplo, antes de especificar o uso da lexia “vaqueiro” em um contexto específico, faz-se necessário buscar o seu sentido dicionarizado, que corresponde ao sentido essencial, aquele que carregará em quaisquer contextos de uso, e em seguida, especificar um outro possível sentido que esteja corroborado textualmente, pois este é o sentido atribuído pela experiência individual de significação, que pelo uso se tornou um sentido coletivo, em um entorno cultural específico, que nesse caso corresponderia à norma linguística: “Estas determinaciones de la designación por medio de las *cosas* pueden llevar a una fijación del significado en el plano de la *norma* de la lengua.” (COSERIU, 1977, 105. Grifos do autor)⁴⁶.

Outra distinção importante que Coseriu levanta é **entre língua histórica e língua funcional**. Isto porque é através da compreensão do que ele entende por ambas,

⁴⁵ É inútil, por conseguinte, queres interpretar as estruturas linguísticas desde o ponto de vista das pretendidas estruturas “objetivas” da realidade: é preciso começas por estabelecer que não se tratam de estruturas *da realidade*, mas de estruturas *impostas à realidade* pela interpretação humana. (Tradução livre)

⁴⁶ Estas determinações da designação por meio das *coisas* podem levar a uma fixação do significado no plano da *norma* da língua. (Tradução livre)

é que se poderá compreender a sua justificativa de escolha das amostras de língua indicadas para servirem a uma análise estrutural. Segundo Coseriu, língua histórica deve ser compreendida como um conjunto de sistemas que coexistem entre si, ao mesmo tempo em que mantêm sua particularidade, estabelecem homogeneidade no seu funcionamento: “Una lengua histórica no es nunca *un* solo sistema lingüístico, sino un diassistema: un conjunto de sistemas lingüísticos, entre los que hay a cada paso coexistência e interferencia.” (COSERIU, 1977, 119. Grifo do autor)⁴⁷. Discute também as diferenças de ordem diatópicas, diastráticas e diafásicas que são recorrentes na língua histórica e que, por isso mesmo, caracterizam a língua funcional, que por sua vez seria a realização de cada um desses sistemas com suas peculiaridades. Nesse sentido, defende que o estudo estrutural deve especificar justamente que língua funcional, delimitando-a e caracterizando-a a fim de evitar generalizações que não seriam lógicas na língua:

Se deduce de ello que el objeto ideal de la lexicología estructural – como de toda otra descripción estructural- debería ser la “lengua funcional”. Por lo demás, es siempre una lengua funcional la que se presenta en cada punto del discurso (una lengua histórica- por ejemplo, el “español” sin más- no puede realizarse como tal en el discurso, sino que siempre se realiza bajo la forma de una u otra de las numerosas lenguas funcionales que le corresponden). **Pero la lengua funcional tiene la desventaja de no corresponder nunca a la totalidad del discurso de un hablante cualquiera [...]** (COSERIU, 1977, 122. Grifo nosso).⁴⁸

Grosso modo, pode-se estabelecer a seguinte analogia com esses conceitos: a língua histórica seria uma abstração das várias línguas funcionais concretas em suas realizações. Assim, como no grifo pode-se perceber, já que a língua funcional nunca representará a totalidade de uma língua, mas sim uma amostragem da mesma, cabe em uma descrição estrutural a caracterização o mais detalhada possível a respeito da mostra de língua disponível:

⁴⁷ Uma língua histórica não é nunca *un* só sistema linguístico, mas um diassistema: um conjunto de sistemas linguísticos, entre os quais há a cada passo coexistência e interferência. (Tradução livre)

⁴⁸ Se deduz disso que o objeto ideal da lexicologia estrutural – como de toda outra descrição estrutural – deveria ser a “língua funcional”. Além disso, é sempre uma língua funcional a que se apresenta em cada ponto do discurso (uma língua histórica – por exemplo, o “espanhol” sem mais – não pode se realizar como tal em um discurso, porém sempre se realiza sob a forma de uma ou outra das numerosas línguas funcionais que lhe correspondem). **Mas a língua funcional tem a desvantagem de não corresponder nunca à totalidade do discurso de um falante qualquer.** (Tradução livre)

[...] la lengua funciona por medio de oposiciones; y una descripción lingüística propiamente dicha no puede dejar de ser funcional. Pero no significa tampoco que se deba ignorar la variedad de la lengua (“descripción estructural” no significa de ninguna manera “reducción” de la lengua histórica a un solo sistema). Significa únicamente que toda oposición debe establecerse y describirse en la lengua funcional a la que pertenece y que, para cada punto de un campo cualquiera de la lengua, **la descripción debe hacerse tantas veces como estructuras diferentes se hayan registrado.** (COSERIU, 1977, p.123. grifo nosso)⁴⁹

A partir dessa diferenciação é que se poderá delimitar o *corpus* a ser analisado com mais segurança. Por isso é que sua proposta teórica é **diacrônica** (por delimitar e especificar uma mostra de língua) e **funcional** (por essa mostra de língua ser concreta enquanto realização pelos usuários da língua).

Em sua *Moderna Gramática Portuguesa*, no capítulo sobre Lexemática, Bechara (2009) expõe didaticamente a terceira distinção coseriana aqui destacada, a saber, **entre as relações de significação e de designação**: as primeiras são as relações entre os significados linguísticos, e apenas elas são estruturáveis, as segundas são as relações entre os signos e as realidades extralinguísticas por eles designadas e representadas no discurso. Nesse sentido, expõe que o interesse da Lexemática (a Semântica Estrutural, proposta por Coseriu) concentra-se nas relações de significação e, portanto, as palavras lexemáticas, que, segundo ele, são as palavras que “[...] serán consideradas únicamente en cuanto portadoras de la función léxica” (COSERIU, 1977, p.89)⁵⁰. Nesse sentido, esclarece que a função léxica da palavra:

[...] es anterior desde el punto de vista lógico, en el sentido de que es el *determinatum* de las funciones categoriales y gramaticales, o bien, desde el punto de vista del análisis, en el sentido de que es ‘lo que queda’ cuando se hayan eliminado las determinaciones gramaticales y categoriales. (COSERIU, 1977, p.88)⁵¹

⁴⁹ [...] a língua funciona por meio de oposições; e uma descrição linguística propriamente dita não pode deixar de ser funcional. Mas não significa inclusive que se deva ignorar a variedade de língua (“descrição estrutural” não significa de nenhuma maneira “redução” da língua histórica a um só sistema). Significa unicamente que toda oposição deve se estabelecer e descrever na língua funcional a qual pertence e que, para cada ponto de um campo qualquer da língua, **a descrição deve se fazer tantas vezes quantas estruturas diferentes tenham sido registradas.** (Tradução livre)

⁵⁰ [...] serão consideradas unicamente enquanto portadoras da função léxica. (Tradução livre)

⁵¹ [...] é anterior desde o ponto de vista lógico, no sentido de que é o *determinatum* das funções categoriais e gramaticais, ou seja, desde o ponto de vista da análise, no sentido de que é “o que fica” quando se tenham eliminado as determinações gramaticais e categoriais. (Tradução livre)

Após a explanação detalhada sobre o que deve ser considerado em uma análise estrutural na língua de uma forma mais generalizada, Coseriu passa a apresentar mais explicitamente a sua teoria dos campos léxicos, segundo a qual a análise também deve considerar a norma, o que inclui o usuário da língua enquanto sujeito ativo no processo significativo. Amadurecendo as propostas de outros linguistas como Trier, Bally, Matoré, Sperber⁵², Coseriu defende que a semântica das línguas coexiste de forma estruturada em microestruturas, que seriam os campos léxicos, enquanto componentes do todo lexical.

[...] en la práctica, un campo se establece sobre la base de oposiciones simples entre las palabras y termina allí donde una nueva oposición exigiría que el valor unitario del campo se convierta en rasgo distintivo, es decir, cuando ya no son las palabras como tales las que se oponen a otras palabras, sino que el campo entero se convierte en término de una oposición de orden superior [...]. (COSERIU, 1977, p.40)⁵³

Assim, segundo ele, os campos léxicos podem ser compreendidos como conjuntos de lexemas que estão relacionados entre si através de uma área conceitual específica que permite a sua estruturação individual quanto a percepção de uma interdependência entre eles, já que o significado de uma forma linguística, inserida em um campo, dependerá do significado das outras formas dispostas nesse mesmo campo, o que permite, inclusive, uma organização a partir de uma hierarquia de sentidos. Por exemplo, nas cartas escritas pelos vaqueiros, foi identificado a campo léxico dos animais; hierarquicamente, buscar-se-á apresentar as lexias a partir daquela que abarque um sentido mais amplo, tendo as demais lexias como uma espécie de suporte conceitual.

Quando as lexias estabelecem oposições de significação entre si, isso significa que ocuparão outro nível hierárquico, podendo compor parte de outro campo léxico, visto que não mais se configura entre aquele grupo de palavras, levando a uma oposição mais ampla: não só entre lexias, mas também entre os próprios campos. Ocorre então o estabelecimento de outro campo léxico ou até de microcampos dentro de um campo maior. No *corpus* pesquisado, pode-se encontrar tanto nas cartas dos vaqueiros quanto nas cartas dos negociantes, por exemplo, lexias referentes ao campo dos qualificadores.

⁵² Para maiores esclarecimentos sobre as respectivas teorias propostas pelos referidos teóricos, cf. GUIRAUD, Pierre. *A Semântica*. Trad. e adap. de Maria Elisa Mascarenhas. Col. Saber Atual. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972.

⁵³ [...] na prática, um campo se estabelece sobre a base de oposições simples entre as palavras e termina ali onde uma nova oposição exigiría que o valor unitário do campo se converta em traço distintivo, quer dizer, quando já não são as palavras como tais as que se opõem a outras palavras, mas que o campo inteiro se converte em termo de uma oposição de ordem superior [...]. (Tradução livre)

A depender da relação de referência do qualificador se estabelecem microcampos como “qualificadores para seres humanos”, “para animais”, “para fenômenos da natureza”, “para seres inanimados”, etc. Ou seja, as lexias têm em comum a função léxica de estabelecer qualidades, mas distinguem-se pela destinação de tal qualificação. Nesse sentido corrobora Abbade:

A teoria dos campos lexicais [...] propõe que um campo se estabelece através de oposições simples entre as palavras, e termina quando uma nova oposição exige que o valor unitário do campo se converta em traços distintivos onde não só as palavras se opõem entre si, mas uma oposição de ordem superior opõe campos lexicais distintos. [...] (ABBADE, 2009b, 42)

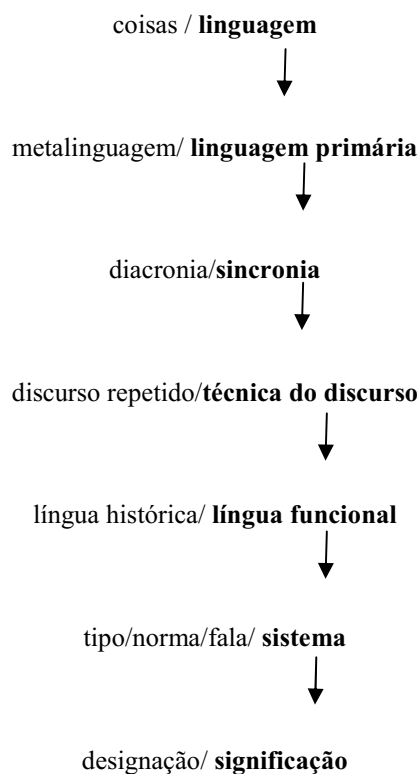
Assim, compreende-se a ideia Coseriana de que o significado de uma lexia emerge da oposição que estabelece com outra, gerando a necessidade de analisar cada uma a partir de seu contexto, o que justifica sua proposta enfática de um estudo funcional do léxico, ou seja, um olhar particularizado sobre cada ocorrência das lexias. A partir desse enfoque – o estudo da **estrutura do conteúdo léxico** – é que se estabelecem as bases da Lexemática, ou Semântica Estrutural.

Segundo Coseriu as possibilidades de identificação das estruturas lexemáticas no léxico organizam-se em dois grandes grupos: as estruturas **sintagmáticas** e as **paradigmáticas**. As sintagmáticas são as que estabelecem relação entre dois lexemas de campos distintos, dos quais um está compreendido no outro, como traço distintivo. As estruturas paradigmáticas são as que se **encontram em oposição no eixo da seleção**. Tais estruturas se subdividem em estruturas **primárias** (os termos se implicam mutuamente sem que um seja primário, ou origine o outro) e **secundárias** (os termos apresentam uma relação de implicação do primeiro para com o segundo; relaciona-se aos processos de formação de palavras). As estruturas primárias, por sua vez, podem ser os **campos léxicos** ou as **classes léxicas**. O primeiro constitui-se por unidades léxicas que se repartem numa zona de significação comum e se opõem mutuamente; já as classes léxicas são as classes de lexemas determinados por um clasema, que seria o traço distintivo comum que define uma classe sem preocupação com os campos léxicos.

Assim, o campo léxico corresponde a uma estrutura paradigmática, o que determina assim uma análise estrutural do vocabulário, definindo o campo lexical dentro de estruturas lexemáticas, em que os lexemas (caracterizados como o paradigma

constituído por unidades léxicas de conteúdo, conforme já explicitado) integram um sistema de oposições. Isso porque cada significação excluirá qualquer outra, a depender do contexto de uso, ainda que se trate de uma mesma palavra.

Geckeler (1976), seguidor de Coseriu, apresenta tais conceitos de forma bastante didática, e os resume no esquema adaptado a seguir, a partir do qual procura explicitar quais os conceitos que são priorizados nas discussões de Coseriu, em sua proposta estrutural. As palavras destacadas representam as respectivas opções de Coseriu mediante a análise comparativa, no que tange às “sete distinções”, já discutidas anteriormente, a fim de estabelecer seu objeto de estudo: a significação, e as setas representam a interdependência entre os conceitos, além da noção de que um seria gerado a partir do anterior, mas apresentam suas particularidades:



Em tópico específico sobre o campo léxico, Geckeler (1976) explicita o sentido de duas palavras importantes para a compreensão da teoria coseriana no que tange aos campos, discutindo que:

Coseriu determina el campo léxico dentro de las estructuras lexemáticas como una estructura primaria paradigmática. *Paradigmática* significa

aquí que los lexemas que están a disposición en un lugar determinado de la *chaîne parlée* forman un paradigma, es decir, un sistema de oposiciones. [...] *Primaria* significa aquí que los lexemas pertenecen al ‘vocabulario primario’, es decir, no implican ninguna otra palabra, corresponden a la experiencia inmediata, en oposición a las estructuras secundarias, que afectan a la modificación de un elemento primario (dominio de la formación de palabras). (GECKELER, 1976, p. 231. Grifos do autor.)⁵⁴

E ainda demonstra que através da definição do método estrutural Coseriu, além de preencher a lacuna existente nos estudos lexicais, conseguiu minimizar a perspectiva intuitiva em tais análises, definindo com clareza o que é, e o que não é passível de estruturação em campos, a partir da proposta dos estudos fonológicos, que propunham a análise por levantamento de traços distintivos entre os fonemas:

Este método estructural, con su técnica bien elaborada, se le ofreció a E. Coseriu como modelo para trasladarlo a la investigación del plano del contenido o, dicho más exactamente, de los campos léxicos. Sobre la base del conocimiento de que simples estructuras léxicas pueden analizarse en rasgos distintivos mínimos, [...] trasladó Coseriu el modelo del análisis de los campos léxicos. (GECKELER, 1976, p. 233-4)⁵⁵

A proposta do presente trabalho se enquadra justamente na percepção desses traços distintivos entre as lexias que compõem cada campo léxico. Assim, por exemplo, a lexia “boi”, apesar de contida na lexia “gado”, não conta com uma significação tão ampla quanto esta, já que a mesma contempla todo o conjunto do rebanho, mas a primeira já delimita os animais machos do rebanho. É a busca por tais distinções no uso e no sentido das lexias que torna possível uma investigação de cunho estrutural.

Seguindo essa mesma proposta, Abbade (2008) propôs em sua tese de doutoramento, um estudo do léxico de cozinha quinhentista, tendo como *corpus* o *Livro de cozinha da Infanta D. Maria*, levantando as designações das lexias, cujos resultados lhe possibilitaram estruturar o léxico em seis macrocampos: **manjares, processos e**

⁵⁴ Coseriu determina o campo léxico dentro das estruturas lexemáticas como uma estrutura primária paradigmática. *Paradigmática* significa aqui que os lexemas que estão à disposição em um lugar determinado da cadeia da fala formam um paradigma, quer dizer, um sistema de oposições [...] *Primária* significa aqui que os lexemas pertencem ao “vocabulário primário”, quer dizer, não implicam nenhuma outra palavra, correspondem à experiência imediata, em oposição às estruturas secundárias, que afetam à modificação de um elemento primário (domínio da formação de palavras). (Tradução livre)

⁵⁵ Este método, com sua técnica bem elaborada, se ofereceu a E. Coseriu como modelo para migrar para a investigação do plano do conteúdo ou, dito mais exatamente, dos campos léxicos. Sobre a base do conhecimento de que simples estruturas léxicas podem ser analisadas em traços distintivos mínimos, [...] migrou Coseriu o modelo de análise dos campos léxicos. (Tradução livre)

métodos, utensílios, ingredientes, unidades de peso e medida e qualificadores. Cada um dos macrocampos foi estruturado em microcampos “baseados em um critério hierárquico dos feitos, partindo-se sempre dos campos mais genéricos para os mais específicos”. (ABBADE, 2008, p.48). Nesse sentido, Abbade aplica a proposta teórica de Coseriu, ao atentar para a delimitação do corpus, já que não pretende abarcar **todo** o léxico de cozinha quinhentista, mas o que estava representado no seu material de análise, ou seja, a preocupação não foi com a língua histórica, mas sim com a língua **funcional**.

Dourado (2010) também desenvolveu sua pesquisa de Mestrado seguindo a proposta coseriana, ao estruturar em doze campos, o **léxico de terreiro** presente na obra *Tenda dos Milagres*, de Jorge Amado (1969), na qual pode levantar os seguintes campos lexicais referentes ao universo litúrgico afro-brasileiro, a saber: **nações, santos, hierarquia dos membros, saudações, insígnias, vestuário, cozinha-de-santo, plantas, instrumentos musicais, dança, ritos e espaços sagrados**. A pesquisadora apresenta seus resultados de cunho lexicológico identificando-os com a caracterização identitária do **povo-de-santo**, apresentada na obra em análise, através de seus costumes e práticas religiosas.

Do mesmo modo, a proposta de pesquisa aqui apresentada limita-se a estruturar o léxico presente em um *corpus* específico, produzido por um número delimitado de usuários de língua, não todos, mas os que eram trabalhadores **sertanejos**, que lidavam com o trato/negócio do **gado**, e que foram **correspondentes** do barão de Jeremoabo, ou seja, que eram representantes legítimos da língua **funcional do trabalho**.

Nesse sentido, torna-se claro o caráter lexicológico desse estudo, ao analisar as palavras dos textos selecionados (léxico) a partir de uma organização do material por autores, mais especialmente por suas profissões (portanto atentando para os vocabulários específicos), a fim de identificar os sentidos das lexias (as palavras utilizadas considerando o sentido que assumiram nos contextos específicos). Desse modo, no âmbito da pesquisa geral, a partir do macrocampo lexical do **trabalho**, foram estruturados seus respectivos microcampos, ou seja, o léxico utilizado nas cartas formou um conjunto de lexias próprias, que fora dividido em subconjuntos, como grupos de palavras organizadas por categorias, dentro do mesmo campo de conhecimento.

3 O CAMPO LEXICAL DO *TRABALHO* NA ESCRITA DO SERTANEJO

O levantamento realizado nas vinte e quatro cartas escritas por trabalhadores sertanejos concentrou-se na busca por lexias que apresentaram alguma relação com o mundo do trabalho, e, de acordo com a proposta metodológica de Coseriu, no capítulo anterior já explicitada, as mesmas foram organizadas em microcampos. Seguindo tais orientações teóricas, apenas foram levantadas as palavras lexemáticas que apresentaram seu significado no próprio sistema linguístico em estudo, tendo o cuidado de fundamentar cada ocorrência das lexias no texto de base.

Seguindo os procedimentos metodológicos de organização das entradas das lexias propostos por Abbade (2005), registraram-se as lexias na grafia moderna apenas quando assim aparecerem no texto de base, caso contrário, optou-se pela forma mais recorrente no mesmo, indicando-se em nota de rodapé a coexistência de variantes. Colocam-se entre colchetes as formas não documentadas no texto, no masculino singular para substantivos e adjetivos e infinitivo para os verbos, em seguida têm-se a classificação gramatical entre parênteses e o conceito. Os exemplos das ocorrências no texto de base são seguidos, entre parênteses, pela indicação do código da carta correspondente, o fólio e a linha.

O total de lexias encontradas foi de sessenta e duas, que foram distribuídas nos seguintes microcampos:

MICROCAMPO LEXICAL	NÚMERO DE LEXIAS
Dos trabalhadores	06
Dos animais	20
Dos males dos animais	05
Dos elementos da natureza	11
Dos espaços geográficos	06
Dos instrumentos	02
Dos qualificadores	12
TOTAL	62

Quadro 01 – Número de lexias por microcampos

A ordem de apresentação das lexias obedeceu à percepção de uma hierarquização dos sentidos, partindo de lexias que apresentaram um significado geral,

para as que apresentavam conceitos mais particularizados. Por exemplo, no microcampo dos **trabalhadores**, a primeira lexia elencada foi **caboclo**, cujo conceito abarca o “homem do Sertão”, de modo geral. Já as lexias, **braços**, **jagunço**, **vaqueiro**, **vaqueiro novo** e **coveiro**, expressam sentidos mais específicos, a partir das funções trabalhistas que exercem.

A proposta metodológica coseriana não especifica uma forma fixa para organização dos campos lexicais, ficando o pesquisador com a responsabilidade de aguçar sua percepção e sensibilidade diante do *corpus*, e encontrar sua forma para apresentar a organização das lexias. A opção neste trabalho foi a de tomar apenas um macrocampo no conjunto das cartas analisadas: o do **trabalho**, e organizar seus microcampos a partir das temáticas discutidas e das relações que estabeleciam entre si.

3.1 CLASSIFICAÇÃO DAS LEXIAS EM MICROCAMPOS

3.1.1 TRABALHADORES

Optou-se por iniciar a exposição dos campos apresentando as lexias referentes ao microcampo dos **trabalhadores**, por entender que este, enquanto agente em sua realidade é que modificará seu entorno, atribuindo os sentidos a tudo que lhe cerca, já que os sentidos somente aflorarão quando houver a intervenção humana no mundo. Além do mais, é o homem e sua atividade de “dar sentido” às coisas do mundo que foi o foco dessa pesquisa. Nada mais conveniente, portanto, que atribuir ao mesmo o lugar primeiro na presente abordagem.

Entre as seis (06) lexias destacadas do microcampo, pode-se perceber uma relação hierárquica que oferece uma ampliação do significado de cada uma delas, por exemplo, enquanto a **caboclo** é o “homem do Sertão”, de modo geral, ele passa a ser um **braço** quando inserido no contexto trabalhista da fazenda, ou das propriedades do barão. Adquirir *status* social sempre foi interesse do homem, especialmente se as condições sociais não fossem tão favoráveis. Assim, o **braço** que se apresentava como um “gruada-costas” para as lideranças, agora seria seu **jagunço**. Ao executar atividades específicas relacionadas com o gado, e sendo também home de confiança do barão, tem-

se o **vaqueiro**, que a depender do grau de experiência começa como **vaqueiro novo**, e pode gozar de grande prestígio e confiança por parte do barão. Conclui-se a exposição com a função específica do **coveiro**, que também era indispensável no contexto agrícola.

CABOCLO (s.m.) - homem do Sertão, caipira.

*Verdadeiro conselherista é o Xico Passo porque deu aposento e vestuario a um **Caboclo** que confes-sou ter matado a um official no combate” (CN16, 2r, L.8)*

BRAÇO (s.m.) – caboclo disponível e capaz para realizar atividades laborais diversas na propriedade; trabalhador.

*Temos tido um pre-juiso consideravel com a crise, fica-mos aqui, inteiramente sem **braços** para lavoura” (CN5, 1v, L.12)*

JAGUNÇO (s.m.) – caboclo que, usando-se de armas, prestava-se ao trabalho paramilitar de proteção e segurança às lideranças locais; valentão, guarda-costas; capanga.

*João Prado que tem como seu agregado e protegido um **jagunço** por nome Felisberto (CN16, 2v, L.15)*

VAQUEIRO (s.m.) – caboclo que era o responsável imediato pelo gado; administrador dos rebanhos.

*... com estima DE Vossa Excelência **Vaqueiro** respeitador e criado... (CV1, 2r, L.16)*

*... Noças visitas Disponha de seo **vaqueiro** Respeita-dor obrigado e criado (CV2, 1v, L.11)*

*... por crê visinho, não de **vaqueiros** di dúas susuárana; mande por pessoa de sua confiança... (CV4, 1r, L.11)*

*... sei que Vossa Excelentissima (pois assim me disse) não adianta mais dinheiro **avaqueiro**...(CV5, 1v, L.10)*

*Con estima Seo **vaqueiro** obrigado e grato ... (CV5, 2v, L.22)*

*... pode dar suas ordens o Seu **Vaqueiro** i fiel amigo o brigado criado. (CV6, 2r, L.4)*

... os **vaqueiros** por sua vez, também esforçam-se da| melhor fôrma...”- (CN10, 1v, L.5)

... um **vaqueiro** que alarda-se em dizer que matou[...] soldados na diligencia... (CN16, 2v, L.7)

Este **vaqueiro** chama-se Marancó... (CN16, 2v, L.11)

...Jose Deziderio **vaqueiro** de S.Domingos... (CN18, 1r, L.16)

... estão os **vaqueiros** todos temo-rizados... (CN18, 1v, L.3)

VAQUEIRO NOVO (s.m.) - vaqueiro admitido há pouco tempo na fazenda.

... pergunte as seo **vaqueiro novo** quantos cabritos engeitados recebeo...”- (CV4, 2r, L.9)

COVEIRO- (s.m.) – caboclo responsável pelo sepultamento do gado.

...se Vossa Senhoria mandar purgar alguns boi mande 1 **coveiro** porque tem algum que os burros não purgam” (CV6, 2r, L.10)

3.1.2 ANIMAIS

Seguindo a proposta de apresentação hierárquica dos microcampos, têm-se o microcampo dos animais, já que a fim de “subjugar” a natureza, o homem determinará sua forma de relação com os animais, domesticando-os e organizando as melhores formas de usufruir de suas potencialidades.

Esse microcampo é o que, no levantamento realizado, conta com o maior número de lexias: vinte (20). Uma peculiaridade conduz a reflexões sobre as distinções dos sentidos, já discutidas no tópico 2.3.1, propostas por Coseriu, no que diz respeito às designações. Uma das proposições coserianas apontam para a inexistência dos chamados “sinônimos perfeitos”, que é ricamente exemplificada nesse microcampo. Desse modo, lexias que comumente seriam entendidas como idênticas, são apresentadas aqui enquanto distintas, por suas particularidades contextuais.

As lexias **rebanho** X **gado** X **criação** são bastante ricas nesse sentido. O que se percebe é a ampliação do sentido, em uma espécie de efeito *zoom*. Enquanto a primeira

lexia engloba quaisquer tipos de “ajuntamento de animais”, a segunda e a terceira apresentam, respectivamente, especificidades quanto ao tipo e ao objetivo desses ajuntamentos.

Entre as lexias **rez** X **rezinha**, nota-se uma especificidade relacionada ao falante: apesar de apontar o mesmo referente, a segunda denota a classe, ou as condições sociais de quem a utiliza.

As lexias **touro de costa**, **tourinho**, **zebu** também seguem a proposta da hierarquização ao delimitar as características do boi relativas à reprodução no rebanho e às funções de cada tipo de animal. As lexias **vaca** e **novilha** distinguem-se a partir do critério da idade, sendo que a última, com as mesmas características da primeira diferencia-se por ser mais tenra. A mesma relação pode-se observar entre as lexias **bizerro** e **boi**.

Entre as lexias **cavallo** e **burro** apresentam-se distinções tanto de ordem biológica quanto funcional, por exemplo, e ainda que ambos sejam usados como meio de transporte, suas características físicas é que determinam sua utilização na propriedade.

REBANHO (s.m.) – conjunto de animais a serem criados.

*...por esta circunstancia sabera VossaExcelência que numero de criações há retirada do seo **rebanho** ... (CV4, 1r, L.1)*

GADO (s.m.) – conjunto de animais em geral criados no campo, para serviços de lavoura, para consumo doméstico ou para outros usos.

*Notisças das fazendas vai todo Ruim os **gados** magros... (CV2, 1r, L.13)*

*...os **gados** nas fasendas vão mal de preço...(CV2, 1v, L.5)*

*...enquanto ao Coronel Passo e verdade que pegou 4 resis **gado** que por dereicto sagrado pertencia pertencerá aminha Mai... (CV4, 1v, L.19)*

*Estou aqui deretiro, ios **gados** no rio, até oprezente nada de chuvas... (CV5, 1v, L.8)*

*...desde 15 de junho que ajunto **gado** passando no Curral... (CV6, 1v, L.8)*

*...tem causado o gran-de prejuiso, e sim a péste, prin-cipalmente no **gado**... (CN10, 1r, L.16)*

*...facultei ao Domin-gos Victor para dar agua ao **gado**... (CN10, 1v, L.12)*

*... fui ao velho Borges para ver se o Felis tirava o **gado**.... (CN18, 1r, L.9)*

*...diz o Felis que absolutamente não tira o **gado**... (CN18, 1r, L.12)*

*...quem botasse caxorro no **gado** delle que malava tanto lhe aparecesse de chum-bo... (CN18, 1v, L.1)*

CRIAÇÃO⁵⁶ (s.f.) – animais domésticos, que se vão criando em uma propriedade, e que servem para alimentação do homem.

*... a casa honde elle vivi, com uma **criação** de cabra ...- (CV4, 1v, L.6)*

*...para dar enpelis, de **creação**; por esta circunstancia sabera VossaExcelência que numero de **criações** há retirada do seo rebanho ...-(CV4, 1r, L.20)*

*... o prejuiso que Vossa Excelência se acha soffrendo na **creação** de gádos, devido a falta de chuvas (CN3, 1r, L.10)*

*.... para dar agua ao gado ou outra qualquer **criação** (CN10, 1v, L.13)*

*...assim saberá que numero de suas **criações** há retirado de seo rebanho... (CV4, 1r, L.1)*

[CRIA] (s.f.) – animal recém-nascido na propriedade, que está a ser criado.

*... tenho cinco **crias** do anno de 7 e 8... (CV5, 2r, L.19)*

VIVERES (s.m.pl.) - animais que servem como alimento.

*...o processo para o trabalho das mesmas são diffíceis e de[s]pendiosos; os **viveres** por preços nunca vistos... (CN10, 2r, L.7)*

REZ (s.f.) – qualquer animal quadrúpede que serve para alimento do homem: boi, cabra, carneiro, ovelha, porco, vaca, etc.

*...e verdade que pegou 4 **resis** gado que por dereicto sagrado pertencia pertencerá aminha mai...(CV4, 1v, L.16)*

*....pode fugir uma **rez**, como defato tenho uma vacca que já fui vèlla no jacurisci.... (CV5, 1r, L.18)*

⁵⁶ Ocorre variante *creação*.

*...todas as semanas estou oumando ario porque de-omento pode fugir uma **rez**, iapé nao pos-so seguilla... (CV5, 1v, L.2)*

[REZINHA] (s.f.) – referente a rês, animal do rebanho, indicando poucas posses, modéstia por parte de seu possuidor.

*Eu tenho feito todos os meios dever seme iscapassem essas 4 **rezinhas** e 2-cavallos que ainda tenho... (CV5, 2v, L.13)*

*... si mever obrigado comêr oresto das **rezinhas** que tenho...(CV5, 2v, L.18)*

[CABESSA]⁵⁷ (s.f.) – peça de rês; forma de contagem dos animais de uma propriedade.

*... porque tenho ainda Deus louvado umas quatro vaccas ... e por que istou esperando Deus sendo cervido brevemente das 4 tornarce 8 **cabessas**... (CV5, 2r, L.5)*

*Com certeza 10 vacas poreem faltão trez que não aparessem julgo que não são vivas morreu uma novilha de 6., IB na noite de 8 tambem morreu um boi crêio que ao tudo 18 **cabesças**.... (CV6, 1r, L.16)*

BOI (s.m.) – o touro castrado, animal ruminante, da família dos bovídeos, destinado principalmente a serviços de lavoura e carga e à alimentação do homem.

*...morreu um **boi** crêio que ao tudo 18 cabesças... (CV6, 1r, L.15)*

*... se Vossa Senhoria mandar purgar alguns **boi** mande 1 coveiro ...(CV6, 2r, L.10)*

TORO DE COSTA (exp.) – touro utilizado como reprodutor no rebanho.

*... morreu um boi crêio que ao tudo 18 cabesças, o **Toro de costa** está vivo... (CV6, 1r, L.16)*

⁵⁷ Ocorre variante *cabesças*.

TOURINHO (s.m.) – touro novo.

*Sobre o meo **tourinho** e o do meo amigo o Sr. Lopes, não póde haver Negocio... (CN8, 1r, L.15)*

ZEBÚ (s.m.) - espécie de touro indiano que compreende várias raças, via de regra, corpulento e dotado de grande corcova cheia de reservas nutritivas, e chifres pequenos.

*...Faço seguir no dia 18 os **zebús** de sua encom-menda... (CN8, 1r, L.2)*

*mandar a estação marítima preve-nir ao agente para logo que chegue os **zebús** providenciar para o embarque de bordo (CN8, 1v, L. 13)*

*...para não lhe causar transtorno em sua viagem faço seguir com os **zebus** dirigido ao agente da estação Marítima... (CN8, 1r, L.20)*

*Excelentissimo Senhor Barão de Geremoabo Junto o conhecimento dos dous **zebús** de sua encomenda, já em- barcados em direcção a estação Marítima (CN9, L.3)*

*...pois ahi che-ga em adiantamento de algumas horas dos **zebus**... (CN9, L.9)*

*O **zebú** branco grande, o preço de um conto de reis, era só para Vossa Excelência. (CN9, L.12)*

VACA⁵⁸ (s.f.) – fêmea do touro.

*... o prejuizo que tevi nesta Fazenda, Com certeza 10 **vacas**... (CV6, 1r, L.11)*

*... pode fugir uma rez, como defato tenho uma **vacca** que já fui vèlla no jacurisci.... (CV5, 1r, L.19)*

*...mas sim por que tenho ainda Deus lovado umas 4**vaccas**... (CV5, 2r, L.2)*

*...Com uma só **vacca** eu mi arrumaria... (CV5, 2r, L.8)*

*...mas indo asema-na passada aorio pegar uma das rifiridas **vaccas** emcontreias nesse istado. (CV5, 2r, L.9)*

NOVILHA (s.f.) – qualquer rês fêmea ainda bastante nova, de aproximadamente três anos de vida, que ainda não procriou.

⁵⁸ Ocorre variante *vacca*.

*Este negocio que lhe afreqüento e in>dependente das 2 **novilhas** que lhe mandei oferecêr aos dias passados, dos quaes ainda não tive resposta até o presente ... (CV5, 2r, L.11)*

*...cujá **novilha** (aminha) fui vendella ao Sr. Rajmundo, esse tratou di compralla, ou para Vossa Excelentissima ou para elle... (CV5, 2r, L.13)*

*...morreu uma **novilha** de 6., IB na noite de 8... (CV6, 1r, L.13)*

BISERRO (s.m.) – cria macho da vaca que tem menos de um ano.

*...o Toro de costa está vivo já tirando (...) um **Biserro**... (CV6, 1r, L.17)*

CABRA (s.f.) – fêmea do bode

*... a casa onde elle vivi, com uma criação de **cabra** ... (CV4, 1v, L.6)*

[CABRITO] (s.m.) – cria da cabra enquanto mama.

*... pergunte ao seo vaqueiro novo quantos **cabritos** engeitados recebeo...- (CV4, 2r, L.10)*

CAVALLO (s.m.) – animal quadrúpede herbívoro, doméstico, solípede, da classe dos mamíferos, da categoria dos equinos.

*...mandeme por elle um animal, não queria nem quero meo **cavallo** no cazode estar bom... (CV5, 1r, L.14)*

*...sem um burro emprestado enquanto chove que o **cavallo** possa vir... (CV5, 1r, L.15)*

*Não vi o **cavallo** do Jose Neves porque está em Simão Dias... (CN18, 2r, L.8)*

*...remetolhe o**cavallo** que vim montado... (CV5, 1r, L.9)*

Eu tenho feito todos os meios dever seme iscapassem essas 4 rezinhas e 2-cavalllos... (CV 5, 2v, L.14)

*Visto ao **cavallo** que Vossa Excelência accu-sa o presente foi do seu afilhado... (CN15, 2v, L.6)*

BURRO (s.m.) – animal estéril, híbrido, produto do cruzamento do cavalo com a jumenta ou da égua com o jumento, geralmente usado como animal de carga.

*...mandeme por elle um animal, não queria nem quero meo cavallo no cazode estar bom, sem um **burro** emprestado enquanto chove que o Cavallo possa vir... (CV5, L.)*

CAXORRO (s.m.) – animal mamífero, da ordem carnívoros, da família dos canídeos, novo e pequeno que desde tenra idade é criado junto ao rebanho.

*...quem botasse **caxorro** no gado delle que malava tanto lhe apparecesse de chum-bo... (CN18, 1v, L.1)*

3.1.3 MALES DOS ANIMAIS

Ainda pensando na hierarquia entre os campos, apresentam-se os “males dos animais”, totalizando cinco (05) lexias, a fim de expor as situações de doença e exposição natural às quais os animais estavam expostos. Aqui foram elencados basicamente nomes de enfermidades que assolavam os animais dos rebanhos, seja por razões naturais, como geralmente ocorria na seca, como no caso da **mortandade**, ou por infecções diversas, como por exemplo, **peste**, **sarna**, **carapato**⁵⁹. Desse modo, a **magresa da criação** era um estado inicial de que os animais não gozavam de boa saúde, o que poderia provocar uma **mortandade**, e assim por diante.

MAGRESA DA CRIAÇÃO (exp.) - estado físico enfraquecido, debilitado.

*...ainda não tivemos secca igual, não é somente a falta de pastagens e **magresa da criação** de toda espécie... (CN10, 1r, L.14)*

MORTANDADE (s.f.) – mortalidade; a morte em grande quantidade e/ou de uma só vez.

⁵⁹ Apesar de ser um animal, optou-se por elencar **carapato** no microcampo dos males dos animais pela associação imediata feita entre o mesmo e as doenças que transmite, e não necessariamente suas características animais.

*O honrado e zeloso Domingos Victor tem da-do as melhores providencias, mais não tem conseguido esbarrar a **mortandade**. (CN10, 1v, L.5)*

PÉSTE (s.f.) - doença contagiosa grave, epidemia, pestilência.

*...não é somente a falta de pastagens e magresa da criação de toda especie, que tem causado o gran-de prejuiso, e sim a **péste**, prin-cipalmente no gado... (CN10, 1r, L.16)*

SARNA (s.f.) - afecção cutânea e contagiosa, causada por ácaros que variam com a espécie.

*Tenho estado muito do-ente de antrazes e parece-me **sarna** estou em remedio. (CN18, 2r, L.3)*

CARAPATO (s.m.) – aracnídeo parasita que atacava os rebanhos, prendendo-se à pele dos animais, geralmente transmissor da moléstia do gado chamada “tristeza” ou “febre-do-Texas”.

*Notisças das fazendas vai todo Ruim os gados magros e muito **Carapato**.- (CV2, 1r, L.14)*

3.1.4 ELEMENTOS DA NATUREZA

Objetivando uma mais refinada intervenção na natureza, o homem precisa conhecer adequadamente o seu entorno. Assim o microcampo dos **elementos da natureza** apresenta a configuração da paisagem do Sertão, destacando suas particularidades, possivelmente antes de uma intervenção mais efetiva do homem. Por se tratar de uma região constantemente castigada pela falta de chuvas, as lexias deste campo relacionaram-se pelos temas: água e vegetação.

Assim, as lexias fazem alusão à falta de chuva (por exemplo, a lexia **secca**) ou à presença dela, sob diferentes perspectivas, ora enfatizando sua proporção, cumprindo ou não as expectativas do povo (por exemplo, **chuvada**, **fazer ágoa**, **fazer água em pedra** e **chuvinha**), ora seus efeitos sobre a vegetação (**subir o capim**, **aramar**).

CHUVADA-(s.f.) - chuva em abundância.

*...felismente no dia 27 tivemos uma **chuvada** que sérvio muito fez agoa para dois meses...(CV1, 2r, L.5)*

[FAZER AGOA] (exp.) - chover abundantemente a ponto de reabastecer os reservatórios de água.

*...felismente no dia 27 tivemos uma chuvada que sérvio muito **fez agoa** para dois meses... (CV1, 2r, L.6)*

[FAZER AGUA EM PEDRA] (exp.) - chover de forma irregular e insuficiente para molhar a terra, sendo a água das chuvas era retida em fendas nas rochas.

*As chuvas aqui foráo aparecen-do no dia 26 para 27 de Abril porem finas que muito custou molhar oxam durante este tempo só **fasia agua em pedra** tanto ass-im que o verde não pode subir...(CV6, 1v, L.6)*

CHUVINHA (s.f.) – chuva fraca, insuficiente para regar a terra.

*...estas **chuvinhas** desaparece-rão desde o dia 6 fevereiro... (CV6, 1v, L.14)*

VERDE (s.m.) - capim, mato, vegetação rasteira que sirva de pastagem.

*...só fasia agua em pedra tanto ass-im que o **verde** não pode subir... (CV6, 1v, L.7)*

*desde 15 de junho que ajunto gado passando no Curral assignan-do i soltando por falta de **verde** e água... (CV6, 1v, L.10)*

CAPIM GUINÉ (s.m.) - planta da família das gramíneas, de folhas lanceoladas e inflorescência em panícula terminal.

*Muito breve mandarei a Vossa Excelência a semente do **ca-pim guiné**. (CN1, 2v, L.15)*

*Preciso que Vossa Excelência me ordene, para que logar quer que remetta a semente do **capim guiné**” (CN2, 1v, L.8)*

SEMENTE DO GUINÉ (exp.) – semente da planta “capim guiné”

A semente do Guiné, antes de receber a carta de Vossa Excelência, já eu a tinha remetido para Alagoinhas (CN3, 1r, L.14)

[SUBIR O CAPIM] (exp.) - reverdecer, renovar a grama, crescendo alguns centímetros.

*...mais afastado tem pasto que sempre **subio o capim** porem agua só no Itapicurú estas chuvinhas desaparece-rão desde o dia 6 fevereiro... (CV6, 1v, L.12)*

[ARAMAR] (v.) - tornar-se verde, reverdecido, renovado (a grama ou o pasto)

*... de ontem para hoje pareses ter chuido em alguns lugares o pasto **arama**... (CV1, 2r, L.8)*

AGUA (s.f.) - abastecimento de riachos e/ou açudes, disponível para uso dos animais.

*...mais afastado tem pasto que sempre subio o capim porem **agua** só no Itapicurú estas chuvinhas desaparece-rão desde o dia 6 fevereiro... (CV6, 1v, L.13)*

SECCA (s.f.) - estiagem prolongada, ausência de chuvas.

*A **secca** aqui é somente d'agua, temos boas pastagens, os campos se achao bastantes verdes. (CN1, 2v, L.11)*

*Já deve estar sciente da horrivel **secca** que a-ctualmente persegue estas zonas ... (CN10, 1r, L.8)*

*... ainda não tivemos **secca** igual... (CN10, 1r, L.12)*

3.1.5 ESPAÇO GEOGRÁFICO

O presente microcampo apresenta não apenas as paisagens, mas as mesmas, já tendo experimentado certa intervenção do homem. As seis (06) lexias apontam para a atuação do sertanejo sobre seu entorno, até mesmo em alguns casos, como meio de sobrevivência. Assim **sertão** abarca todos os “espaços” ali conhecidos, mas nessa

paisagem naturalmente seca, o homem busca o cultivo, através da **lavoura** e das **pastagens**, a primeira para produção de alimento e a segunda para atender às demandas da criação de gado. A lexia **aguada**, *a priori* apresenta uma relação sinonímica com a lexia **chuvada**, do microcampo dos elementos da natureza, mas dela se distingue porque enquanto a última aborda o volume das chuvas, a primeira focaliza a ação humana de aproveitar-se dessas águas. As **águas thermais** aludem diretamente às fontes térmicas de água, ainda atualmente existentes em cidades do Sertão baiano.

SERTÃO (s.m.) – região do Nordeste brasileiro onde há o predomínio do clima semi-árido e da caatinga como vegetação; apresenta acentuados períodos de estiagem, e a criação de gado prevalece sobre a agricultura.

Já deve estar sciente da horrivel secca que actualmente persegue estas zonas do nosso sertão... (CN10, 1r, L.10)

LAVOURA (s.f.) – espaço de terra usado para cultivo de gêneros agrícolas.

Isto por aqui ja está bastante sêcco, haven=do ainda gádos gordos e muita lavoura... (CN4, 1r, L.14)

...com a crise, fica-mos aqui, inteiramente sem braços para lavoura... (CN5, 1v, L.13)

PASTAGENS (s.f.pl.) – espaço de terra onde o gado pode pastar; erva própria para alimentação do gado.

Ainda não tivemos secca igual, não é somente a falta de pastagens... (CN10, 1r, L.13)

A secca aqui é somente d'agua, temos boas pastagens, os campos se achao bastantes verdes. (CN1, 2v, L.12)

AGUADAS (s.f.pl.) – reservatórios de água de uma propriedade agrícola; açudes.

...as nossas aguadas facultei ao Domin-gos Victor para dar agua ao gado ou outra qualquer criação... (CN10, 1v, L.11)

CACIMBAS (s.f.) – buraco que se cava até encontrar água; poço de água potável; fonte.

*...as **cacimbas** estão escassas d'agua, o processo para o trabalho das mesmas são difficeis e de[s]pendiosos (CN10, 2r, L.3)*

*...o processo de quebrar pedras nas **cacimbas** com bombas de dinamite, estopim, brocas e etc... (CN10, 2v, L.17)*

AGUAS THERMAIS (exp.) - águas térmicas; alusão às cidades de Caldas do Jorro ou de Cipó-BA

*Sou de opinião que as **aguas thermais** d'aqui ja teem perdido parte da força salutifera que dispunhão para a cura de certas enfermidades... (CN17, 1v, L.5)*

3.1.6 INSTRUMENTOS

Destacam-se neste microcampo duas (02) lexias referentes à realização das atividades laborais do homem do Sertão: a **capanga** que sempre é retomada quando pretende-se caracterizar o homem do Sertão, e a **jaula**, também essencial para a realização das atividades tanto dos vaqueiros quanto dos negociantes de gado.

CAPANGA (s.f.) - utensílio para conduzir objetos pequenos, semelhante a uma bolsa, em geral feita de couro.

*... uma banda levava dentro de uma **capanga** grande q'elle tem ... (CV4, 1v, L.7)*

JAULA (s.f.) – gaiola para acomodar o gado para fins de transporte.

*Alem de tres pequenos que posso ceder| conforme a escolha de um conto a conto e| dusentos, fôra a **jaula**... (CN8, 1r, L.23)*

3.1.7 QUALIFICADORES

A partir do campo léxico dos qualificadores, observou-se a intervenção do homem em seu entorno desta vez a partir de um olhar mais criterioso, já que adjetiva a si mesmo e suas relações. As doze (doze) lexias que compõem o campo geralmente referenciam as relações e as qualidades humanas, como as lexias: **inteirado** e **presente**, que apresentam uma relação sinonímica sobre o fato de alguém ter ciência a respeito de algo, e as lexias **moroso**, **financeiro** e **extenso**, que apontam para uma caracterização pontual do sujeito, relacionada a situações específicas. As lexias **cháro**, **aquinhado** e **salutifera** dialogam entre si, na medida em que apontam para situação externa, favorável a alguém, seja relacionada à natureza ou às relações interpessoais, já as lexias **malfadada** e **encomodado**, apesar de também remontarem a situação externa, por sua vez referem-se a algo adverso.

[ENGEITADO] (adj.) - rejeitado pela mãe, no caso o animal não recebeu os cuidados da mãe ao nascer (amamentação, etc).

*... pergunte ao seo vaqueiro novo quantos cabritos **engeitados** recebeo...- (CV4, 2r, L.10)*

MOROSO⁶⁰ (adj.) - lento, tardio.

*...com esta noticia os que voltarão para caza estão de novo saindo e uma revulção **moroza**... (CV1, 2r, L.2)*

*Tenho sido muito **morôso** em dar-lhe minhas noticias... (CN1, 1r, L.8)*

MALFADÁDA (adj.) - que tem mau fado, má sorte desditoso, desgraçado

*Eu continúo na mesma attitúde, soffrendo de quando em vez, o despotismo do barbaro chefe; (um bandido, que **malfadada** politica do nosso paiz, elevou-o!... (CN1, 1r, L.12)*

ARRANJADO (adj.) - alcançado, obtido.

*Preciso que Vossa Excelência me ordene, para que logar quer que remetta a semente do capim guiné, pois já se acha **arranjáda**. (CN2, 1v, L.8)*

⁶⁰ Ocorre variante *moroza*.

*Depois da chegada do offi-ci-al de policia **arranjado** pelo commercio da Capital... (CN2, 1v, L.10)*

INTEIRADO (adj.) - ciente

*Recebi a carta de Vossa Excelência firmada em 19 do mez próximo findo, de cujos amaveis dizeres fico **inteirado** (CN3, 1r, L.5)*

FAZER PRESENTE (exp.) – tornar ciente, com conhecimento sobre algo.

*Acceite-Recommendações- do Dr. Fasano, Vigario manoe Maria, e de muitos outros amigos, a quem tambem **fiz presente** das recommendações que Vossa Excelência enviou-lhes. (CN3, 2r, L.3)*

[CHÁRO] (adj.) - querido, importante, especial.

*Será para mim incomparavel a satis=facção, se VossaExcelência com todos que lhe são **cháros** estiverem em gôso da mais vigorosa saúde” (CN4, 1r, L.10)*

[AQUINHOADO] (adj.) - retribuído, recompensado.

*Tenho apreciádo os últimos movimentos da politica da nossa Patria, mas são tantas opiniões relativas, que o meu espirito não tem concebido, o que há e se seremos **aquinhoádos** com o que há muito esperamos. (CN4, 1v, L.11)*

ENCOMMODADO (adj.)- Doente, debilitado

*Sinto profundamente dizer-me que <anda> **encommodado**; estimarei que ja se ache restabellecido de sua preciosa saúde. (CN6, 1r, L.5)*

FINANCEIRO (adj.) - atento às questões econômicas; que evita desperdícios; econômico.

*O Domingos Victor é muito **financeiro**, e n'estas occasioes não há geito se não fazer-se grandes dispesas... (CN10, 2v, L.10)*

EXTENSO (adj.) – prolixo, com longa duração.

*Disculpe-me de ter sido tão **extenso**... (CN16, 3r, L.12)*

SALUTIFERA (adj.) - que proporciona saúde.

*Sou de opinião que as aguas thermais d'aqui ja teem perdido parte da força **salutifera** que dispunhão para a cura de certas enfermidades (CN17, 1v, L.7)*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A retomada de fontes históricas escritas como subsídio para a pesquisa científica remonta aos séculos. São ricas as possibilidades de leitura e abordagens dos materiais textuais, visto que oferecem ao leitor mais do que material linguístico, permitindo-lhe uma verdadeira incursão histórica a partir dos dados fornecidos pelos escritores / autores.

A pesquisa aqui proposta possibilitou esse olhar mais aguçado sobre a escrita de personagens da história que figuraram, até então, no anonimato, visto que apresentou os perfis dos vaqueiros e negociantes - remetentes enquanto sujeitos – agentes em seu contexto sócio-histórico, já que o foco da análise voltou-se para suas respectivas ocupações. Assim, partindo-se da leitura de documentos específicos, foi possível, traçar um perfil geral tanto desses remetentes, quanto do destinatário (o barão), enquanto representantes da sociedade sertaneja.

A fim de melhor elucidar tais relações, foi feita, na primeira sessão do texto, a contextualização histórica da época em que as cartas foram escritas, focalizando a abordagem no sistema trabalhista em fins do século XIX, particularmente nas profissões dos remetentes: vaqueiros e negociantes. Após uma abordagem geral, foram apresentados dados biográficos mais específicos dos remetentes dos documentos que compuseram o *corpus* de pesquisa. A sessão é encerrada ao apresentar informações de ordem estrutural a respeito da carta enquanto gênero textual, no que tange às suas particularidades composicionais.

A proposta de análise linguística dos documentos foi corroborada pelas correntes teóricas que propõem a relação direta entre língua – sociedade – cultura. Tal fundamentação foi apresentada na segunda sessão, iniciando-se por uma abordagem histórica dos estudos linguísticos, desde às propostas de análise dos povos indianos, gregos, latinos, até as dos comparatistas do século XIX, chegando aos estruturalistas. Nesse ponto, especifica-se a exposição nas correntes linguísticas que propunham um olhar mais apurado sobre as questões semânticas, tendo por objeto de análise o léxico, mui especificamente a semântica diacrônica estrutural proposta por Eugênio Coseriu.

Na terceira sessão, foi apresentada a organização do léxico do trabalho, de acordo com a proposta metodológica coseriana, através do levantamento dos significados das lexias, ao propor a conceitualização a partir do contexto de uso **no texto**, o que confirmou a importância e a intrínseca relação entre léxico e cultura. A organização das lexias a partir do campo léxico do **trabalho** e sua posterior subdivisão em microcampos possibilitaram um olhar mais apurado a respeito da proposta metodológica coseriana, ao entender a língua como um sistema organizado e passível de estruturação. Tal proposta de apresentação lexical pode comprovar que o léxico utilizado por um povo está atrelado a suas vivências e valores coletivos.

Ainda que muitos dos significados então apresentados ainda estejam em uso atualmente na cultura sertaneja, tornou-se importante tal levantamento contextual a fim de que tais sentidos sejam registrados para fins de preservação do patrimônio cultural/linguístico da Bahia, já que a intensa dinamicidade lexical poderá, no futuro, ocasionar a perda de algumas das lexias, caso não sejam documentadas.

Foi acreditando nessa interrelação, que se estabeleceram como fonte justamente documentos que foram elaborados em contextos reais de relações pessoais e profissionais estabelecidas com o barão de Jeremoabo. Desse modo, os resultados encontrados demonstraram que o uso de determinados itens lexicais compõe um dos patrimônios culturais de um povo e um olhar investigativo mais específico sobre as questões do léxico, contribuem para uma maior valorização cultural desses sujeitos-usuários da língua.

As cartas escritas ao barão de Jeremoabo, enquanto parte do patrimônio cultural baiano, estão disponíveis para que outros tantos olhares investigativos sejam nelas focalizados, a fim de enriquecer ainda mais as possibilidades de estudo aqui iniciadas, pelo menos no que tange à organização do léxico em campos.

REFERÊNCIAS

ABBADE, Celina Márcia de Souza. Vocabulário sisaleiro: a língua revelando traços culturais. In: **Cadernos do CNLF**, Vol. XIV, N.2, t.2. p. 1760-1771, 2010. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xiv_cnlf/tomo_2/1760-1771.pdf> Acesso em: 16 ago. 2011.

ABBADE, Celina Márcia de Souza. **Um estudo lexical do primeiro manuscrito da culinária portuguesa medieval**: o livro de cozinha da Infanta D. Maria. - Salvador: Quarteto, 2009a.

ABBADE, Celina Márcia de Souza. Aplicação prática da teoria dos campos lexicais. In: ABBADE, Celina Márcia de Souza (Org.). **O léxico em questão**. Salvador: Universidade Católica do Salvador. Instituto de Letras: 2009b. CD-ROM. p. 37-66.

ABBADE, Celina Márcia de Souza. O Estudo do léxico. In: TEIXEIRA, Maria da Conceição Reis; QUEIROZ, Rita de Cássia R. de; SANTOS, Rosa Borges dos. **Diferentes perspectivas dos estudos filológicos**. Salvador: Quarteto, 2006. p. 213-225.

ALVES, Maria Ieda. Neologia e Tecnoletos. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri. (Org.) **As ciências do Léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. 2.ed. Campo Grande, MS: Ed. da UFMS, 2001. p. 25-31.

ALVES, Maria Ieda. Contribuição ao estudo do vocabulário da habitação: a palavra casa nos Dicionários da Língua Portuguesa. In: **Anais do Museu Paulista**. São Paulo. N. Sér. v.5, p. 163-172 – jan./ dez. 1997. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/anaismp/v5n1/05.pdf>> Acesso em 25 ago. 2011.

BAKTHIN, Mikhail (Voloshinov, V.N.). **Estética da criação verbal**. São Paulo, Martins Fontes, 1992.

BALDINGER, Kurt. **Teoría Semántica**: hacia una semántica moderna. Madrid: Ediciones Alcalá, 1970.

BARATA, Carlos Eduardo de Almeida; BUENO, Antônio Henrique da Cunha. **Dicionário das famílias brasileiras**. Vol.I. São Paulo: Íbero-América, 2000.

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37. ed. rev., ampl., e atual. conforme o Novo Acordo Ortográfico. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Teoria Linguística**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001a (Coleção leitura e crítica).

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri. (Org.) **As ciências do Léxico**:

lexicologia, lexicografia, terminologia. 2.ed. Campo Grande, MS: Ed. da UFMS, 2001b. p. 13-31.

BOSI, Eclea. **Memória e sociedade**: lembrança dos velhos. São Paulo: T.A. Queiroz, EDUSP, 1983.

BRANDÃO, Marcos Sampaio. O sistema de produção na Bahia sertaneja do século XIX: uma economia de relações não-capitalistas. In: **Campo-Território**: revista de geografia agrária, v.2, n.4, p. 62-81, ago. 2007.

CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais. **Cartas Brasileiras (1808-1904)**: um estudo lingüístico-filológico. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas. Campinas: São Paulo, 2005. Vol. 1 e 2.

CARVALHO JUNIOR, Álvaro Pinto Dantas de. Canudos: a posição do barão de Jeremoabo. In: SAMPAIO, Consuelo Novais (org.). **Cartas para o Barão**. 2 ed. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2001. p. 17-29.

COOK, Tery. Arquivos pessoais e institucionais: para um entendimento arquivístico comum da formação da memória em um mundo pós-moderno. In: **Estudos históricos**. Rio de Janeiro, v.11, n.21, p. 129-150, 1998.

COSERIU, Eugenio. **Sincronia, diacronia e história**: o problema da mudança linguística. Trad. de Carlos Alberto da Fonseca, Mário Ferreira. Rio de Janeiro: PRESENÇA- Editora da Universidade de São Paulo, 1979

COSERIU, Eugenio. El estudio funcional del vocabulario: compendio de lexemática. Trad. Marcos Martínez Hernández. Rev. por el autor. In: COSERIU, Eugenio. **Gramática, semántica universales**: estudios de lingüística funcional. Madrid: Gredos, 1978. p. 206-238.

COSERIU, Eugenio. Introducción al estudio estructural del léxico. In: COSERIU, Eugenio. **Principios de semántica estructural**. Trad. Marcos Martínez Hernández, rev. por el autor. Madrid: Gredos, 1977. p. 87-142.

COSERIU, Eugenio. Sistema, norma y habla. In: COSERIU, Eugenio **Teoría del lenguaje y lingüística general**: cinco estudios. 2.ed. Madrid: Gredos, 1967. p. 11-113.

CUNHA, Euclides da. **Os sertões**: campanha de Canudos (1902). São Paulo, Brasiliense. 1985.

DANTAS, Monica Duarte. **Fronteiras movediças**: relações sociais na Bahia do século XIX (a comarca de Itapicuru e a formação do arraial de Canudos). São Paulo: Aderaldo & Rothschild: Fapesp, 2007.

DIAS, Denise Gomes. **Os segredos da Arte**: um olhar etnolinguístico sobre os carpinteiros navais do Baixo Sul da Bahia. Feira de Santana: UEFS Editora, 2009.

DOURADO, Lise Mary Arruda. **Ifá lexical**: o léxico de terreiro em Tenda dos Milagres, construção identitária do povo-de-santo. Dissertação (Mestrado)-Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas. Campus I. Salvador, 2010.

FARACO, Carlos Alberto. Estudos pré-saussurianos. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. **Introdução à lingüística**: fundamentos epistemológicos. Vol.3. 4. ed. – São Paulo: Cortez, 2009. p. 27-52

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2 ed. rev. aument. 20. imp. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1986.

FIGUEIREDO, Cândido. **Dicionário da língua portuguesa**. 14 ed. Amadora: Bertrand, 1973. 2v.

FISCHER, Steven Roger. **Uma breve história da linguagem**: introdução à origem das línguas. Trad. Flávia Coimbra. São Paulo: Novo Século, 2009.

FURTADO, Celso. **Formação Econômica do Brasil**. 34 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GALVÃO, Walnice Nogueira. **O Império do Belo Monte**: vida e morte de Canudos. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2001.

GECKELER, Horst. **Semántica estructural y teoría del campo léxico**. Vers. esp. de Marcos Martínez Hernández. Ver. por el autor. Madrid: Gredos, 1976.

GUIRAUD, Pierre. **A Semântica**. Trad. e adap. Maria Elisa Mascarenhas. Col. Saber Atual. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

IHERING, Rodolfo von. **Dicionário dos animais do Brasil**. 3.ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2005.

ISQUERDO, Aparecida Negri. Vocabulário do seringueiro: campo léxico da seringa. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri. (Org.) **As ciências do Léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. 2.ed. Campo Grande, MS: Ed. da UFMS, 2001b. p.91-100.

LOPES, Edward. **Fundamentos de linguística contemporânea**. São Paulo: Ed. Cultrix, 1995.

MARCUSCHI, Luiz A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva *et all* (Org.) **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003, p. 19-36.

MARQUES, Maria Helena Duarte. **Iniciação à Semântica**. 6 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **Caminhos da linguística histórica**: ouvir o inaudível. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MEDRADO, Joana. **“Terra, laço e moirão”**: relações de trabalho e cultura política na pecuária (Geremoabo, 1880-1900). Dissertação de mestrado. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas: São Paulo, 2008.

ORLANDI, Eni. **Análise do discurso**: princípios e procedimentos. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009.

PETTER, Margarida. Linguagem, língua, lingüística. In: FIORIN, José Luiz (org.) **Introdução à Lingüística**: objetos teóricos. São Paulo: Contexto, 2007. p.11-23.

QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de. Para que editar? A filologia a serviço da preservação da memória baiana. In: TEIXEIRA, Maria da Conceição Reis; QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de; SANTOS, Rosa Borges dos. (Orgs.) **Diferentes perspectivas dos estudos filológicos**. Salvador: Quarteto, 2006. p. 141-157.

RAMANZINE, Haroldo. **Introdução à linguística moderna**. São Paulo: Ícone, 1990.

SANTOS, Adalberto S. **Tradições populares e resistências culturais**: políticas públicas em perspectiva comparada. Tese apresentada ao Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília, 2007.

SANTOS, Denise Gomes Dias. Modos de fazer e modos de dizer: reflexões sobre linguagem e trabalho. In: **Sitientibus**, Feira de Santana, n.29, p. 9-27, jul./dez. 2003.

SAUSSURE, Ferdinand de, 1857-1913. **Curso de Linguística Geral**. Org. Charles Bally, Albert Sechehaye. Trad. Antonio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. – 27.ed.- São Paulo: Cultrix, 2006.

SOTO, Ucy. **Cartas através do tempo**: o lugar do outro na correspondência brasileira. Niterói: EdUFF, 2007.

TIERNO, João Cayolla. **Dicionário zoológico**. Lisboa: Edição da Tertúlia Edípica, 1954.

TEIXEIRA, Maria da Conceição Reis. O estudo do léxico, o conhecimento da cultura. In: ABBADE, Celina Márcia de Souza (Org.). **O léxico em questão**. Salvador: Universidade Católica do Salvador. Instituto de Letras: 2009b. CD-ROM. p.129- 137.

ULLMANN, Stephen. **Semântica**: uma introdução à ciência do significado. Trad. J.A. Osório Mateus. 4.ed. Fundação Calouste Gulbenkian: Lisboa, 1964.

VILELA, Mário. **Léxico e gramática**. Coimbra: Almedina, 1995.

ANEXO - TRANSCRIÇÃO DAS CARTAS

Conforme explicitado na introdução, a opção pela utilização dos documentos obedeceu a proposta de edição realizada por Carneiro (2005).

As únicas modificações realizadas no texto foram as seguintes:

as linhas obedecem à escrita dos autores, e não a opção de Carneiro, que separou as linhas por barras verticais; a partir do fac-símile disponibilizado pela mesma em sua tese, se levou em conta a escrita de acordo com os originais, efetuando-se assim a contagem das linhas;

a numeração das cartas contou com um novo código, a partir das profissões que exerciam e em ordem alfabética dos nomes dos remetentes. Segue tabela explicativa a respeito da correspondência entre a organização proposta anteriormente por Carneiro, e a organização estabelecida neste trabalho:

Numeração de Carneiro (2005)	Numeração no texto	Profissão do remetente
C398	CV1	Vaqueiro
C430	CV2	Vaqueiro
C431	CV3	Vaqueiro
C444	CV4	Vaqueiro
C445	CV5	Vaqueiro
C491	CV6	Vaqueiro
C311	CN1	Negociante
C312	CN2	Negociante
C313	CN3	Negociante
C314	CN4	Negociante
C315	CN5	Negociante
C333	CN6	Negociante
C353	CN7	Negociante
C399	CN8	Negociante
C400	CN9	Negociante
C409	CN10	Negociante
C410	CN11	Negociante
C411	CN12	Negociante
C417	CN13	Negociante

C424	CN14	Negociante
C425	CN15	Negociante
C428	CN16	Negociante
C429	CN17	Negociante
C490	CN18	Negociante

Quadro 02 – Correspondência entre as numerações das cartas

CARTA CVI

1r

São Jose, 5 de Dezembro de 1896

Excelentissimo Sr. Barão de Geremoabo

Comprimento a *vossa Excelência* juntamente á *Excelentissima* família, a quem com⁵ respeito visito. O fim desta e dizer vus o que succedeo no Uaua no dia 21 do *proximopassado* o que *Vossa Excelência* ja deve ter sabido, o depois do álar-¹⁰me feito fui ver mesmo para contar de vista contei no patrio da rua do lado do conselhero 74 fora os que estavam por fora mortos e baliados creio¹⁵que segundo o que dizem mor eu *mais* de sem, os soldados

1v.

¹dizem que morerão 10 e voltarão alguns feridos, as cazas de negocio forão queimadas- emfim foi uma derota io⁵depois constame que conde nam os moradores do lugar *que* forão falsos os soldados aqui acho em justo. consta *tambem que* nesta outra batalha se ogover-¹⁰no for feliz, *manda* acaba com os-moradores do uáuá depois do aconticido áqui. *tambem* ouve 5-mortes no canudo ums com os-outros. na ocazião do fogo¹⁵no árebalde de 5 legoas não fecou gente em caza neste meios o *por* aqui so não sahio eu. Com esta noticia os que voltarão *para*

2r.

¹caza estão de novo saindo

e uma revolução moroza. Eu

pudi sair *quando* mi [...]ver apertado

no contrario não. *felismente* no dia

⁵27 tivemos uma chuvada que ser

vio *muito* fez agoa *para* dois mezes

de ontem *para* hoje pareses ter chuvido em alguns lugares o-

pasto arama esta bem prici

piada, esperamos milhora.

¹⁰Vou deita esta carta na ma-

la de Patamute, na[o] sei se *Vossa Excelência*

a recebera o depoes que nos

emcomtramos não tive mais

cartas de *Vossa Excelência* se escreveome

¹⁵estou por receber. sem mais

com estima DE *Vossa Excelência* Vaqueiro res

peitador e *criado*

Domingos Victor de Jesus

CARTA CV2

1r

Geremoabo 19 de *setembro*⁸⁰ de 1903

Ao *Excelentissimo Senhor* Barão de Geremoabo

Deos Garden avossa*excelencia* e a *excelentissima* família

a quem Respetosamente visitamos - -

⁵premeiro que todo notisças dos

Suphrimento de goanorrinha

a 5 mes que Sophre e continoa

mal tenho dado *muito* Remedio

e não poder gosar saudi

¹⁰tem sido *para* mi um Grandi

desmantell-o asim Seja o *que Deus*

e servedo __ Notisças das fazendas

vai todo Ruim os gados magros

e *muito* Carapato.. Remetolhi

¹⁵pelo o *Senhor coronel* Themotes martens

da phonçesca a quantia

de Reis 600\$ <*para vossa excellencia*> Remeter

ao *Senhor Doutor* Paulo phontes

1v.

com mais vagar e *que* ha de

mandar toda conta corrente

e somente *para* operceitos com

Dinheiro que aposei aqui im Recebi-

⁵mento - -os gados nas *fasendas*

vão mal de preço...

Romão continua melhor

vossa excellencia Poder aveliar o meus

vechami no mas Aseite

¹⁰Noças visitas Desponha

de seo *vaqueiro* Respeita-

dor obrigado e criado

João Victorino de Carvalho

CARTA CV3

Baixa, 4 de *setembro* de 1898

Excelentissimo Sr. meu amo.

He o portador da presente o Alipe
lí contara de minha vida sobre
⁵o trabalho da grande peleja em-
que <mi> vivo por rasão da grande ceca
Deus não dando chuva daqui
para oitubro estou resolvido a hir fa-
zer uma prensa de folho no Ja-
¹⁰curiciy desta ocasião isto envio arame
para privar o prejuizo no arame
As aguas do rio tem desaparecido por
seterem tirado o gorfo que o digitaca-
va guarda Agua para beneficio
¹⁵não ei encontra nem para disfu-
rtarun. por agora nada adianto
ficara para vista quando *Deus* for cer-
vido. Recomendo minhas obedi-
encias a Vossa *Excelência* e a *Excelentissima* familia
²⁰João Vieira de Andrade

CARTA CV4

1r

18 de *setembro*⁴⁷ de 1899

Excelentissimo Senhor Barão Geremoabo
Terei praser que esta emcontre *VossaExcelencia*
e a Excelentissima família

⁵com saude emuitas felicidades.

Teve presente sua participação, que
ahi; lhe foi dar parte meu irmão,
dizendo-lhe, que eu, acabo com ellas,
furtando; nome, que grassas áobóm

¹⁰Deos nunca gozei, somentes agora,
por crê visinho, não de vaqueiros di
dúas susuárana; mande *por* pessoa
de sua comfiança, perguntar, assim
Xiquinho, da Boa vista que hoje es-

¹⁵ta assistindo na Misção, por ter p=
lantado aróis no cercado de Pedro
Barretto; se já Recebeo do meu ir-
mão, aquantia de 25\$000 *reis*, o 30 –
que tomou, ou mandar tomar; *para* dár

²⁰enpelis, de creação; *por* esta circon-
stancia sabera *VossaExcelência*
que numero de|

1v.

criações há retirada do seo rebanho;
não há muitos dias que estando
meos filhos e genro na Roça *quando* meu
irmão chega lá de siguida *para* a casa

⁵honde elle vivi, com uma criacão de
cabra uma banda levava dentro
de uma capanga grande q'elle tem,

e foi da-lha, o troco de litros di
milho; e não fátúro Outros factos

¹⁰*por* ter vergonha; pergunte a elle
odia que eu encontrei elle pega=
do com o filho Manoel; em um to=
matoma, de Ovelhas; *quem*, tomou; *quem*,
pegou; *quem*, comeu; e *quem* furtou; per-

¹⁵gunte aelle; *enquanto* ao Coronel Passo e
verdade que pegou 4 resis gado *que*
por dereicto sagrado pertencia
pertencerá *aminha* Mai, como

2r.

já tentei provár e não decha-
ru de tentár, *pois* tenho provas de
Canudo; *por* pessoa que lá esteve e viu
amorte dos filho do Déa e este
⁵inda sobrevivio nove dias prezo
por isso eu não timia o processo que
o Passo tentou; Sinto foi eu não
as ter vindido, forão espamado
na istrada; pergunte as seo *vaqueiro*
¹⁰ novo *quantos* cabritos engeitados recebeo
que eu n'este recinto mais
logo terei alguma couza adizér;
o conego Agripino retirou as delle *por*
que só Parião *para* engeitár;

¹⁵Sou com muita estima e comcede-

cão

De Vossa *excelencia*

Criado Obrigado respeitador amigo

JosedosSanctosNascimento

CARTA CV5

1r

Barras 24 de janeiro de 1900

Excelentissimo Sr. Meu amo

Desejolle acontinuação de boa saude, em companhia da Excelentissima familia a quem vizitamos. Passamos sem altera-

⁵cão grassas a Deus. Tenho lheescrito 2 cartas, i ainda

não tive resposta de nenhuma até ofazer desta

hoje porem denovo torno afazêr. Estou aqui deretiro,

ios gados no rio, até oprezente nada de chuvas, E portador desta

ocompadre Jose moreno, por quem remetolhe ocavallo que

¹⁰vim montado, vai magro não por motivo detra-

balho, que não me prestou cervisço algum, o morino

levara odelle tambem para não acontecer como o outro.

Mandeme por elle um animal, não queria

<nem quero> meo cavallo no cazo de estar bom, sem um bur-

¹⁵ro emprestado emquanto chove que o cavallo possa vir

nem tambem para tão grande percizão de carregar

da feira um bocado, sim por que demomento

pode fugir uma rez, como defato tenho uma

vacca que já fui vèlla no jacurisci, e mais dos dias es-

²⁰ta remetendo seguir, eu estou longe, apezar de

1v.

todas as semanas estou oumando ario porque de-

omento pode fugir uma rez, iapé nao pos-

so seguilla, por tanto tenho muita nessecidade do ani-

mal como já disse. Outro sim, sei do meo com-

⁵promisso que já tenho comsigo, tenho percurado me-

us recurços daqui, daculá, e que hoje estou rezolvi-

do imcomodado, não tenho geito, para vêr siassim

posso trevessar oresto destacruz; tendo nós inverno

Deus sendo cervido, sei que Vossa Excelentissima (pois assim me disse) não

¹⁰adiaanta mais dinheiro avaqueiro quem todavia ainda mesmo assim

miatrevo, e comfio em sua generozidade que há de-

miauxiliar no seguinte sentido. Quero 100\$ de-

emprestimo, não adimito que mi os impreste para ofu=

turo, sim pode crêr que tenho grande nessicidade, e

¹⁵não deixa<rá> de me os mandar, apesar que essa quantia para

mirimir daqui até termos da roça, não medara

para passar, porem é muito abusar, emfim que sevêr que ainda

tenho crincia para maior quantia me mandara, do contra-

rio os 100\$ espero sêr sem falta 2º

²⁰minha nessecidade

que lhe confesso sêr bom delles (não podendo espe-

rar para ofuturo) na ocasião da partilha, nao

2r.

comfiandome *somente* nella, mas sim por que tenho
ainda *Deus* lovado umas 4vaccas *ifelizmente* boas
dita por *que* <não> se arremedeia com ellas e por *que* istou es-
perando *Deus* sendo cervido *brevemente* das 4 tor-
⁵nar-ce 8 cabessas visto *que* estão anbas para parirem
anão sêr isto não miéra tão difícil fazer esta *quantia*
pois as feiras teem *prezentemente* estado boas, *que* com
uma só vacca eu mi arrumaria, mas indo asema-
na passada aorio pegar uma das rifiridas vaccas
¹⁰emcontreias nesse istado. Este negocio *que* lhe a-
freqüento e in>dependente das 2 novilhas *que* lhe man-
dei oferecêr aos dias passados, dos *quaes* ainda
não tive resposta até *oprezente* cuja novilha (*aminha*)
fui vendella ao Sr. Rajmundo, esse tratou di
¹⁵compralla, ou para *Vossa Excelentissima* ou para elle, eu *porem*
de-sejo *que* fique para afazenda, e então dê suas proveden-
cias mandando para o mesmo Sr. Raymundo justal-
la, eferalla, apesar de estar no rio anbas. Te
nho 5 crias do anno de 7 e 8, e deste anno tenho 6 eis
²⁰pero daqui para o meio do inverno <pegar> uns 10 bezer-
ros pouco mais omeno. O Jose Moreno veio a mim, com

2v.

vercoume segundo oestado delle, evaquei-
risça, *que* seacha *perfeitamente* sem o menor
recurço vendo morrer afome com a *familia* sem
poder sahir para ganhar para da alli poder dar
⁵de comer aos filhos, em virtude disto, (diz el-
le ié exato) ou larga ou sabe *que* morre, eu
então não tendo geito adar, enem posso
receber afazenda desde *quando* não posso enem é
possivel ficar responcavel aoscompri=
¹⁰miços delle, então vai asua prezença
para assim vêr em *que* fica, orapaz vai < mal > eassim
mais alguas. Eu tenho feito todos os meios
dever seme iscapassem essas 4 rezinhas e 2-
cavallos *que* ainda tenho, para vêr seassim adi-
¹⁵ante me ajudava combater meus compre-
miços *porem* em fim não sei só *Deus* osabera.
As partilhas agora só *quando* havêr nao? Si-
mever obrigado comêr oresto das rezinhas
que tenho, desêjo *que* comprias para ficarem na fazenda
²⁰
Sempre as ordens como sabe

P.S.

Con estima Seo vaqueiro obrigado e grato
vai oreibo do *dinheiro* que Jose Lins Barreto

entreguei ao Sr. Capitam
²⁵Raymundo Correia

CARTA CV6

1r

Lagôa do Bras 10 de Julho
de 1890

Meu Ammo e amigo

Grande praser terei si esta

⁵for em contrar *Vossa Senhoria* gosando
perfeita Saude junto a *Excelentissima*
familia *aquem* nos visitamos

Agora é me é possivel com
monicar a *Vossa Senhoria* o prejuízo *que*

¹⁰tevi nesta Fazenda., Com cer
teza 10 vacas *porem* faltão trez

que não aparessem julgo *que* não
são vivas morreu uma novilha

de 6., IB na noite de 8 *tambem*

¹⁵morreu um boi crêio *que* ao tudo

18 cabeças, o Toro de costa está

vivo já tirando 6lg um biserro

Não avaliei pugar este anno

um 20 bizerros por cazo da *grande*

²⁰sêca *porem* já assignei 40 é talvez

1v.

Passi dois outrus.

As chuvas aqui foráo aparecen-

do no dia 26 *para* 27 de Abril

porem finas *que* muito custou molhar

⁵oxam durante este tempo só

fasia agua em pedra tanto ass-

im *que* o verde não pode subir

desde 15 de *junho* *que* ajunto gado

passando no Curral assignan-

¹⁰do i soltando *por* falta de verde

e agua mais afastado tem

pasto *que* sempre subio o capim

porem agua só no Itapicurú

estas chuvinhas desaparece-

¹⁵rão desde o dia 6 *fevereiro* *que* ama

nha faz tres semanas com

esta auzencia acabouci

osligumes; não <sei> como civivi

por *que* os curços estão a

²⁰cabados

2r.

Adeos aceite *Vossa Senhoria* com minha

Ama ios minino vossas visi-

tas epode dar suas ordens

o Seu *Vaqueiro* i fiel amigo o

⁵*brigado*

criado.

Tibertino Pereira de Mattos

PS.

se *Vossa Senhoria* mandar purgar alguns boi

¹⁰mande 1 *coveiro* porque tem algum que

os burros não purgam

CARTA CN1

1r

Monte Alegre 14 de Julho de 1898.

Illustrissimo e *Senhor* Barão de Geremoabo

Dezejo a *Vossa Excelência* muita

saúde e muitas felicidades, em compa

⁵nhia de vossa *Excelentissima* Família, a quem

eu e minha mulher, respeitosamente cumprimentamos. Tenho sido muito

morôso em dar-lhe minhas noticias,

e desta pobre e oprimida localidade:

¹⁰Eu continuo na mesma attitude, soffrendo de quando em vez, o despotismo do bárbaro

chefe; (um bandido, que malfadada

politica do nosso paiz, elevou-o!

Mas, firme e energico estou, e estarei

¹⁵sempre contra os abusos que aqui se dão.

1v.

Ainda continúa a abusar de nossa bondade, o celebre agente de correios d'aqui; hoje recebi uma carta da

Redacção da - Bahia, a qual me

⁵chegou as mãos, com indicio de aberta, assim como, devido a recla

mação, que fiz a poucos dias, por intermedio do Sr. J. B. de Castro Menezes

ao Sr. Administrador dos correios, este

¹⁰mandou a proposito a – Bahia – pela

mall da viação, para a devida experiencia, o que causou-nos prejuiso

porque até hoje (Bahia)! Temos lucrado muito com nossa mall parti-

¹⁵cular por santa Luzia, nem só por que temos nossas correspondências com mais urgencia, mas tambem não

2r.

nao ha extravio. Qualquer carta
que venha pela malla <da viação> não recebemos.

O Vianna mandou *para* aqui, um official
de policia, que tem se portado com a devi-
⁵da justiça e energia, o que muito tem de-
sagrado ao Bulas, pela razão de
não poder submettel-o, *para* cumprir
seus desmandos e injustiças. Chegou
a ponto o desespero do Sr. Bulas, por não
¹⁰se achar só no campo, que tem se
empenhado, com o Sr. Leitão, Juvencio
Alves e outros, *para* conseguir com o Gover-
nador a muda do distinto official
que sendo do governo, não desconhece que
¹⁵nós da opposição sabemos mais respei-
tar as leis, do que os Srs governistas, que
so quer a ladroeira, e assassinato etc etc.

2v.

Estes senhores vivem aqui sómente a conta
do erario publico, e nada mais, agora
com a noticia que a camara votou
um projecto que já passou em 2^a dis-
⁵cussão, concedendo 10:000\$ *para* a cons-
trucção de um açude aqui elles
estão se empenhando *para* que elles sejam
da commissão; se assim acontecer
não teremos açude e quando facção
¹⁰ficarão com 2/3 do capital.

A secca aqui é somente d'agua,
temos boas pastagens, os campos se
achao bastantes verdes. Muito breve
mandarei a *Vossa Excelência* a semente do ca-
¹⁵pim guiné.

Peço que *Vossa Excelência* me diga
alguma couza de novo, com relação a situa-
ção do paiz. Acceite recommendações
minhas, e de minha mulher, me recom-
²⁰mende aos Srs Doutores Janjão e Totonio.

P.S.

Aqui fico as vossas ordens
o Sr. Fasano envia-lhe
Sou de *Vossa Excelência*
²⁵muitas recommen

dações.

O mesmo

Attencioso Criado e obrigado

Alexandre Ferreira Moreira

CARTA CN2

1r

Excelentissimo Senhor Barão de Geremoabo:

Desejo a *Vossa Excelência*, os melhores bens da vida em companhia da Excelentissima Família a quem com muito respeito⁵ e estima, tomo a ousadia de cumprir e mentar. Confirmo minha carta ultima, da qual ainda não tive resposta. Communico a *Vossa Excelência* que minha mulher na tarde do dia 25 do corrente¹⁰ mez, deu a luz a uma criança do sexo masculino, “muito forte evivas”; continuando ella, e o recém-nascido, sem a menor novidade. Peço por tanto a *Vossa Excelência* que tome¹⁵ no rôl dos demais creádos, mais es-

1v.

este creadinho.

Rogo por tanto a *Vossa Excelência* que me faça o especial favor de scientificar aos Doutores João, e Totonio⁵ da mesma communicação.

Preciso que *Vossa Excelência* me ordene, para que logar quer que remetta a semente do capim guiné, pois já se acha arranjada. Depois da chegada do official¹⁰ de policia arranjado pelo commercio da Capital, a couza por aqui melhorou muito, isto é pelo menos os abusos não tem se reproduzido com

2r.

com tanto escandalo.

Espero que *Vossa Excelência*
nos envie noticias da situação,
pois as ultimas gazetas, nada nos
⁵tem guiádo.

Aqui no aguardo das
vossas ordens, fica o *Criado Attencioso e Respeitador*
Alexandre Ferreira Moreira
MonteAlegre, 28 *Julho* 1898

CARTA CN3

1r

Monte Alegre 1º de Setembro de 1898.

Excelentissimo Senhor Barão de Geremoábo:

Recebi a carta de *Vossa Excelência*

firmada em 19 do mez *próximo* findo, de cujos

⁵amaveis dizeres fico inteirado.

Desejamos-lhe saúde e bem estar e assim

a *Excelentissima* Senhora Baronesa, a quem eu

e America, nos recommendamos com

visitas. Lastimo muito, o prejuizo que

¹⁰*Vossa Excelência* se acha soffrendo na criação

de gádos, devido a falta de chuvas;

o mesmo está chegando *para* nos, pois

já nos achamos sem chuvas, a mais

de 40/dias. A semente do Guiné, antes

¹⁵de receber a carta de *Vossa Excelência*, já eu a tinha

remettido *para* Alagoinhas, ao cuidado-

1v.

ao cuidado do Illustre Senhor Dr. Graciliano,

de quem *Vossa Excelência* requisitará. A primeira semen-

te, que diz-me *Vossa Excelência* ter plantado, e que ain-

da não nasceu, logo que haja abundan-

⁵cia de chuvas, brotará. Esta semente que

agora remetti uma sacca, é de optima

qualidade, e quanto as despesas de trans-

porte não tem <nada> com *Vossa Excelência*. Em quanto

a politica do Campos Salles, fico em duvida

¹⁰só me parece que elle se agarrá aos

governistas, em fim o futuro nos dirá...

Aqui vamos indo por emquanto mais

garantidos, com a estada do official

mas parece, que elle nao permanece-

2r.

permanecerá aqui por muito tempo,
pois desde que elle aqui chegou, que
o Bulas agarrou-se com o grande Lei-
tão, *para* conseguir mudalo.

⁵Logo que o official aqui chegou, o Bulas
rompeu contra a sua authoridade, depois
que foi-se tornando difficil a muda
do mesmo, o Bulas commeçou de novo
a chegar-se até que afinal ligarão-se;

¹⁰Ex-que devido ao máu comportamento,
que tem os filhos do Bulas, surgiu de novo
uma discussão entre os dous, resultando
de novo a discordia; na qual continuam.

Se nao formos felizes com o novo presiden
¹⁵te, não sei o que será da Patria!...

2v.

Acceite-Recommendações- do Dr. Fasano,
Vigario manoel Maria, e de muitos outros
amigos, a quem tambem fiz presente
das recommendações que *Vossa Excelência* enviou-
⁵lhes.

Peço por tanto recommendar-me aos

Doutores Jâjão, e Totonio e receba *Vossa Excelência* e a *Excelentissima* Senhora Baroneza,
ecommmen-

dações minhas e de minha humilde com-
panheira, e nos queirão honrar sempre

¹⁰com suas amisades.

É excusado dizer-lhe que dispõe
dos exiguos prestimos do *Criado* de *Vossa Excelência*
Alexandre Ferreira Moreira:

CARTA CN4

1r

Monte Alegre 17 de outubro de 1900

Charo Amigo Compadre Sr. Barão:

Em primolôco acceite com a *Excelentissima* Família, muitas saudações e visitas

⁵que eu e minha família enviamos.

Recebi hontem a carta que *Vossa Excelencia* me dirigiu em 12 do mez *proximo* findo, de cujo

amavel contato fico sciente e respondo.

Será para mim incomparavel a satis=

facção, se *Vossa Excelência* com todos que lhe são

¹⁰cháros estiverem em gôso da mais vigorosa

saúde, ladeáda de mil felicidades.

Isto por aqui ja está bastante sêcco, haven=

do ainda gádos gordos e muita lavoura,

1v.

perdurando a crise commercial, de maneira que o paradello é notavel.

A safra do fumo que é o alimento da vida commercial neste anno em

⁵vista da escassez das chuvas, tornou-se reduzida. Tenho apreciádo os últimos

movimentos da politica da nossa

Patria, mas são tantas opiniões

relativas, que o meu espirito não

¹⁰tem concebido, o que há e se seremos

aquinhoádos com o que há muito

esperamos. Em todo caso, estou muito

2v.

satisfeito com as lições que tem tomado
(o inqualificavel (Vianna!) Podemos
conseguir por enquanto, a collectoria,
a agencia do correio e a não recom[en]da=
⁵cão do juiz Preparador. Li que as elei-
ções sao a 4 de Novembro, no entanto não
sabemos qual a chápa. Como não ignora
estamos aqui inteiramente as ordens de *VossaExcelência*
por tanto peço que me explique minunciosa=
¹⁰mente o que há. O perverso Bulas, conta muito
com o apoio do Severino. Recommende-me ao
Dr. Janjão e a Familia ao Dr. Totonho e disponha
dos exsiguos prestimos do *Compadre* e amigo Grato
Alexandre Ferreira Moreira

CARTA CN5

1r

Excelentissimo Senhor Barão de Geremoabo.

Desejo a *Vossa Excelência* a mais completa
saúde, em companhia de sua *Excelentissima*

Família, a quem eu e Nenem nos

⁵recommendamos com visitas.

Em 28 do mez *proximo* findo, Nenem

deu a luz, a uma creancinha

do sexo masculino, continuando am-

bos com saúde; por tanto desde já

¹⁰conte *Vossa Excelência*, com mais este creadinho.

Arrastado pela indizível *sympathia*

que o cultivado e nobre espirito, de *Vossa Excelência*

nos inspirou, conservamos desde então a

idéa de dar-lhe o nosso segundo filho,

¹⁵se Deus assim permitisse (*para* apadrinhal-o

servindo de madrinha a *Excelentissima Senhora* Baro-

1v.

nesa, (vossa carinhosa esposa.

Sei que não mereço, e mesmo torna-se

mui penosa a vinda de *Vossa Vossa Excelência Excelência*

aqui, (o que muito nos alegraria,

⁵por tanto no caso de vossas acceita-

ções, poderão constituir digo offerecerem

procuração ao aprecho amigo sr ni=

colau Fasano e sua *Excelentissima Senhora*

que de muito bom grado acceitara.

¹⁰Outro assumpto: Temos tido um pre-

juiso consideravel com a crise, fica-

mos aqui, inteiramente sem braços

para lavoura, o numero de sepulturas

de famintos, elevou-se a mais de mil, não se fallando na grande

¹⁵imigração, que extenuados morrerão⁷

2r.

nas estradas. Agora ja encher-
mos os campos verdes, e esperamos uma
pequena safra de fumos, que talvez
venha melhorar-nos.

⁵Tenho grande desejo de me avistar
com *Vossa Excelência*, para explicar-lhe umas
tantas couzas que andao por lá
com interpretação differente.

Acceite recommendações do velho Fasano

¹⁰e de sua familia.

Aqui achará sempre um crea-
do as vossas ordens

Alexandre Ferreira Moreira

P. S.

¹⁵Recommende-me aos *Doutores* O menino trouxe o nome

João e Totonio. de Hermes, será este

nome

Omesmo

ou outro que *Vossa*

20

Excelência indicar

Omesmo

CARTA CN6

1r

Razo 17 de Setembro de 1890.

Illustrissimo Excelentissimo Senhor Barão de Geremoabo.

Tenho presente suas tres estimadis-

simas cartas datadas de 8 de *setembro*, 11. do referido, e de 15 de Agosto passado

⁵Sinto profundamente dizer-me que <anda> en-

commodado; estimarei que ja se ache

restabellecido de sua preciosa saúde,

e que sua *Excelentissima* Familia, continue no

melhor vigor de saude e prosperida-

¹⁰de, quem eu com a *minha* familia vi-

sitamos. Tem havido irregularidade

nas chapas que tenho recebido; assen-

tamos em serem votados conforme as

listas que junto achará. Tendo vindo

1v.

Muito tarde, a ultima *para* Senador, não

pude conciliar os amigos pelo lado de

Sr. Dr. João dos Reis, e Dr. Virgilio Da-

mazio, *por* mais esforço que eu fizesse,

⁵como verá da *mesma* lista, e eu *Muito* me en-

teressei pelo Sr. Dr. Vir[gí]lio Damazio;. não podendo eu obter maior vota-

ção *para* elle, *por* Entender o eleito-

rado que elle não é catholico de fé.

Não sei se *Vossa Excelência* ficará satisfeito

¹⁰com as votações, *pois* foi o que pude. obter. Desejo que sejam triumphan-

tes n'este pleito, *pois* eu com o eleito-

rado assim desejamos. *Deus* louva-

do, correu tudo aqui sem maior

alteração. Quanto as Atas, houve

¹⁵accordo feito pelo Vigario *para* se-

guir *por* um próprio com dis-

2r.

tino ao *Excelentissimo* Sr. Conselheiro Freire de Carvalho; em vista d'isto não quiz fazer questão.

Sou com subida esti-

⁵ma de *Vossa Excelência* amigo *Obrigadissimo* Respeitador e Criado.

Antonio Ferreira da Motta

CARTA CN7

1r

Geremoabo 16 de Outubro de 1897
Excelentissimo amigo e Sr. Barão de Geremoabo
Cumprimentu-o affectuosamente
em companhia da Excelentissima Familia

⁵Recebi sua presadissima
carta de 8 do corrente na occa-
sião em que ainda se acha-
va aqui o amigo Joao Victorino,
não sendo possivel porem,
¹⁰ir por este a resposta visto
na ocasião não se achar
o Escrivão.

Examinei os autos, dos quaes
consta ter tocado ao finado

¹⁵Bricio as propriedades
da Cachoeira e não a meo

1v.

sempre lembrado Pae e nem
aos de mais herdeiros. As
propriedades constavão de
uma casa no valor do
⁵80\$000 e 2 casas no de
6\$000 reis, não existindo na-
da mais d'ellas.

Partirei breve para Pereiras
com o fim de trazer a

¹⁰ familia segundo as noti-
cias animadoras do esta-
do da guerra de Canudos.

As suas ordens tomo a
qui o de

¹⁵Vossa Excelência amigo obrigado criado
Baldoino Gomes

CARTA CN8

<Porto Novo>

16 Maio de 900

Excelentissimo Senhor Barão de Geremoabo

Faço seguir no dia 18 os zebús de sua encom-

⁵menda, devendo ahi chegar no dia 19 as 2 horas da tarde na estação Maritima, e como o conhecimento indo pelo correio só lhe será entregue

no dia 20 as 9 horas da manha, para não lhe causar transtorno em sua viagem faço

¹⁰seguir com os zebus dirigido ao agente da estação Maritima. Há toda convenien-

cia em mandar a estação maritima prevenir ao agente para logo *que* chegue os zebús providenciar para o embarque de bordo.

¹⁵Sobre o meo tourinho e o do meo amigo o Sr.

Lopes, não póde haver negocio, o Sr. Lopes não quer vender e o meo eu preciso d'elle, por ter

vindo da India não terei igual e nunca

por preço menor de oito contos.

²⁰Alem de tres pequenos que posso ceder

conforme a escolha de um

conto a conto e

duzentos, fóra a jaula; posso lhe vender

o grande branco por um conto de *reis*, con

²⁵forme meo telegramma.

Meo desejo é que o Sr.

Barão seja *muíto* felis e que os zebus

cheguem a Bahia em bom estado,

e possamos continuar a fazer algum

lv.

negocio com lucro para ambos.

Sempre *muíto* agradecido e as

suas ordens subscrevo-me com toda

estima e consideração.

⁵de *Vossa Excelência*

Amigo Criado *muíto* obrigado

FMarcondes

CARTA CN9

18 Maio 900

Excelentissimo Senhor Barão de Geremoabo

Junto o conhecimento dos dous

zebús de sua encomenda, já em-

⁵barcados em direcção a estação

Maritima, julguei melhor man-

dar-lhe o conhecimento, pois ahi che-

ga em adiantamento de algumas

horas dos zebús e em tempo de pro-

¹⁰videnciar para o seo embarque para

bordo do Pernambuco.

O zebú branco grande, o preço de

um conto de *reis*, era só para *Vossa Excelência* outro

qualquer me dará *mais* dusesentos mil

¹⁵*reis* porquanto eu o reputo não so

muito bem, como de boa filiação.

Reiterando meos protestos de

amidade e consideração, é meo dese-

jo que *Vossa Excelência* tenha boa viagem e

²⁰seja *muito* felis.

Sempre as suas ordens e

agradecido o

De *Vossa Excelência*

Amigo Criado *muito* obrigado

²⁵FMarcondes

CARTA CN10

1r

Patamutê 28 de Agosto de 1898.

Excelentissimo Senhor Barão de Geremoabo

Desejo-vos a melhor saude e toda sorte de venturas conjuncta-

⁵mente a vossa *Excelentissima* família

a quem respeitosa e eu com os

meus visitamos. Já deve estar

ciente da horrivel secca que a-

ctualmente persegue estas zonas

¹⁰do nosso sertão, e talvez *Vossa Excelência*

não esteja bem a par, ainda

não tivemos secca igual, não é

somente a falta de pastagens

e magresa da criação de toda

¹⁵especie, que tem causado o gran-

de prejuizo, e sim a péste, prin-

cipalmente no gado; não há

providencia que sirva, fassendas

(digni-se continuar)

1v.

há que nada ficará. O honrado e zeloso Domingos Victor tem dado as melhores providencias, *mais*

não tem conseguido esbarrar a

⁵mortandade, os vaqueiros por

sua vez, também esforçam-se da

melhor fôrma; os donos por *mais*

interesse que tenham tudo é perdi-

do; temos mandado salgar e

¹⁰sangrar nada aproveita; as

nossas aguadas facultei ao Domin-

gos Victor *para* dar agua ao gado

ou outra qualquer criação. A

Senhõra do *mesmo* Domingos foi

¹⁵accometida de uma grande

congestão cerebral a ponto de

perder a falla, e continúa

mal; pelas cartas d'elles o acho

(digne-se continuar)

2r.

desanimado, man só pelo incommo
do da Senhõra, como pelo preju-
iso; as cacimbas estão escassas
d'agua, o processo *para* o trabalho
⁵das *mesmas* são difficeis e de[s]pen-
diosos; os viveres por preços nun-
ca vistos, *farinha* o litro a 400 *reis*,
milho 500 *reis*, feijão 800 *reis* e não
há, o tranzito está quase corta-
¹⁰do, pela difficuldade de trans-
portes, é horrorosa a situação
em que nos achamos, Deus nos accuda!... Por noticia dos jór-
naes sabemos dos occorridos lá
pelo Rio divido a injustiça dos
¹⁵homens do governo; Deus os faz e
o diabo os une, deixal-os apo-
drecerem por si, é um verdadeiro
(digne-se continuar)

2v.

descalabrio, por toda parte este
mao governo, principalmente
na politicagem do Capim Grosso,
e já mais commigo como deve
⁵ter visto dos jórnaes; pelo correio
não escrevo a *Vossa Excelência* por que
não será entregue, assim avalio
por não ter tido resposta de car-
tas que já tenho remettido.
¹⁰O Domingos Victor é *muito* finan-
ceiro, e n'estas occasioes não há
geito se não fazer-se grandes
dispesas; se *Vossa Excelência* não der or-
dem espressa elle é muito receio
¹⁵so, acanha-se; assim como faci-
litar o processo de quebrar pedras
nas cacimbas com bombas de
dinamite, estopim, brocas e etc.
(digne-se continuar)

3r.

facilita muito o trabalho e pou
pa as dispesas, por aqui tem *quem*
saiba bombear e por preço commo
do. Fiquei muito saptisfeito

⁵com a questão a favor dos nos-
sos distintos Amigos Dr. João
Dantas e *Coronel* Olavo, elle tem
mettido as bótas no tal Juiz
de Direito Luccas Telles; aqui

¹⁰termino e sempre prompto a pres
tar-lhe o meu humilde serviço,
com alta estima e consideração
sou de *Vossa Excelência* Amigo
respeitador obrigado e criado

¹⁵Galdino Ferreira Mattos

CARTA CN11

1r

Patamutê 6 de Setembro de 1903

Excelentissimo Amigo Senhor Barão de Geremoabo
Que tenha feito feliz viagem encontrando <bons> todos da Vossa *Excelentissima* Família é o meu
⁵maior desejo. Eu com os meus continuamos sem menor alteração Aqui
estive meu cunhado o *Coronel* João Evangelista com a Família que vieram com o
fim de assistir o casamento de minha
¹⁰filha no dia 29 do *proximo passado* como estava marcado por não terem recebido comunicação da transferência do acto para o dia
15 dêste quando está marcado o casamento do Augusto. Conversando largamente
¹⁵mente em assumptos politicos pude con-

1v.

seguir uma solução favoravel ao nosso partido, como sabe meu cunhado é verdadeira influencia no Joazeiro tive fazendo-lhe certas considerações a respeito da actualidade e que elle não devia ficar no ostracismo collocado ao lado de uma politica sem vida, fallei-lhe sobre o bom desejo que
Vossa Excelência tinha para com elle encontrei um bom auxiliar a Alferes Theodomiro Ramos de Queiroz que é instructor do 9º seu verdadeiro adêpto é sobrinho de minha mulher. Achei o meu cunhado propenso a fazer politica com *Vossa Excelência* Cazo o considere como chefe ahi sem que venha molestar a influencia do nosso Amigo o Dr. José Ignacio, cazo o agrade meu pensamento escreva-me o mais breve possível que preciso hir até o Joazeiro.

CARTA CN12

1r

Patamutê 20 de Setembro de 1903

Excelentissimo Amigo Senhor Barão de Geremoabo.

Cumprimento-vos em primeiro lugar de-

sejando que tivésseis feliz viagem en-

⁵contrando os vossos a quem com os meus visitamos, no gozo de perfeita saúde e felicidades.

Respondo vossa presada carta de 8 do vigente a qual só hontem recebi.

¹⁰Sinto o incommodo da *Excelentissima Senhora*

Baronesa, e rogo a Deus *para* que seu restabelecimento seja completo, assim

como *que* vossa nora tenha felicis-

¹⁵simo parto. Fico também sciente da merecida recepção ao Dr.

Ribeiro lastimando dado *que* ainda se acha

elle completamente curado. Depois da segue

1v.

hida do Dr. Valladares ainda não tive noticias exacta sobre elle.

Já tinha lido recorte do Dr.

Fernandes da *Cunha* cuja morte não

⁵deixei de sentir *por* conhecer tradicionalmente suas virtudes.

Surprehende-me com a expulsão do Juiz de Direito do Bom Conselho não podendo avaliar o seu crime.

¹⁰Realisou-se no dia 16 deste os casamentos de *minhas* filhas, e pela felicidade *que* a ellas assegura Vossa *Excelência* summamente vos sou *mais* grato.

Esteve aqui o Dr. Guimarães o *qual*

¹⁵está muito satisfeito e reconhecido a Vossa *Excelência*. Quanto as minas cresce cada vez *mais* o seu valor pelas pedras ultimamente encontradas

2r.

e pelas pedras *que* vi em Cabeçu
do e Lagôa da Vacca *quando* na-
da conhecia disto, affirmo lá
existir mineral; nas nossas

⁵appareceu com *grande* percentagem
o alluminho não restando du-
vida a existencia do ouro e etc.

Nada resolverei sobre *nossa* mina
sem ser de accôrdo *com Vossa Excelência para*

¹⁰*o que* creio brevemente entender-me
pessoalmente com *Vossa Excelência*.

Remetto-vos a carta inclusa
que remettendo *para* Joazeiro *para*
Sinhô *que* alli estava afim de

¹⁵enviar-vos, não o encontrou *mais*;
peço-vos della toda reserva
e resposta urgente, *por* ser um
negocio somente entre nós. Aqui

2v.

estive meu Cunhado Janjam que
veio com muitos de *minha* familia suppon-
do *que* fosse dia 29 do *proximo* *passado* os ca-
samentos de *minhas* filhas, elle sentiu

⁵não ver-vos. Já foi embora contra
meu desejo o *nosso* amigo Antonio Valverde
cunhado do *Coronel* Bião. Queira accei-
tar nossas saudações e com fran-
quesa ordenar ao DE *Vossa Excelência*

¹⁰*Amigo* respeitador e criado
Galdino Mattos

CARTA CN13

1r

Ao *Illustre* Cidadão o *Excelentissimo* Sr

Barão de Gerimoabo-

Amparo 13 de Setembro de 1890

A melhor saúde com sua

⁵*Excelentissima* Família eu de *Coração* dezejo

a *Vossa Excelência* – Confirmo

minha carta dada a seodi-

gno Filho e Jose Americo na

Mãe da gua. Venha

¹⁰acudir nos em *minha* isua

casa <com *dinheiro*> *que* nos achamos pirdidos

protegendo, sempre os mi-

ninos conformi, lipidi

e trasendo insua *companhia*

¹⁵a *Excelentissima* Senhora Dona Edevirgem

que aqui junto esta car

ta para *Vossa Excelência* dar pro

videncia contando que

1v.

espero *que* serei filis

Creio *muito* nasua di

gna Pessoa e desua con-

ceituada Esposa *que* si

⁵quiser levar, logo o a

nil, vindo com *Vossa Excelencia*

leva. Com tanto que

venha em sua *companhia*

a Pessoa da inclusa

¹⁰carta. Invido sua

proteção para tal fim,

Deixo dihir pesso-

al por *que* temo omeo an-

dar virado no senti-

¹⁵do em *que* ando.

Tenho dado cartas

no mesmo sentido a Pessoas

mais; *Vossa Excelencia* está a di-

ante, e não repare isto

²⁰Dé por tanto desua

2r.

parte as providencia
que muito creio nellas.

Olhe *que* mi botão a
perder, e toda *minha* a
⁵flição, é a causa di
eu as vezes faser cer-
tas cousas, di tantas car-
tas, *mais* não tenho fê di
darem providencia.

¹⁰e por isto oprocuro.

como sempre o tenho
procurado *pois* em 1º
lugar istá sua digna

Pessoa, a cudanos48-

¹⁵Sou DE *Vossa Excelencia*

Amigo obrigado eCriado

Jeronimo A. Soares-

CARTA CN14

Geremoabo 25 de Outubro de 1900

Illustrissimo e Excelentissimo Senhor Barão de Geremoabo.

Muito estimorei que a prezença

⁵te vá encontrar Vossa Excelência e a Excelentissima Família fruindo vigorosa saúde.

Na qualidade de herdeiro e testamentário de meu sempre

lembrado pai e protector o

¹⁰finado Luis de Almeida

Maciel, venho pela prezença

te rogar a Vossa Excelência o obsequio

de mandar-me uma relação

do dinheiro deixado pelo meu

¹⁵mo fallecido, constante de acções,

caderneta e conta corrente

1v.

corrente do banco. Encontro

mos a ultima carta de Vossa Excelência

datada de 17 de Julho do corrente

anno e notta que a mesma

⁵acompanhou, mostrando pos

suir elle a quantia de Reis

38:032\$000 incluzive Reis

1:800\$000 que notara em poder de Vossa Excelência para com

pra de acções, não havendo

¹⁰porem, explicação minuci

osa sobre a caderneta e con

ta corrente. Espero que

2r.

Vossa Excelência na qualid[a]de de bom
amigo para com meo falleci-
do pae, seja hoje um dos
meos protectores.

⁵Aqui fico ao seo despor
pedindo permissão para
assignar-me de

Vossa Excelência amigo obrigado e criado
João de Almeida Maciel

CARTA CN15

Abrobreira, 9 de *Julho* de 1901.

Illustrissimo Excelentissimo Senhor Barão
Cicero Dantas Martinz

Que *Vossa Excelência* tenha excellentes mo=
⁵tivos *para* satisfação compartida
por todos de sua estima.

Levo ao conhecimento de *Vossa Excelência*
que no dia 12 do mes *passado* findo
deu=se o *cazamento* de sua *afilhada*

¹⁰Maria das Dores *Martinz*
com o meu *filho natural* João de-
Deus *Martinz* no Caritá,
com o *Padre Vicente Martinz*
dando-lhe nós a gratificação

¹⁵de cinquenta mil *reis* (50 000)
pois muito mais elle merecia visto

lv.

um bom serviço prestar; ella legou
do finado João Gualberto de *Miranda*
e Anna Feliz de *Oliveira*
já fallecida esta *afilhada* de=

⁵*Vossa Excelência* e da *Excelentissima Senhora*
Dona Baronêza. Em quanto as du-
as cartas *que* o meu cunhado
lhe escreveu de *pois* da mor=
tede meu tio e sôgro a=

¹⁰primeira que *Vossa Excelência* accuza
não ter recebido e a 2a
sem *dacta* esta foi escri-
pta em nossa caza

no dia 13 de *Março* do mesmo
¹⁵anno *pois* fui eu *quem* adi=
verti a elle *que* podia lhe es-
crever visto ter ficado
em logar de seu pay em

2r.

companhia de 3 irmãs, sendo
esta criança hoje nasceu
em 6 de *setembro* pois nasceu
de 1876, de *pois que Vossa Excelência*
⁵já era proprietario no Regalo,
desde *novembro*68 de 66 eu *que* vos
conheço desde sua infância
d'aquido Caritá fui *quem*
disse a elle *que* podia commu-
¹⁰nicar-lhe em logar de seus
pay, *que* a vossa palavra
sempre valeu e vale tudo.
E' este seu pobre patrício
e amigo rezidente n'esse lo=
¹⁵gar legado de Jose *Martinz* do Reis
e Anna Joaquina de *Jesus*
é este *que* lhe acompanhou como
votante desde *Fevereiro* de 73,

2v.

na qualidade de Eleitor desde
4 de *dezembro*69 de 1888, desde
do tempo da Monarchia;
de *pois* da Lei da Republica
⁵desde 26 de *outubro*70 de 95,
Visto ao cavallo que *Vossa Excelência* accu-
sa o presente foi do seu *afilhado*,
José Pereira, e não do João
Gualberto de Oliveira.
¹⁰No *mais* dê as ordens
a *quem* com es tima e lialda-
de é seu pobre amigo.
Obrigado e Criado Respeitador
João Martins dos Reiz

CARTA CN16

Tucano, 24 de Julho de 1897.

Illustrissimo e Excelentissimo Amigo Senhor Barão de Geremoabo-
Accuso recebido o presado cartão
de *Vossa Excelência* de 28 do mes passado e cumpre
⁵me scientificar-lhe que assignarei o
- Republicano - A minha demissão do
cargo de collector d'esta Villa foi dada
por influencia do Passinho a pedido
do Dr. Americo, Catão e João Prado, e logo
¹⁰que recebi tal communição vierão
immediatamente ante mim o Dr.
Americo e Catão dizer-me que não ti
nhão concorrido directa ou indirectamen-
te para tal fim, e que sim João Prado
¹⁵e Passinho, que ha mais de anno traba-

1v.

lharão para esta demissão e do Antero;
tanto assim que tinham exigido delle Dr. Um
documento contra mim e que se nega-
ra a isso. João Prado sabendo disto teve
⁵uma altercação de palavras com o Dr.
e confessou ter⁷⁶ sido este e o irmão os
principaes motores disso. Ousarão até
accusar-me e ao Domingos Torquato de
conselheristas, pois querem a todo tran
¹⁰ze destruir os amigos de *Vossa Excelência* e ao Vigario a
quem votão o mais intranhavel odio
A opinião geral é que forão elles, o Xico
Passo e tambem o José Americo, influ-
enciado por elles, quem derão tal denun
¹⁵cia, pois com a maldita questão conse-
lherista querem formar partido afim de

2r.

saciarem seus malevolos intentos querendo serem os mandões de todos os tempos. De tudo mais são elles capazes de praticarem debaixo da falsidade⁵ e depois se innocentarem perante o publico. Verdadeiro conselherista é o Xico Passo porque deu aposento e vestuario a um Caboclo que confessou ter matado a um official no¹⁰ combate de Moreira Cezar e o mandou para o Soure, segundo elle mesmo disse quando por aqui passou de viagem da casa de Jose Americo onde estava a passeio,¹⁵ no que Jose Americo não obrou bem concordando com isso, que

2v.

passou em sua casa – Conselherista é o Dr. Americo que foi propositalmente aos Canudos levar ao conselheiro uma avultada esmola – Conselherista é o Passinho que conserva em sua fazenda Olho d’Agoa um vaqueiro que alardea-se em dizer que matou[...] soldados na diligencia do Macete e¹⁰ conserva a espada do Tenente Virgilio – Este vaqueiro chama-se Marancó – Conselherista finalmente é o João Prado que tem como seu agregado e protegido um¹⁵ jagunço por nome Felisberto, que

3r.

tendo estado nos Canudos ainda
la se acha sua mãe – O Colle
ctor nomiado entrou em exerci-
cio e mora distante desta villa
⁵duas leguas na fazenda de seu|
pae, prejudicando assim as
partes por se achar summa-
riamente fechada a repartição
Não se pode mais sellar um pa-
¹⁰el como se tem muitas pesso-
as se queixado – Disculpe-me
de ter sido tão extenso Almejo-
lhe e a todos que são charos a
VossaExcelência saude e felicidades.
¹⁵De Vossa Excelência
Amigo Obrigado e criado
João Ramos da Silva

CARTA CN17

1r

Sipó, 2 de Setembro de 1898.

Illustrissimo e Excelentissimo Amigo Senhor Barão=
Almejo a Vossa Excelência e a sua Excelentissima Fa-
milia, a quem respeitosamente

⁵visito, saude e felicidades-

Accuso a recepção de sua

presada missiva datada

de 23 do mez *passado* findo, e agra-

deço-lhe cordialmente sua

¹⁰delicadeza e bons desejos

para comigo – Estive ulti-

mamente no Tucano, a for-

ça de negocio, onde me de-

morei 11 ou 12 dias – Já

¹⁵me acho muito melhorado,

graças a Deus, do meu encom

modo, *porem* supponho que me

será=

1v.

preciso persistir no uso dos ba-
nhos por mais ou menos dois

mezes, afim de completar

minha cura. Sou de opinião

⁵que as aguas thermais d'aqui

ja teem perdido parte da força

salutifera que dispunhão para

a cura de certas enfermidades,

analizando isso pela minha

¹⁰estada aqui no anno de 1890,

pois actualmente tenho visto

algumas pessoas, depois de um

longo espaço de tempo no uso

destas aguas, se retirarem sem

¹⁵se acharem curadas e quase

disso desvanecidas; no en-

2r.

tretanto n'aquella data, quase
sempre 30 a 60 dias apenas
erão sufficientes para curar
se, como succedeo comigo.

⁵Outras circumstancias accres-
sem que me fazem assim
crer – Sem auxilio de
remedios internos jamais pó
derá qualquer pessoa curar

¹⁰se salvo se o mal for
muito diminuto – Adeus
Sempre prompto aos seus servi-
ços, assigno-me, como sem

¹⁵pre, com muita estima

Seu amigo *affetuoso e criado obrigado*
João Ramos da Silva

CARTA CN18

Maria Preta 9 de *outubro* de 98
Excelentissimo Sr. Barão de Geremoabo
As pressas lhe escrevo *para* vê
se axo *quem* va *para* o Bom Conselho
⁵Fui ao Jose Luis logo *que* recebi sua carta e com elle conversei sobre o Felis, antes disto fui ao velho Borges *para* ver se o Felis tirava o gado e elle Bor-
¹⁰ges nada poudendo arranjar e diz o Felis *que* absolutamente não tira o gado o velho pedio muito *porem* não foi atendido, *depois* o Virge e este disse-me *que* não
¹⁵se metia nisto *que* o Felis dis-
-se ao Jose Deziderio *vaqueiro* de S.
Domingos *que* *quem* botasse caxor

1v.
ro no gado delle *que* malava
tanto lhe apparecesse de chumbo, estão os *vaqueiros* todos temorizados dizem *que* não brigão
⁵e disse-me o Varge *que* assim disse Raimundo é um *segundo* Conselheiro. Sobre o retiro *que* não retiram *por* hora *por* *que* tem dado umas chuvinha vamos ver
¹⁰em *que* fica *para* então determinar. A poucos dias lhe escrevi sobre meo negocio e hoje nada *tenho* a dizer *que* não *tenho* ainda resposta do vigario. Estou tirando a lama
¹⁵de S. Domingo a toda preça e orror lugares de 9 palmos e lugares de 8. hoje fui la ver

2r.

o servisso. *Tenho* estado *muíto* do-
ente de antrazes e parece-me
sarna estou em remedio.

Adeos muitas vizitas a todos

⁵De seo amigo grato
muíto obrigado.

Severo Correia de Souza

Não vi o cavallo do Jose Neves

porque está em Simão Dias

¹⁰por esta semana o Jose vai
buscar *para* ver se negocio